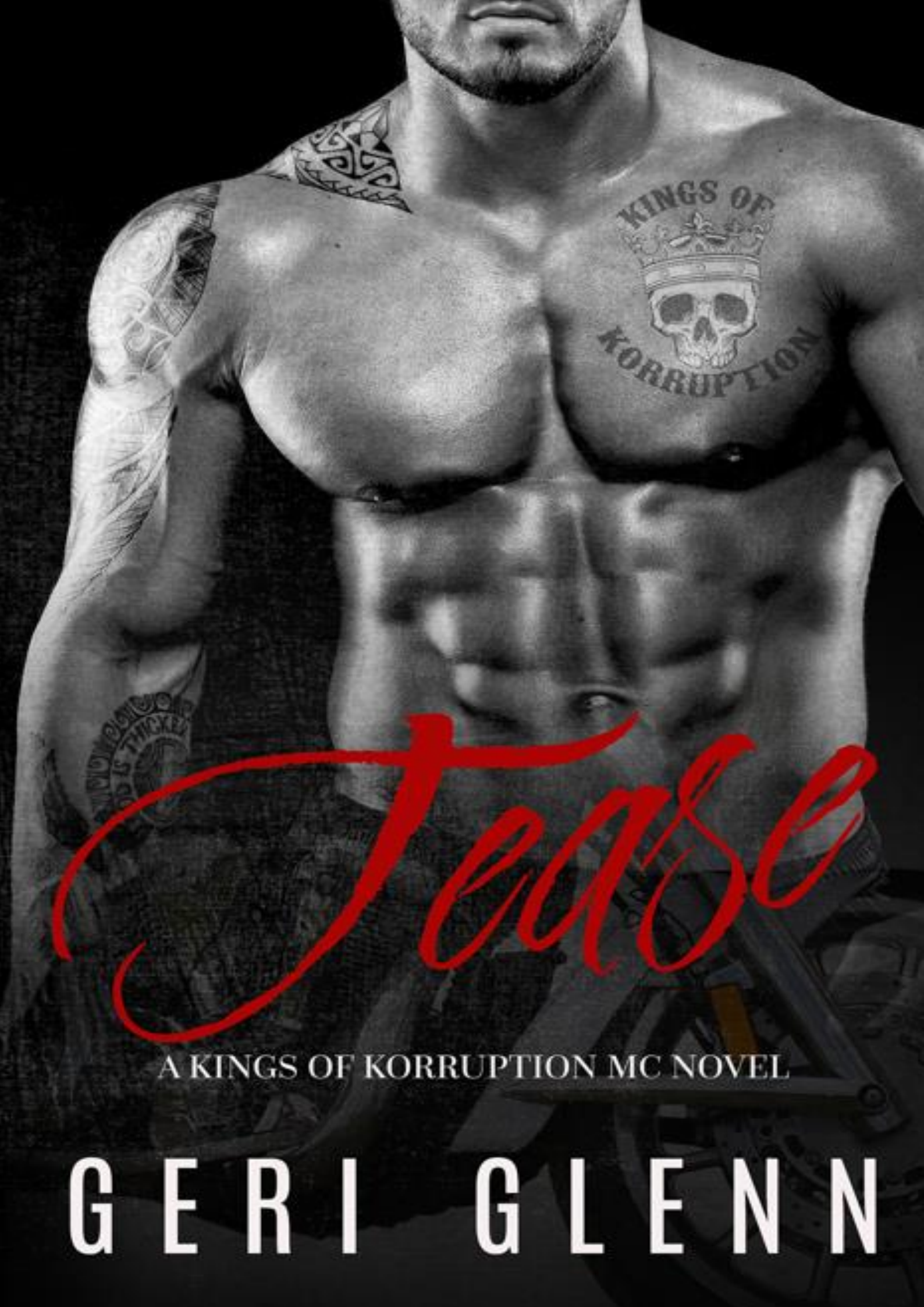


Tease

A KINGS OF KORRUPTION MC NOVEL

GERI GLENN



STAFF

DISPONIBILIZAÇÃO: FLOR DE LÓTUS

TRADUÇÃO: MIMIZINHA

REVISÃO: IRUH

REVISÃO FINAL: JANETE E ARACELLY

LEITURA FINAL: ANGEL

FORMATAÇÃO: AZALEA

SINOPSE

ELE É UM HOMEM QUEBRADO QUE NÃO CONFIA EM NINGUÉM. ELA É UMA MULHER CEGA PROCURANDO POR SEU CONTO DE FADAS.

TEASE É UM HOMEM DE POUCAS PALAVRAS. FORA DO CLUBE, ELE NÃO TEM AMIGOS, E É ASSIM QUE ELE GOSTA.

QUANDO ELE COLOCA OS OLHOS EM LAYNIE PELA PRIMEIRA VEZ, ELE SABE QUE ELA ESTÁ FORA DA LIGA DELE, MAS ISSO NÃO O IMPEDE DE OLHAR MAIS DE PERTO. LINDA E AGITADA, LAYNIE NÃO É COMO NENHUMA MULHER QUE ELE JÁ CONHECEU. SUA CONFIANÇA E INDEPENDÊNCIA O INSPIRAM A VER AS COISAS SOB UMA LUZ DIFERENTE.

MAS QUANDO SEU CLUBE É ATACADO E AS PESSOAS COMEÇAM A SE MACHUCAR, ELE SABE QUE É HORA DE DEIXÁ-LA IR. NÃO HÁ COMO ELE DEIXAR O CAOS DE SUA VIDA PREJUDICAR A ÚNICA PESSOA QUE O FEZ SE SENTIR HUMANO NOVAMENTE.

UM MODERNO "A BELA E A FERA", TEASE É O SEGUNDO LIVRO DA SÉRIE KINGS OF KORRUPTION MC. VOCÊ NÃO PRECISA LER RYKER PARA DESFRUTAR DE TEASE.



Tease

A

SÉRIE KINGS OF KORRUPTION MC

LIVRO DOIS

Laynie

Sorria quando estiver feliz, chore quando estiver triste e nunca tenha medo de tentar algo novo. Estas são as palavras pelas quais eu vivo. Só temos uma chance nesta vida, e pretendo viver da melhor maneira possível. Eu tive tudo enquanto estava crescendo. Popularidade, beleza, ótimos amigos e uma família perfeita. Mas então um dia, tudo mudou, agora sou cega. Eu nunca deixei isso me impedir. A vida é uma aventura e acredito em tirar o melhor proveito de todos os momentos.

Eu passo meus dias com um trabalho que amo, amigos online e um novo namorado sexy a cada semana. Eu sei em meu coração que um dia, meu próprio príncipe encantado virá e me apreciará exatamente como eu sou, não vou me conformar com nada menos. Conhecer Tease parece ser o começo do meu conto de fadas... Até que ele abre a boca.



Tease

Eu não confio em pessoas, nunca. Cada pessoa que já amei contribuiu, de uma maneira ou de outra, para o show de merda que é minha própria vida. Mantendo todos quem encontro a distância, eu trabalho duro para ser a estrela dos pesadelos da maioria das pessoas. As pessoas pensam que eu sou um monstro e honestamente, elas estão certas.

A beleza de Layie é o que me chamou atenção, mas sua personalidade é o que me segurou. Laynie é a única pessoa a me ver além da minha aparência e a que conseguiu quebrar as paredes que eu trabalhei tanto para construir. Eu farei o que for preciso para mantê-la. Quando as coisas esquentam com um clube rival, e Laynie é pega no fogo cruzado, eu vou libertar o inferno na terra para proteger a mulher que me faz querer confiar em alguém novamente. Quando as balas começam a voar e corpos começam a se acumular, mantê-la segura pode ser a última coisa que eu farei.

******Nota: Este livro contém violência, linguagem forte e situações sexuais descritivas. Destina-se a leitores maiores de dezoito anos.***

Dedicatória

Dedico este livro à minha mãe, uma mulher que me mostrou o que é preciso para ser uma mulher forte e independente e nunca desistiu de mim. Tivemos nossa parte de testes e, sempre, você esteve presente com amor e apoio incondicionais. Eu sou quem sou por sua causa. Obrigada por me fazer o tipo de pessoa que tem a coragem de alcançar as estrelas. Eu te amo, mãe.



Prólogo

—NÃO, AMIGO! SHHHH! — Puxo o pequeno terrier mais perto, tentando acalmá-lo e cala-lo. Se Rick o ouve latindo novamente, ele vai matá-lo. Ele disse isso assim mesmo. Rick é meu novo padrasto e ele é malvado. Ele cheira mal também. Nunca vou entender por que minha mãe teve que se casar com aquele grande idiota em primeiro lugar.

Sinto falta do meu verdadeiro pai. Ele foi o melhor pai de todos os tempos, mas no ano passado, quando eu tinha apenas oito anos de idade, ele morreu. Minha mãe me culpa. Eu sei que ela culpa, mesmo que ela diga que não é verdade. O chefe dos bombeiros disse que foi um incêndio elétrico. Eu estava dormindo quando os detectores de fumaça dispararam. O ar no meu quarto estava cheio de fumaça negra, me sufocando e tornando difícil respirar. Eu tentei tanto sair do meu quarto, mas a maçaneta da porta estava muito quente. Eu tentei abrir a janela também, mas eu não fui forte o suficiente para levantá-la. Eu estava preso.

Eu estava tão assustado. Buddy também estava com medo. Ele se arrastou para debaixo da minha cama e se enrolou em uma pequena bola, tremendo de medo. Eu estava gritando e chorando, tentando com toda a minha força abrir a janela. Eu até tentei quebrá-la, mas não fui forte. Depois de desistir da janela, me

arrastei debaixo da cama com Buddy e o abracei. Apertando os olhos fechados, orei para alguém me resgatar.

Foi quando ouvi um barulho alto quando meu pai quebrou a janela do lado de fora. Ele estava em pé em uma escada, como o meu próprio super-herói, gritando para eu ir em frente. Eu não conseguia alcançar Buddy, no entanto. Ele havia recuado ainda mais embaixo da cama, aterrorizado demais para sair. Eu me arrastei mais, ignorando a ordem de pânico do meu pai para me apressar. Chamas estavam se espalhando pelas paredes, e eu estava sufocando no ar imundo, tossindo e engasgando.

Assim que eu coloquei minha mão na coleira de Buddy, alguém agarrou meu tornozelo, puxando-me para fora debaixo da cama. Meu pai tinha entrado no quarto. Eu embalei Buddy no meu peito quando ele me virou, correndo em direção à janela. Ele colocou Buddy na minha camisa e me levantou sobre a borda da janela. Depois de esperar que eu colocasse meus pés, ele me olhou nos olhos e me disse para não olhar para baixo.

Eu consegui descer por volta de seis degraus quando o teto caiu. Meu pai nunca saiu do quarto.

Agora mamãe estava casada com Rick, ela o conheceu em algum bar há alguns meses e, em apenas algumas semanas, nos mudamos para sua casa, longe de qualquer um dos meus amigos. Papai teria odiado ele. Ele bebe demais e agora a minha mãe também. Ela mal fala comigo mais. Ela diz que eu pareço muito com meu pai, e dói até mesmo olhar para mim. Buddy e eu nos

mantemos calados a maior parte do tempo, mas quando eles começam a brigar, o que eles fazem muito, Buddy late.

Eles estão brigando agora e é por isso que Buddy não cala a boca. Ele não gosta quando Rick chama minha mãe de nomes desagradáveis mais do que eu, eu odeio que ele fala com ela assim, eu o odeio. Envolvendo minha mão ao redor do focinho de Buddy, eu me aproximo dele mais uma vez. Seu pequeno corpo treme de ansiedade.

Só então, a porta se abre, acertando a parede.

—Dê-me esse maldito cachorro! — Ele ruge. Rick está na porta, uma grande faca de açougueiro agarrada em seu punho. Pulando para os meus pés, eu bloqueio o corpo de Buddy com o meu.

—Eu te disse o que aconteceria se você não mantivesse essa porra quieta. Dê para mim!

—Não! — Eu grito. —Você não pode tê-lo! Ele é meu.

Rick entra no quarto quando a mamãe vem pelo corredor, lágrimas brilhando em suas bochechas. Eu pego Buddy, o afasto de Rick e olho freneticamente tentando achar um jeito de sair do quarto. Eu não sou rápido o suficiente. Rick avança, seu punho se conectando com a minha bochecha e me jogando de volta no chão.

Buddy salta dos meus braços, os dentes arreganhados enquanto ele rosna e agarra Rick. Mamãe está gritando alguma coisa, mas minha cabeça ainda está zunindo do soco que ele acabou

de me dar. Assim que eu sou capaz de ficar de pé, Rick coloca a mão no pescoço de Buddy e o levanta no ar.

Os pés de Buddy se esforçam para empurrar contra seu antebraço, os olhos arregalados. Rick ergue a faca na garganta de Buddy, pronto para cortá-la, roubando a única família que me resta desde que meu pai morreu.

—Deixe-o ir! — Eu corro, batendo nele de lado, fazendo-o perder o equilíbrio e fazendo-o soltar o pequeno cão. O longo braço de Rick se lança, agarrando-me pelo colarinho da minha camisa antes que ele me puxa de volta. Ele me joga no chão e sobe em cima de mim, me prendendo com seu corpo grande.

O ar está cheio dos meus gritos, dos gritos da minha mãe e dos constantes latidos do meu melhor amigo. A mão de Rick voa para fora, me dando um tapa na lateral da minha cabeça com toda a força. Eu paro de gritar, minha cabeça nadando. Eu posso ver a mãe puxando seu braço, tentando tirá-lo de cima de mim. Ele balança o braço, derrubando-a no chão também. Ele não se move quando ela aterrissa.

Voltando-se para mim, Rick ergue a faca na minha cara.

—Seu merda! Eu deveria te matar por isso. - Ele nem vê Buddy chegando. Buddy o empurra para o lado, agarrando-se ao braço dele, mordendo e tremendo como um Rottweiler adulto.

Com a mão livre, Rick se aproxima e agarra o cachorrinho pela cabeça mais uma vez. Levantando-o pela garganta, ele bate o braço violentamente para frente e para trás. Eu ouço um pequeno

uivo antes de Buddy cair no chão, a língua dele pendendo frouxamente pela boca.

Um grito angustiado escapa da minha garganta enquanto eu olho para o meu amado Buddy. Ele está morto, eu sei disso. Seus olhos sem vida estão olhando para mim enquanto Rick se vira para mim, zombando na minha cara enquanto tira sua faca. Ele coloca a ponta debaixo do meu olho, o aço frio pressionando o suficiente para tirar sangue.

—Eu vou te ensinar a não foder comigo. NUNCA! — Pressionando sua lâmina mais longe, ele a tira do meu olho, descendo pela minha bochecha e parando no meu queixo. A dor é excruciante quando ele corta minha pele. Eu grito de dor e humilhação. —Da próxima vez, vou matar você!

Ele agarra meus ombros e me levanta um pouco do chão antes de me bater de novo, minha cabeça acertando a madeira.

Parando, ele enrola o lábio para mim.

—Pedaço de merda. — Ele sai do quarto, deixando-me com meu cachorro morto, minha mãe inconsciente e meu rosto mutilado.



CAPÍTULO 01

Laynie

Eu coloco minha mão na maçaneta da porta e a abro quando alguém do outro lado a puxa para a frente. Com a minha mão ainda na maçaneta, eu cambaleio para frente, rapidamente colocando minhas mãos na minha frente para evitar que meu rosto acerte a calçada. Eu não faço isso tão longe, no entanto. Minhas mãos se conectam com uma parede de músculo sólido.

—Desculpe. — A palavra que eu escuto vem em um murmuro de uma voz rouca e esfumaçada que vem de cerca de um pé acima da minha cabeça. Eu tenho um metro e cinquenta, então isso significa que esse cara deve ser muito alto. Por hábito, inclino o rosto para ele e sorrio.

—Não se preocupe. — Eu movo meus dedos levemente e ouço sua respiração rápida. É quando percebo que minhas mãos estão descansando em seu torso *muito* firme. Eu posso sentir o contorno áspero de seu abdômen através de sua camisa. Eu não quero nada mais do que explorar suas marcas, e talvez até mesmo contá-las, mas as chances são de que isso possa parecer muito assustador são altas. De pé, retomo o aperto de Dexter e me afasto um pouco, inalando o cheiro dele enquanto me afasto. Ele cheira a couro gasto

e óleo de motor misturado com uma pitada de colônia. Esse cheiro é a coisa mais sexy que já passou pelas minhas narinas.

Lembrando que eu estou apenas lá, sem jeito, cheirando o pobre homem, eu dou-lhe um sorriso apertado e gentilmente puxo a liderança de Dexter, deixando-o saber que é hora de ir. Sinto-o se afastar e meu ombro roça seu peito quando passo. Eu inalo o cheiro dele uma última vez antes de sair para a fria tarde de outono.

Sorrindo feito uma idiota, faço meu caminho pela rua movimentada, indo em direção a casa. Eu não estou nem um pouco envergonhada de ter acabado de sentir aquele homem de cheiro delicioso. Eu não costumo ter a oportunidade de colocar meus dedos em uma carne tão fina e tonificada, como aquela quase nunca.

Descendo a calçada, abandonei o homem e pensei naquela manhã, e em minha sessão de aconselhamento com Max. Max é um garoto de onze anos que perdeu a maior parte de sua visão ao longo do ano passado. Meu trabalho, como sua conselheira de perda de visão, é ajudá-lo a aceitar sua cegueira como sua nova realidade e encontrar algo para ele ficar animado novamente.

Hoje correu tudo bem e finalmente percebi algum progresso. Max até aprendeu a tocar um acorde no violão. Nos últimos dois meses, eu tentei ajudá-lo a encontrar alguma coisa, qualquer coisa, para ficar animado, mas Max está apenas chateado com o mundo. Ele está chateado porque não pode mais jogar videogames com seus amigos. Puto por não poder sair e brincar de

hóquei de rua com as crianças da vizinhança como ele costumava fazer. Principalmente, Max está chateado porque adora esportes, principalmente futebol, e ele simplesmente não pode mais jogar isso. Em sua mente jovem, sua vida acabou.

Na semana passada, eu havia lhe emprestado um violão e um CD de instruções para crianças, que o hospital disponibilizou aos pacientes de seus vários programas. Ele aceitou, mas eu podia ouvir a dúvida colorindo sua voz, ele é muito educado para expressar isso. Mas o fato dele ter ido para casa, escutado o CD e aprendido um acorde no violão, já posso chamar este fato de progresso.

Eu amo meu trabalho. As horas são flexíveis, e eu sou mentora de algumas crianças incríveis em uma área que eu sou apaixonada. Minha cegueira aconteceu quando eu tinha dezessete anos. No começo, fiquei arrasada, mas depois percebi que ser cega é apenas uma pequena parte de quem eu sou. Não precisa me definir. Eu era uma garota forte e independente antes de acontecer, e agora sou uma mulher ainda mais forte e independente. Ser capaz de fazer com que as crianças percebam a mesma coisa, é um sentimento incrível.

Eu sei que chegamos ao meu prédio quando Dexter desacelera, inclinando o corpo para pressionar minha perna. Esta é minha sugestão para diminuir os passos. Ao pararmos, levanto a mão, procurando pelo buraco da fechadura na porta principal da velha casa de pedra que abriga quatro apartamentos separados, um dos quais alugo por uma quantia insana de dinheiro. O

apartamento em si é enorme, e sua localização é perfeita, permitindo-me andar praticamente em todos os lugares que preciso ir, mas eu pago por isso.

Dexter me leva até a escada familiar e até a porta da minha unidade. Uma vez lá dentro, tranco a porta antes de me virar e dar-lhe um tapinha carinhoso atrás da orelha. Eu solto seu cinto, aliviando-o de seu dever de trabalho. Como cão guia, Dexter é treinado para estar no modo de trabalho a partir do momento em que o arnês se conecta a sua coleira de manhã até eu tirá-lo à noite. Durante esse tempo, ele está totalmente focado em seu trabalho e garantindo minha segurança. Uma vez que ele sai, porém, ele é como qualquer outro cão de colo gigantesco.

Ele foge em busca de seu coelho de pelúcia enquanto eu me movo em direção à cozinha para começar a fazer o jantar. No caminho, paro procurar mensagens na secretária eletrônica. Depois de trinta segundos ouvindo, gostaria de ter deixado essa tarefa para mais tarde.

Enquanto ando pelo corredor, a voz nasal da minha mãe preenche o apartamento ao meu redor.

"Laynie, é sua mãe. Eu não tive a chance de falar com você ontem e estou preocupada. Você sabe que eu gosto de falar com você todas as noites."

Reviro os olhos, esperando que acabe, mas ela continua falando.

"Você precisa me ligar, mocinha. Eu preciso saber se você está bem. Eu preciso ouvir sua voz, querida. Por favor, me ligue de volta."

Entrando na cozinha, vou direto para a geladeira e pego a lasanha que sobrou da noite anterior enquanto a próxima mensagem toca. Minha mãe novamente.

"Laynie Marie! Estou agora oficialmente preocupada. Me ligue de volta imediatamente!"

Deus! Minha mãe me leva ao limite. Eu a amo demais, mas ela tem uma preocupação desgovernada que me rodeia o tempo todo. Mesmo a três horas de distância, ela ainda consegue ficar de olho em mim. Eu não posso escapar dela.

A próxima mensagem é do meu irmão Daniel.

"Laynie? Mamãe está surtando. Por que você faz isso com ela? Você precisa ligar para ela. Ela quer que eu apareça e verifique você. Me liga."

Arrancando minha lasanha do micro-ondas, vou até o sofá e começo o meu jantar. Cheia de frustração, penso na minha família, imaginando quando eles vão perceber que sou uma mulher adulta e preciso viver minha própria vida. Se eu não fosse cega, eles ainda me tratariam assim? Eles ainda podem ter *sua* visão, mas eles realmente não me *enxergam da forma* que eu realmente sou. Eu não tenho certeza se algum dia eles serão capazes de enxergar.

 ***

TEASE

Nunca foi minha intenção falar com ela. Eu só entraria na cafeteria para dar uma olhada mais de perto. Eu queria neste momento que eu não tivesse feito. Ela é ainda mais quente de perto, e foda-me, ela cheira a malditos morangos. Todo um maldito campo deles. Isso me fez querer prová-la.

Eu a vi pela primeira vez há algumas semanas, quando estava vigiando Charlotte, a mulher do meu amigo Ryker. Charlotte trabalha em uma casa de repouso do outro lado da rua do The Bean, uma cafeteria tipo hipster que eu normalmente não seria pego nem morto. Eu bebo o meu café puro. O café não foi feito para ser bebido com chantilly e chocolate derramado sobre ele.

Mas hoje eu entrei. Eu entrei porque não aguentava mais. Toda vez que Charlotte trabalhava, eu ficava sentado do lado de fora, observando a loja para ter outro vislumbre dessa mulher, e todo maldito tempo, lá estava ela. Eu precisava vê-la de perto. Para

ver se o cabelo dela era tão dourado quanto parecia do outro lado da rua. Eu precisava ver de que cor os olhos dela eram e se a figura dela era tão fumegante como de longe. E é, porra, tudo isso é verdade. Eu nunca vi a cor dos olhos dela, no entanto. Eles estão escondidos por um grande par de óculos de sol redondos emoldurados.

Quando abri a porta, não tinha ideia de que ela estava do outro lado. Ela está voando para mim, aterrissando contra o meu peito, seu perfume de morango enchendo minhas narinas. Um pedido de desculpas murmurado é tudo que eu posso administrar. Eu não sei o que diabos dizer. Ela está aqui, bem na minha frente, me tocando, e eu congelo. Eu não quero assustar ela, o que é estranho porque eu *gosto de* ser assustador. Eu trabalhei nisso.

Eu só fico aqui como um completo idiota e olho para ela. Tudo acontece tão rápido. Eu ainda estou congelado quando ela sorri firmemente para mim e se afasta. Saindo da loja atrás dela, observo enquanto ela caminha pela rua, sua bunda balançando sedutoramente em seu longo vestido justo.

Depois que ela vira a esquina, com seu cão-guia, sacudo a cabeça e volto para o meu posto do lado de fora da casa de repouso. Agora que eu já a vi, tenho mais perguntas do que antes. Qual é o nome dela? Por que ela fica no café todos os dias, sempre no mesmo horário? Que cor *são* os olhos dela?

Estou curioso sobre o seu cão-guia. Ela é cega? Ela não parece ser, mas ela sempre está com esses óculos, e seu cachorro está

sempre com ela. Ele usa um cinto e um colete do Cão-Guia, que e diz que a Associação Canadense de Surdos-Cegos está bem ali. E por que diabos ela cheira a morangos?

Eu não sei por que me importo. Não é como se eu fosse descobrir. Não é como se eu quisesse. Não há espaço no meu coração para ela. Tenho certeza de que meu coração está morto de qualquer maneira, preto e enrugado. Morreu há muito tempo, quando eu era apenas uma criança. Eu estive quebrado por tanto tempo quanto me lembro, e nada vai consertar as partes fodidas da minha alma. A verdade é que eu nem quero. Todo mundo que eu já amei contribuiu para a bagunça fodida que é a minha vida, e eu nunca mais quero amar outra pessoa.

Uma vadia como aquela ficaria assustada com um filho da puta malvado como eu de qualquer maneira, como deveria ser.

CAPÍTULO 02

TEASE

Eu me tornei um fodido perseguidor. Um perseguidor assustador e com excesso de cafeína. Nos últimos dois meses, desde o dia em que colidimos, eu fui àquela lanchonete hippie, pedi um café preto e me sentei no pátio, a uma mesa de distância dela. Naqueles meses, todo o meu mundo foi para o inferno. Eu estava trabalhando com um novato, um prospect[1], a mulher de Ryker tinha sido sequestrada e quase morta, causando uma tempestade de merda com outro clube. O estresse de tudo teria sido quase insuportável se não fosse pela minha misteriosa mulher. Soa assustador como o inferno, mas estar perto dela me acalma de alguma forma. Eu ainda nem sei o nome dela, e não ousei falar com ela, mas pelo menos três vezes por semana eu me sentei enquanto a observava, aprendi muita coisa.

Eu aprendi que ela é definitivamente cega, mas isso não parece impedi-la. Ela se move com confiança e graça, confiando apenas no cachorro quando necessário. Eu aprendi que ela é escritora, ou blogueira ou alguma merda assim. Ela está sempre com seu notebook, com fones de ouvido e dedos descontroladamente batendo no teclado. Eu aprendi que quando

[1] Prospect é um membro recém contratado, recebe ordem e não tem direito a votação e nem em opinar nas situações.

ela está pensando, ela gira o cabelo. Frequentemente, os dedos dela no teclado para corrida pelas teclas, inclinando-se ligeiramente para o lado, ela puxa um pedaço de seu cabelo loiro mel entre os dedos e o gira, isso pode durar um bom tempo e toda vez que ela faz isso, eu não posso ajudar, mas me pergunto o que diabos ela está pensando.

Minha coisa favorita que eu descobri sobre ela, é que quando ela está se concentrando, sua pequena língua rosa voa para fora do lado da boca apenas um pouquinho. Isso me deixa duro a cada vez.

Eu não sei porque eu continuo voltando aqui, me torturando com o que eu nunca posso ter, ou porque eu estou fazendo essa merda de perseguidor assustador. A única coisa que posso dizer é que ela tem minha atenção e eu não consigo tirá-la da porra da minha cabeça.

Enquanto ela digita e bebe seu café com chocolate, um café feminino, enquanto seu Shepard Alemão[2] está silenciosamente debaixo da mesa, cabeça sempre para cima e alerta, observando os arredores. Eu posso sentir o cheiro de seus morangos de onde estou sentado, e que ainda continua a foder com a minha cabeça.

Como todos os outros dias, às seis horas em ponto, um alarme soa em seu telefone. Ela arruma seu computador e fones de ouvidos, colocando-os em uma mochila horrorosa rosa neon. Eu

[2] Também conhecidos como Pastor Alemão é uma raça canina. São utilizados como cães-guias por pessoas cegas ou com deficiência visual grave, ou para auxiliá-los nas tarefas caseiras.

amo essa parte da minha perseguição, porque é quando eu ouço a voz dela.

—Vamos, Dex. — Sua voz soa como sexo puro, rouca e sensual. Se ela soa assim quando está apenas conversando com ele, eu não posso deixar de me perguntar como seria se eu colocasse minha boca entre as coxas brancas e cremosas dela.

Lentamente, ela se levanta, balançando a bolsa sobre um ombro, segurando a alça do arnês do cachorro. Eu vejo como ele lentamente a leva para longe da cadeira, ao redor de sua mesa, e depois da minha. Assim que ela passa, a poucos centímetros de onde eu me sento, ela faz uma pausa. Sua cabeça se inclina na minha direção e juro naquele momento que ela está olhando diretamente para mim.

Eu congelo, olhando para ela, me perguntando se eu fui pego. Meu coração morto bate de forma irregular no meu peito enquanto olhamos um para o outro pelo que parecem vários minutos. Ela se inclina um pouco para a frente e, se não me engano, inspira profundamente. *Ela só inalou o meu cheiro?*

Meu rosto aquece e eu me sento reto, sem saber o que fazer. E então ela sorri. Eu não posso respirar. Ela está sorrindo diretamente para mim, seu rosto inteiro se iluminando com puro deleite. Ela tem o sorriso mais vil, mais fodido que eu já vi. É lindo. *Ela é* linda.

—Oi de novo. — Ela continua sorrindo para mim quando ela fala, e isso me leva um minuto para perceber que ela está falando comigo. *Merda! Ela pode me ver?*

—Uh... ei. — *Muito suave, idiota.*

Seu sorriso se alarga com diversão.

—Talvez amanhã, em vez de sentar todo o tempo aqui sozinho, você poderia se juntar a mim na minha mesa.

Eu olho para ela em silêncio chocado enquanto ela olha de volta por trás daqueles óculos escuros, esperando pela minha resposta. A raiva corre através de mim como um incêndio. *Ela* pode *me ver. Ela me viu o tempo todo.* Essa cadela está brincando comigo e eu não gosto disso.

Eu enrolo meu lábio, zombando dela.

— Não é provável.

Seu sorriso cai uma fração, a decepção lampejando em seu rosto antes de se endireitar, ela limpa sua expressão de toda emoção e encolhe os ombros.

—Tudo certo. Problema seu.

Eu não digo uma palavra quando ela se vira, dá um puxão suave no arnês e sai da área cercada do pátio para a calçada movimentada. Minha mente está girando. Eu pensei que ela fosse cega. Todo esse tempo ela sabia que eu estava olhando para ela, e ela provavelmente não pensou que eu era um maldito pervertido ou alguma merda. Ela estava tirando sarro de mim quando me

convidou para sua mesa. É assim que vadias agressivas passivas fazem o trabalho delas.

Quando ela sai, passando em frente ao pátio com a cabeça erguida, ouço uma comoção vinda da calçada. Balançando a cabeça nessa direção, vejo pessoas gritando enquanto saltam do caminho de uma bicicleta que desce pela calçada em velocidade máxima.

Chicoteando minha cabeça de volta para ela, eu a vejo virando-se, indo mais longe no meio da calçada enquanto ela tenta descobrir qual é a comoção. É quando percebo que ela realmente *não consegue* ver. Ela está olhando na direção do barulho, mas de jeito nenhum ela pode ver que está prestes a ser atropelada por aquela bicicleta. Se ela fizesse, ela não estaria apenas de pé lá.

Eu pulo do meu assento, movendo-me para o pátio enquanto eu grito um aviso.

—Tenha cuidado!

A bicicleta está prestes a acertar ela. O garoto tem uma bolsa na mão, todo o seu corpo virou-se, olhando para trás e não na direção que ele está indo. Ele vai bater nela, não há como eu chegar até ela a tempo.

Nesse momento, o cachorro dela angula o corpo dele na frente do dela, usando seu peso para empurrá-la contra o pátio. Meus pés pulam a cerca, e eu caio ao lado dela assim que o cachorro solta um grito estridente.

***



Laynie

Tudo aconteceu tão rápido. A pior parte é que eu nem sei o que diabos aconteceu. Eu estava indo embora, tentando não mostrar minha humilhação pela maneira como meu vizinho comum do café havia me derrubado quando ouvi um monte de gritos e movimentos atrás de mim. Eu me virei para olhar quando ouvi o idiota do café gritar um aviso. A próxima coisa que sei é que meu próprio cachorro me empurrou contra uma cerca.

Eu ouvi uma batida de metal, vários baques, e então Dexter soltou um grito de dor longo e penetrante. O babaca do café surgiu do nada. Agora estou ajoelhada, mãos para fora, batendo freneticamente o ar ao meu redor enquanto tento encontrar Dexter.

—Ele está bem aqui. — Sua mão agarra a minha e a move para baixo e para a esquerda até que repousa na cabeça de Dexter. —Ele está ferido.

Nesse momento, um gemido vem a alguns metros de distância. O idiota do café rosna, e eu posso sentir sua energia irritada saindo dele.

—Seu idiota do caralho. Que porra você estava pensando? — Sua voz se move, e eu sei instantaneamente que ele está se movendo em direção a qualquer idiota, com quem está falando.

Eu posso ouvir uma multidão de observadores se reunindo em torno de nós enquanto eu acaricio o corpo de Dexter, procurando

por qualquer sinal de inchaço ou sangramento. O idiota do café está ajoelhado ao meu lado novamente, murmurando para si mesmo algo sobre sacos de corpo e buracos profundos. De repente ele está de pé, e ele está levando meu cachorro com ele.

Agarrando minha mão na dele, ele a coloca no seu quadril. Surpresa e confusa, eu a puxo para longe.

—Baby nós temos que nos mover. Segure no meu cinto.

—O que? — *O que está acontecendo?*

—Seu cachorro está machucado. Precisamos levá-lo a um veterinário. Para fazer isso, temos que nos mover. Agora segure meu cinto de merda.

Não tenho condições de discutir, eu volto para baixo, localizo a alça do seu cinto e coloco meu dedo indicador através dele. Ele começa a se mexer e eu tenho que correr para acompanhá-lo.

—Ele está realmente machucado?

—Sim. Pode ter uma perna quebrada. Ela está balançando de modo estranho. — Eu coloco meu corpo perto do dele e seguro firme enquanto ele atravessa a faixa pedestres. —Chame um táxi. Fale com eles para que nos encontrem na esquina da Bleeker e St. James.

—Um táxi?

Ele não responde, apenas continua se movendo, me arrastando atrás dele. Pego meu telefone, pedindo a Siri para discar o número do serviço de táxi que eu sempre uso. Então faço a ligação, pedindo o veículo onde o idiota do café disse, enquanto ele

para. Levantando minha mão, eu localizo Dex e gentilmente acaricio sua cabeça que está descansando no bíceps do idiota do café.

Percebo que o nome dele não é idiota do café, e ele *está* me fazendo um favor, mesmo que eu tenha certeza de que ele é um idiota, talvez eu deva descobrir o nome dele.

—Eu sou Laynie.

Eu continuo a acariciar a cabeça de Dexter, minha mão acidentalmente -*de propósito*- roça seu bíceps. É enorme e duro como uma rocha. Sinto-o tenso quando falo, ele não me responde, no entanto.

—Você tem um nome?

—Um nome? — Ele parece desconfortável.

—Sim. Você sabe... um nome. Algo que eu possa te chamar além de idiota do café?

Ele solta um bufo surpreso.

—Idiota do café? Por que diabos você me chamaria de idiota do café?

—Porque você está sempre no café… e você é meio idiota. Por isso idiota do café.

O divertimento ataca sua voz quando ele se vira para mim.

—Tease. Me chame de Tease. Só não me chame mais de idiota do café. Nunca.

—Tease? — Eu enruguei meu nariz em confusão. —Que tipo de mãe chama seu filho de Tease?

—Não é o nome que minha mãe me deu. É o nome pelo qual eu respondo.

Por que alguém escolheria o nome de Tease está além de mim, mas posso dizer que isso é importante para ele... então eu ignoro de qualquer maneira.

—Bem, eu gosto mais de idiota do café do que Tease.

O silêncio me envolve por um momento antes de ouvir o som de um carro estacionando ao nosso lado. Tomando minha mão na sua, *Tease* se move para frente, colocando minha mão no topo da porta, permitindo-me sentir o meu caminho para dentro do veículo. Eu levo minha bunda para o outro lado e ele se abaixa ao meu lado com Dexter em seu colo. Eu digo ao motorista a qual veterinário deve nos levar e vamos embora.

Mais uma vez, me aproximo, colocando minha mão na cabeça de Dexter, acariciando seus ouvidos do jeito que ele ama. O táxi fica em silêncio e meus pensamentos começam a ficar selvagens. Preocupação com o meu cão se move para a frente da minha mente. Eu não sei o que vou fazer se a perna do pobre patife estiver quebrada. Parte de mim quer voltar e matar aquele garoto descuidado por machucá-lo.

—Travis.

Sua voz me puxa das preocupações, trazendo-me de volta ao presente, onde estou amontoada na parte de trás da pequena cabine com um completo estranho e meu cachorro ferido.

— Uh… desculpe. O que?



—Travis. Minha mãe me nomeou de Travis. — Sua voz é suave e falada quase diretamente no meu ouvido. Eu sinto que ele acabou de me deixar entrar em um enorme segredo. Arrepios correm pela minha pele.

Eu me viro levemente para encará-lo.

—Agora *este* eu gosto. Travis é muito melhor que idiota do café. — Eu sorrio um pouco e sou recompensada com uma leve risada.

O táxi para, o motorista fala o total da nossa corrida. Pego minha bolsa, mas ouço o motorista nos agradecer e Travis já está saindo do carro. Lutando para fora do meu lado, eu coloco minha mão no tronco, usando-o para guiar meu caminho até a calçada. Travis pega minha mão, mais uma vez colocando-a em sua cintura. Eu me atrapalho um pouco com seu cinto quando digo.

—Eu teria pago isso.

—Não se preocupe com isso. — Entramos no consultório do veterinário, e Travis nos leva direto para a mesa. Depois de uma rápida explicação do que aconteceu, a recepcionista nos leva diretamente para uma sala de exames. Eu ouço Travis colocar Dex na mesa, e então ele pega minha mão, me puxando para a borda.

A maneira natural que ele me guia sem que isso faça minha cabeça girar. Até minha família é desajeitada e óbvia ao me ajudar em qualquer tarefa. Eu odeio isso. Isso me faz sentir como uma inválida e completamente inútil. Depender das pessoas não é meu

ponto forte, e eu não faço isso a menos que seja absolutamente necessário.

Só então, seu telefone toca.

—Eu tenho que atender isso. Volto logo.

Ele sai da sala, me deixando sozinha com Dexter. Eu me inclino sobre a mesa, me abaixando para poder esfregar minha bochecha no topo da cabeça dele.

—Meu pobre menino. Nós vamos te consertar, ok?

Um beijo quente, molhado e cachorrinho está plantado na minha bochecha, e eu sorrio. É triste admitir, mas Dexter é o melhor amigo que já tive. Ele é insanamente esperto, nunca me julga, independentemente do fato de que ele me viu nua, e ele está sempre feliz em me ver. Mesmo antes de perder minha visão, nunca tive um amigo verdadeiro e leal. Dexter é uma das melhores coisas que já me aconteceu.

A porta se abre e ouço os passos de alguém entrando na sala. Levantando a cabeça, me volto para o barulho.

—Eu odeio fazer isso com você, mas eu tenho que ir. Isto é uma emergência.

Eu aceno com a cabeça e sorrio, preocupada por ele e esperando que não seja nada muito terrível.

—Ok. Espero que esteja tudo bem.

—Sim. É só... trabalho de merda. Entende?

Eu aceno novamente em compreensão.

—Eu entendo. Bem, obrigada pela sua ajuda com Dex.

—Não fiz muito. — Ele limpa a garganta. —Mas de nada. — Um silêncio constrangedor enche a sala. —Bem... te vejo mais tarde, Laynie. Espero que seu cachorro fique bem.

Assim como seus passos desaparecem da sala, eu me viro, olhando em direção à porta.

—Travis! Espere... —Meu pé pega na borda de alguma coisa, uma perna de cadeira, eu acho, e eu tropeço, jogando minhas mãos na minha frente para me segurar.

Meus joelhos acertam o piso de cerâmica, minhas mãos pousando com um tapa alto. Seus passos de retorno atravessam o chão enquanto ele corre para me ajudar.

—Merda! Laynie? Você está bem?

Sentindo-me como uma idiota, eu aceno e me esforço para ficar de pé. Travis não me ajuda e eu gosto disso. De alguma forma, ele sabe que sua ajuda só tornaria ainda mais humilhante para mim.

—Estou bem. —Faço um sorriso, imaginando se meu rosto está vermelho como sinto. —Acontece o tempo todo.

Estendendo a mão, sinto meu caminho de volta para a mesa de exame, deslizando meus dedos nos pelos de Dexter e procurando por meu orgulho ferido. Ele limpa a garganta, lembrando-me que estava com pressa para sair.

—Eu só... bem... —*Por que diabos estou nervosa agora? Jesus, Laynie, situe-se!* —Eu posso… obter o seu número? Então posso te pagar de volta pelo táxi?

Claramente ofendido, ele rosna.

—Eu posso pagar um maldito táxi, Laynie.

Merda. Eu não queria ofendê-lo.

—Eu sei. Eu só... eu só queria te pagar de volta, ok? É importante para mim. —Eu o enfrento de frente, esperando que ele não discuta comigo sobre isso. Eu odeio dever coisas para as pessoas. Eu não sou um caso de caridade.

Ele geme.

—Porra. Tanto faz. Me passa seu telefone.

Mordendo de volta meu sorriso de vitória, eu entrego meu telefone. Eu ouço o clique dos botões da tela sensível ao toque antes de ele me devolver.

—Aí está. Feliz?

Eu não posso evitar meu sorriso agora. Irradiando-o, dou-lhe um aceno exagerado.

Ele ri.

—Merda de mulher louca. —Eu o ouço se aproximar e o tinido da coleira de Dexter de onde Travis está acariciando-o. —Seja legal, Dex. Até mais tarde, Laynie.

Minha barriga é invadida por um enxame de borboletas quentes.

—Mais tarde.

CAPÍTULO 03

TEASE

Depois que o táxi me deixou ao lado da minha moto, balanço minha perna e saio do estacionamento, ainda tentando descobrir na minha cabeça o que diabos aconteceu. Depois de meses a observando, finalmente falei com ela e descobri o nome dela. Maldita Laynie. O pensamento de como eu fui de silenciosamente observá-la por trás da minha xícara de café para fazê-la sorrir para mim com diversão, invade minha porra de mente. Ela me provocou, claro que me provocou, e pela primeira vez em anos, eu não perdi a cabeça. Em vez disso, eu não queria nada mais do que esmagar minha boca na dela, limpando aquele sorriso bobo do rosto impecável.

Eu não beijo, no entanto. Eu nunca beijei. Eu não acaricio, abraço ou aconchego alguém. Minhas relações com as mulheres consistem em pegar uma prostituta do clube, dobrá-la, fazer o que preciso fazer para sair e fechar as calças. Fim da história. Se ela gozar, bom para ela, eu não dou a mínima.

Desde a noite em que peguei minha horrível cicatriz, soube que era feio. As mulheres olham para mim e correm. Eu gosto desse jeito, estou acostumado com isso. Talvez seja por isso que foi mais fácil falar com Laynie, na verdade, ter uma conversa com uma mulher. Ela não podia me ver, não conhecia o monstro que ela

pensava ter salvado ela. Se ela pudesse, ela nunca teria me insultado. Inferno, ela nunca teria falado comigo em primeiro lugar.

Mas ela fez. E ela me fez sorrir. Eu nem me lembro da última vez que sorri. Que porra há para sorrir? A mulher é claramente louca.

Chegando ao clube, vejo uma tonelada de motos estacionadas em fila e carros estacionados em todos os locais disponíveis. A música está batendo e os sons de risadas e conversas enchem meus ouvidos. Isso não é incomum para uma noite de sábado por aqui. As coisas podem ficar bem selvagens.

Normalmente, eu não me importo de vir a essas festas, mas eu tenho estado muito ocupado. Pela primeira vez desde que me tornei um membro em potencial, eu tinha algo para fazer e esses filhos da puta me chamaram. Eu não tive escolha, no entanto. Como um prospect, os irmãos dos Kings of Korruption podem me alimentar de toda a merda que eles quiserem, e eu tenho que comê-la sem reclamar. Ficar no veterinário com Laynie seria uma perda de tempo. Uma vadia assim e um monstro como eu nem sequer pertencem à mesma cidade, muito menos a mesma conversa.

Quando eu entro, a música e os risos param completamente. *Que porra é essa?* Eu fico na porta, olhando ao redor da sala e vejo os olhos de cada pessoa que está focada em mim. Minha pele se arrepia e minhas inseguranças rapidamente se transformam em uma raiva que queima lentamente. Eu odeio quando as pessoas

olham para mim. A cicatriz no meu rosto nunca deixa de chamar a atenção que evito a todo custo.

Só então, Ryker avança do mar de pessoas. Ryker é o vice-presidente dos Kings e uma das poucas pessoas na minha vida que eu confio. Foi ele quem me apresentou aos Kings of Korruption em primeiro lugar. Nós nos conhecemos uma noite quando ele entrou no bar que eu estava trabalhando. Algum filho da puta qualquer fez piada do meu rosto e eu o apresentei as solas da minha bota de motoqueiro. Seus amigos entraram e tentaram me levar para fora. Foi quando Ryker entrou em cena. Entre nós dois, nós chutamos a merda de cada um desses filhos da puta, e eu fiz o meu primeiro amigo.

Eu não gosto da maneira que ele está olhando para mim agora, no entanto. Ele parece chateado. Eu sei que com certeza não fiz nada para irritá-lo, então estou curioso para saber por que ele e todos os outros estão olhando para mim.

—Já faz tempo que era para você está aqui. Esperei por mais de uma hora. —Ryker rosna.

Eu ergo minha sobrancelha, imaginando qual é o ponto dele.

—Sim? Estava ocupado.

Ryker bufa.

—Certo. Bem, foi muito gentil da sua parte reservar um tempo para nós. — Não digo nada e continuo olhando para ele, esperando que ele faça o seu ponto. Ele olha para mim e balança a cabeça antes de dar um empurrão para indicar que eu devo segui-lo. Batendo a

bota, ele sai da sala. Eu sigo atrás dele, olhando cada idiota intrometido em que posso colocar meus olhos. Estou quase saindo da sala quando meus olhos encontram os de Mouse. Os dele estão confusos e um pouco preocupados enquanto ele encolhe os ombros.

Como eu, o Mouse é um prospect. Nós não costumamos ser convidados para a sala de reuniões dos Kings. Como prospects, ele e eu passamos muito tempo juntos fazendo uma tarefa de merda ou outra. Na verdade, passo mais tempo com o Mouse do que sozinho. Além de Ryker, Mouse é meu único amigo e a única outra pessoa no mundo em quem confio.

Por que eu estou indo para esta reunião e não Mouse? O que diabos está acontecendo? Entramos na sala longa e retangular onde nós mantemos a Igreja. Todos os membros dos Kings of Korruption estão sentados em volta com os olhos em mim quando eu entro atrás de Ryker. Ele se move diretamente para seu assento e eu automaticamente me dirijo para o banquinho alto situado na parte de trás da sala. É aqui que os prospects se sentam quando são convidadas para participar de reuniões.

Gunner Monroe pigarreia, fazendo com que todos os olhos, inclusive os meus, se voltem para ele.

—Tudo certo! Vamos colocar essa porra de show na estrada, não é? —Ele bate com o punho na mesa. Seus olhos levantam para encontrar os meus. Ele está tentando me intimidar, mas eu mantenho seu olhar. Eu não vou mentir, ter Gunner te olhando não

é um sentimento legal, mas ele não me assusta. Nada me assusta mais.

—Como todos sabem, nós estivemos aqui discutindo o destino do nosso garoto Tease. —Eu me sento um pouco mais ereto e olho em volta da sala, observando os olhares que estou recebendo de todos. —Chegou a hora de decidir se este filho da puta louco merece usar o nosso patch ou não, por isso vamos colocá-lo em uma votação. —Meu batimento cardíaco aumenta. Então é isso. Eu tenho trabalhado duro por isso há mais de um ano. Eu sou mais velho do que a maioria dos prospects e eu não fiz muitos amigos aqui, mas eu tenho sido infalivelmente leal a cada um desses chupadores de paus. Minha pele aquece com a atenção que está focada em mim, raiva e nervosismo agitando lentamente no meu intestino.

Ryker levanta a mão da mesa.

—Eu voto sim. — Eu aceno com a cabeça para ele em agradecimento e recebo um aceno de cabeça em retorno.

—Eu voto sim porra! — Jase.

—Não. — Rosna a palavra o cara da porra gorda sentado ao lado de Jase. Tiny está sentado à mesa, os olhos apertados em mim, os ombros retesados em desafio. Todos os olhos se movem para os dele, surpresa em muitos rostos, mas *não estou* surpreso. O Tiny tinha isso para mim desde o dia em que eu me tornei um prospect.

O punho de Ryker bate na mesa.

—Pelo amor de Deus, Tiny! Nós já conversamos sobre isso. Você claramente concordou!

—Bem, eu mudei de ideia, VP[3]. —Seu rosnado é cheio de escárnio e desprezo.

Ryker olha para Tiny, mas fica parado. É contra as leis do clube discutir ou influenciar os votos de qualquer membro. Isso também significa que eu estou fora. Para ser aceito, a votação tem que ser unânime. Meu estômago cai. Terminei. Desde que conheci o Ryker, este clube tem sido a minha vida. *Agora o que diabos eu faço?*

Eu me levanto e movo as mãos para remover o meu corte de couro com o remendo do prospect. Eu sinto que estou em transe, perdido em um mundo que já me odeia. Eu pensei que tinha finalmente encontrado o meu lugar, mas eu estava errado mais uma vez.

Assim que eu dobrei meu corte para passar de volta para o clube, um grunhido rasga a sala. Reaper está de pé, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Seu rosto se contorce de raiva quando ele grita.

—Isso é uma merda fodida! Esse filho da puta fez mais por este clube *hoje*, do que você fez todo ano, Tiny. O que você está tentando provar?

[3] Vice-Presidente.

—Eu não estou tentando provar nada. Eu simplesmente não gosto do idiota louco. Ele está sempre à espreita na casa do clube e me assustando.

Eu fico congelado, com raiva tentando consumir por suas palavras. Eu *odeio* suas palavras. Eu quero bater na porra de rosto por dizê-las. Mas em vez disso, eu movo meus olhos para Gunner, aceno com a cabeça e coloco o corte no banco em que estava sentado. Eu me viro e dou um passo para a porta. Eu preciso dar o fora daqui.

—Espere. — Gunner está olhando para Tiny. —Vamos tentar de novo. Como nós discutimos.

—Sim. —Afirma Ryker, raiva consumindo suas características.

—Sim. — Diz Jase com os dentes cerrados.

Todos os olhos estão trancados em Tiny. Ele solta um suspiro e revira os olhos.

—Porra! *Tanto faz*. Sim. Dê um remendo ao desgraçado. Vai fazer maravilhas pelo nosso já repugnante estelar clube.

Eu continuo a olhar para ele, ódio alimentando cada respiração enquanto os votos continuam em volta da mesa, terminando em um sim unânime.

Jase solta um grito, quebrando a tensão na sala.

—Coloque essa porra de volta, irmão! Você não pode se livrar de nós assim tão fácil!

Eu olho para ele e balanço a cabeça. Ele é um louco também, assim como Laynie. O desapontamento toma conta quando o nome dela entra na minha mente. Eu o empurro para o lado quando eu puxo meu corte de volta e aceito meu novo colete de Gunner. Eu nunca terei Laynie, mas eu finalmente *irei* ter uma família. Uma verdadeira família que tem minhas costas. Eu vejo quando Tiny sai do quarto enquanto eu suporto tapas e apertos de mão do resto do clube. Vou ter que ficar de olho no filho da puta.



***

Laynie

Eu ligo para ele? Não, não quero parecer muito desesperada. Por que eu ainda quero ligar para ele? Ele foi meio idiota quando falei com ele pela primeira vez. Sim, mas então ele me socorreu como um cavaleiro de armadura de couro, levando-me ao meu pobre cachorro ferido para a segurança. Bem, na maior parte, de qualquer maneira.

Issso é o que acontece quando você bebe vinho sozinha, você fala sozinha. É uma coisa boa que eu sou uma conversadora fabulosa porque eu bebo muito vinho, e eu sempre faço isso sozinha. Estendendo a mão, eu coço distraidamente a cabeça de Dexter. Bem, não totalmente sozinha, Dex provou ser um ótimo amigo para beber.

Ele está ao meu lado, encolhido no sofá, com a cabeça no meu colo enquanto eu contemplo um dos mais estranhos e emocionantes encontros que já tive com um homem. Ele deve estar sofrendo, porque geralmente ele está no chão brincando com seu coelho de pelúcia, deixando-me para beber sozinha. Eu não sou uma bêbada. Eu realmente gosto muito de vinho, muito.

Finalmente, eu não aguento mais. O pensamento de nunca mais ver Travis faz meu estômago revirar. Eu *preciso* ligar para ele. Eu preciso ouvir sua voz rosnada. Pressionando o botão redondo na parte inferior do meu iPhone, eu instruo Siri para chamar Travis, rezando para que ele não coloque seu nome como Tease quando ele o configurou.

O telefone toca quatro vezes antes que alguém responda.

—Sim? — Sua voz está tão rouca e soa como alguém com raiva. Sua falta de uma saudação adequada me pega desprevenida.

Eu não posso conter minha risadinha.

—Sim? É assim que você responde ao telefone?

O silêncio preenche o outro lado da linha, mas eu posso ouvir música alta e gargalhadas ao fundo.

—Laynie? — Sua voz é cheia de surpresa.

—Uh-huh. — Outra risada sai da minha garganta. Eu quase rolo meus *próprios* olhos. *Desde quando eu rio?* Deve ser a bebida.

—*Você está bêbada?*

—Sim. Bêbada? — Outra risada irrompe e eu coloco uma mão sobre a minha boca para contê-la.

—*Onde você está?* — Ele exige.

—Em casa. Eu e Dexter estamos abraçados no sofá, bebendo algumas garrafas de vinho. — Faço uma pausa, voltando para as minhas palavras. —Bem, *Dexter* não *está* bebendo vinho. Eu estou.

Diversão enche sua voz quando ele pergunta.

—*Como está Dexter, afinal?*

Eu suspiro, estendendo a mão para acariciar o pelo de Dex. A verdade é que ele tem sorte. Poderia ter sido muito pior.

—Ele está bem. Só precisa de alguns dias de descanso. —Eu giro o copo na minha mão, sentindo o líquido se espalhando por dentro. Quase vazio. Crio coragem e bebo o que restou no copo.

—*Eu quase matei aquela maldita criança que o atingiu.*

O calor me inunda minha memória. Ele estava tão zangado. Olhando para trás, seu protecionismo foi uma grande mudança.

—Eu me lembro. —Antes que eu possa parar as palavras, eu digo. —Foi um pouco quente. —Embaraço e excitação me inundam, meu coração batendo nos meus ouvidos. Eu não posso acreditar que acabei de dizer isso em voz alta. Hora de mudar de assunto e pegar mais vinho para ter coragem. Eu me levanto e vou em direção à cozinha.

—De qualquer forma, eu estava pensando como um agradecimento, você talvez queira... —De repente, eu pisei em algo macio, fazendo-me levantar o pé rapidamente e tentar mudar de

rumo. Meu corpo tropeça para o lado, e meu calcanhar dolorosamente pega a mesa final ao lado do sofá. Algo cai no chão, aterrissando e quebrando assim que meu corpo cai entre os pedaços. A dor atravessa minha canela e o calcanhar do meu pé. — *Ow*! Merda!

Eu me sento lá, atordoada por um momento, até ouvir a voz desencarnada de Travis vindo do meu telefone para a esquerda.

—*Laynie? Que porra foi isso?*

Toda a dor foi esquecida, eu me movo descontroladamente, as mãos roçando o duro piso de madeira para frente e para trás na tentativa de localizar meu provável iPhone quebrado. Eu posso ouvir a pergunta em sua voz, então eu chamo.

—Olá? Travis? — Eu o escuto me chamar de novo e continuo procurando, mas não consigo encontrá-lo em lugar nenhum. — Merda! Larguei o telefone.

Preocupada que ele vai ficar irritado e desligar, eu chamo o meu salvador.

—Dexter! Pegue seu traseiro bêbado aqui e ajude a mamãe a encontrar o telefone. —Sinto-me mal pedindo-lhe para levantar a perna dolorida e procurar, mas Travis vai desligar antes que eu possa pedir a ele para não fazer. Eu preciso tirar essa questão fora. Eu preciso vê-lo novamente.

Sua pequena voz chama novamente.

—*Laynie?*

Eu ouço Dexter se movendo, nariz farejando meu telefone perdido.

- É isso aí, *baby*. Encontre o telefone da mamãe. —Suas patas de cachorro tilintam quando ele pula em torno no chão por um momento, e então ele está na minha frente, colocando o telefone na minha mão estendida. —Esse é meu bom menino. Obrigada bebê.

Eu rapidamente puxo o telefone até meu ouvido antes de notar a baba.

—*Ugh*! Bruto! Agora há baba por toda parte. —Enrugando meu nariz em desgosto, rapidamente limpo meu telefone quebrado e o passo na calça antes de levantá-lo de volta ao meu ouvido mais uma vez. —Travis? Você está aí?

—*Estou aqui.* —Ele parece divertido, e não posso deixar de sorrir.

—Desculpa. Eu deixei cair o meu telefone. —Percebendo que ele está bem ciente de que eu deixei cair o meu telefone, eu começo a rir novamente. Eu estou realmente mostrando a ele o que é uma grande pegadinha. Por apenas uma fração de segundo, eu me arrependo de estar bêbada enquanto faço essa ligação.

—*O que foi esse acidente?* —O ruído de fundo em seu final diminui ligeiramente.

—Apenas a mesa. — Um soluço balança meu peito, alto e duro.

—*O que quebrou?*

Eu olho em volta como se eu pudesse ver para responder sua pergunta. *Não. Ainda preto.*

— Algo sobre a mesa?

—*Você não sabe o que essa coisa era?*

Meu nariz se contorce em confusão. *Qual o problema dele?*

—Travis, eu sou cega. Eu não tenho ideia do que diabos era.

Ele ri baixinho, que é o meu novo som favorito. Eu ouço murmúrios e depois gargalhadas do outro lado, mas não consigo entender o que estão dizendo. Percebendo que ele provavelmente ainda está lidando com sua "merda de trabalho", eu me sinto uma idiota. Uma idiota bêbada que chama um homem que soa completamente sexy, enquanto ele está ocupado e passa a maior parte do telefonema batendo no chão, gritando com seu cachorro como uma fodida lunática. Eu desajeitadamente fico de pé e abro a boca para deixá-lo voltar para sua festa, mas antes que eu possa dizer as palavras, as fatias de dor no meu pé me fazendo chorar alto. *Merda. Essa porra dói.*

—*Laynie? Você está bem?* —Ele soa quase em pânico de repente, e eu viro meu corpo um pouco, caindo de volta no sofá, envergonhada.

Minhas bochechas queimam enquanto eu procuro meu cérebro por uma resposta.

—Hum. Sim? —Outro soluço passa pelos meus lábios. Eu tento o meu melhor para me sentir sóbria e sem dor. —Eu vou ficar

bem. —Eu falho até mesmo para os meus próprios ouvidos. A fala arrastada pode me denunciar.

—*Você não soa bem.* —*Ele* parece irritado. *Qual a novidade?*

—Eu acabei de pisar no vidro ou algo assim. Eu vou ficar bem. —Agitando minha mão com desdém, eu tento terminar esta conversa desastrosa. —De qualquer forma, não vou ficar alugando você. Eu só queria te convidar para jantar amanhã. Ou esta semana. Ou o que seja. —*Deus, Laynie. Cale-se!*

—*Você está sangrando?*

A confusão faz com que minha testa se franze. *Ele não ouviu a minha pergunta?*

—O que?

—*Seu pé. Você está sangrando?*

Eu balancei minha cabeça um pouco antes de incliná-la para os meus pés.

—Uh... Sim. Eu acho que sim. — Inclinando-me suavemente, corro meus dedos sobre o meu calcanhar latejante. A dor rasga através de mim enquanto eu pego um pedaço de vidro, embutido profundamente em minha carne. —Ahhh! Sim. —Eu aceno com a cabeça e respiro fundo, rangendo os dentes com a dor. Meus dedos saem molhados. - Definitivamente sangrando.

—*Estarei aí em dez minutos.*

Eu me levanto em minha cadeira, a dor repentinamente disparada. Eu não quero isso. Eu quero vê-lo, mas

eu não quero que ele venha porque eu sou uma bagunça bêbada que acabou cortar seu pé ao meio em um objeto não identificado.

—Não! Travis, estou bem. Eu vou apenas...

—Eu disse que estarei aí em dez minutos. Sente sua bunda e não se mova.

E lá estava ele. O idiota do café.

—Travis! Não se atreva a falar comigo de...

—Não posso falar com você e pilotar minha moto ao mesmo tempo, querida.

Meus olhos se estreitam.

—Travis...

—Diga o que você tem que dizer em dez minutos. Sente-se e fique quieta.

A linha morre antes que eu tenha a chance de pensar sobre o que dizer a respeito disso. Em algum lugar entre o primeiro e o quarto copo de vinho, eu tinha esquecido que babaca ele pode ser. Eu aponto o botão de baixo do meu celular ferozmente para ativar Siri e direcioná-la para o telefone do Travis.

O telefone toca e toca. Nenhum correio de voz atende, então continuo deixando tocar, sabendo muito bem que ele pode ouvi-lo. Eu grito em voz alta em frustração antes de desligá-lo, jogando o telefone no sofá e caindo de novo nas almofadas com um suspiro dramático.

Meu pé lateja. *Eu não posso acreditar que o idiota desligou na minha cara!* Então lembro o que ele disse no final. *Dez minutos!* Eu

não posso parecer sexy em dez minutos! Eu estou vestindo pijamas de flanela, pelo amor de Deus! Independentemente disso, ele estará aqui, não importa o que eu possa começar a trabalhar.

Pulando do sofá, eu pulo em um pé até o banheiro para que eu possa pelo menos arrumar meu cabelo e colocar um pouco de brilho labial. Não é até que eu estou manchando a gosma com sabor de cereja em meus lábios que eu me pergunto em voz alta.

—Como diabos ele sabe onde eu moro?

CAPÍTULO 04

TEASE

Depois de encontrar um local para estacionar minha moto na estreita rua residencial, corro até a porta do prédio de apartamentos de Laynie. Ao lado, há um painel com quatro botões, cada um mostrando o sobrenome e o número do apartamento. Não tenho a menor ideia de qual é o sobrenome de Laynie, nem sei qual apartamento é o dela, mas, graças ao meu novo passatempo como um perseguidor, sei que esse é o prédio dela.

—Foda-se! —Eu aperto o primeiro botão. Sem resposta. Eu aperto o segundo botão.

A voz desencarnada de um homem vem do falante.

—*Olá?*

—Estou procurando por Laynie.

O cara do outro lado fica em silêncio por um momento antes de voltar.

—*Quem é?*

Eu cerro os dentes e respondo.

—Um amigo. É uma porra de emergência! —O pensamento de Laynie com dor e com algum sangramento me faz sentir como se eu estivesse saindo da porra da minha pele. Eu olho a porta,

procurando a maneira mais rápida de quebrar a maldita fechadura.

O silêncio do alto-falante faz com que meu peito se sinta pesado com a tensão antes de finalmente voltar à vida.

—*Suba as escadas e é a primeira porta à direita.* — A porta zumbe, destravando quando eu puxo.

Embora eu seja grato por ele me deixar entrar, a raiva flui através de mim quando eu entro no prédio, imaginando que tipo de idiota deixa um estranho entrar no prédio trancado de uma linda mulher e diz a eles exatamente onde encontrá-la. Essa merda vai ser resolvida.

Ao subir até a porta, levanto a mão e bato alto, gritando.

—Laynie?

De dentro, ouço uma voz abafada e depois a porta é aberta. Correndo para dentro, vejo Laynie sentada no sofá, com um copo de vinho na mão.

—Você desligou na minha cara! —Eu a ignoro e corro para o sofá, agachando-me para verificar se ela está ferida. —Isso não foi muito legal, Travis.

Eu olho para cima de onde eu estava olhando para ela, firmando seus olhos com os meus. Eles são os olhos mais verdes que eu já vi.

—Eu não sou legal.

Ela bufa e revira os olhos.

—Estou aprendendo isso. —Ela levanta o copo e toma um gole de vinho. É então que percebo que alguém abriu a porta. De pé rapidamente, eu me viro de volta. Dexter está na frente da porta fechada, a longa língua saindo enquanto ele sorri de forma idiota para mim. Meus olhos se movem para a maçaneta da porta, que na verdade é uma alça com um longo pano amarrado a ela.

—Seu cão fodido atendeu a porta.

De seu lugar no sofá, Laynie ri levemente.

—Eu sei. Eu disse a ele.

Eu volto para ela.

—Isso é muito legal.

Ela sorri seu sorriso vacilante fazendo meu coração bater no meu peito. *O que diabos está errado comigo?* E então eu vejo o sangue. Por todo o chão de madeira há várias trilhas de sangue sujo. Agachando de volta na frente dela, eu agarro seus pés e procuro a fonte de sua hemorragia.

—Porra, querida. Eu lhe disse para ficar quieta.

Ela encolhe os ombros e drena o que resta do seu vinho antes de abanar o copo vazio para mim.

—Eu estava com sede.

Balanço a cabeça e levanto o pé para inspecionar o dano. Sibilando através dos meus dentes, vejo vários pequenos pedaços de vidro embutidos no entorno, cercando um grande pedaço enterrado no seu calcanhar.

—Porra. Isso parece doer.

Eu olho para cima e encontro seus olhos, minha respiração presa no meu peito. Eles são tão verdes. É como se ela estivesse olhando diretamente para mim e, por um breve momento, esqueci que ela não pode ver. De pé, eu a tiro do sofá e começo a andar em direção ao corredor.

Ela grita e ri, balançando quando grita.

—Travis! Coloque-me no chão! Para onde você está me levando?

—Você tem um kit de primeiros socorros no banheiro?

Ela suspira e para de se contorcer, recostando-se em meus braços, o largo sorriso ainda em seu rosto.

—Sim, *Daddy*.[4] No armário de remédios acima da pia.

Balançando a cabeça, dou-lhe um aperto e rosno.

—Não seja uma espertinha.

Entramos no banheiro enquanto ela encolhe os ombros.

—É quem eu sou. Lide com isso.

Sorrindo, eu a coloco gentilmente no balcão ao lado da pia. Depois de localizar o kit de primeiros socorros, eu o abro e ajoelho na frente dela, segurando o pé dela até a luz.

—Vou limpar isso da melhor forma que puder, querida, mas você provavelmente precisará de pontos.

Seu lábio inferior aparece em um beicinho infantil.

[4] Um trocadilho com a palavra sexual “papai”. Nos Estados Unidos é bastante comum usar este termo sexualmente.

—Nenhum hospital. Apenas coloque um Band-Aid nele e eu ficarei bem.

Eu não acho que a porra do Band-Aid é o que ela precisa, mas eu comecei a limpar tudo. Usando um par de pinças, removo com cuidado os minúsculos pedaços de vidro embebidos em sua pele. Toda vez que ela grita, meu maldito coração aperta. Eu odeio que eu esteja machucando-a, mas eu continuo, as mãos tremendo como uma maldita boceta na minha tentativa de ser gentil. Quando acabo, o pé dela está limpo, desinfetado e enfaixado. Não era tão ruim quanto parecia.

Eu me levanto e, pela primeira vez, percebo o que ela está vestindo. Uma camisola verde apertada se agarra a seus seios arredondados, seus mamilos mostrando um pouco através do material. Eu não posso tirar meus olhos deles. Se eu me inclinasse para a frente apenas alguns centímetros, eu poderia puxar um daqueles botões apertados entre os meus lábios e foda-*me*, eu quero. Depois de alguns segundos passar, percebo que estou ali parado como um idiota, olhando para as mamas dela enquanto meu pau pressiona com mais força contra o meu zíper.

Engolindo, eu reajusto meu pau e limpei minha garganta.

—Feito. —Minha voz é rouca de necessidade, e eu sei que ela pode ouvir. Olhando de volta para ela, vejo que, embora ela possa ter ouvido, em sua névoa de bêbado, não a chocou. Ela só fica lá sorrindo, os olhos semicerrados, parecendo que ela está prestes a cair no sono.

—*Baby*? Você está bem?

Ela sorri um pequeno sorriso induzido pelo vinho.

—Hmmm. Sonolenta.

Não há nenhuma maneira no inferno que ela está voltando para o sofá hoje à noite. Balançando a cabeça, eu a levanto mais uma vez e a levo para o corredor. Olhando em volta, vejo apenas uma outra porta aberta. Decidindo que deve ser o quarto, eu me viro e me movo nessa direção.

Sua cabeça repousa no meu ombro, sua mão no meu peito, e seu cheiro de morango enche minhas narinas, fazendo muito pouco para acalmar meu pau duro. O fato de que o cheiro da fruta me excita me faz questionar a minha própria maldita sanidade, mas eu sei que é o cheiro dela que está fazendo com que o sangue corra direto para o meu pau. Essa mulher é a coisa mais sexy que eu já vi.

Eu só estou entrando no quarto quando ela levanta um pouco e enterra o nariz no meu pescoço. Sua mão no meu peito pressiona com mais força e começa a acariciar os músculos de lá.

—Mmm. Você cheira bem. E seu peito parece ferro. Suave, sexy, forte.

Porra. Eu preciso dar o fora daqui. Correndo para a cama, gentilmente a coloco em cima, a cabeça dela no travesseiro.

—Durma um pouco. Você vai se sentir uma merda pela manhã.

O sorriso sonolento dela cresceu, mesmo com os olhos fechados.

—*Aww*, Travis. *Veja.* Você *é* legal.

Calor me lava. *O que há com essa mulher?* Eu queria que ela estivesse certa. Eu queria ser legal, mas eu não sou, eu sou um maldito monstro.

—Noite, Laynie. —Minha voz é áspera e com raiva, mas meu coração está batendo rapidamente no meu peito. Essa doce mulher está fodendo com a minha cabeça.

Rolando para o lado dela, ela grita.

—Travis?

Eu paro no meu retiro através da porta.

—Sim.

—Obrigada por consertar meu pé. —Suas palavras são lentas e calculadas, e eu sei que ela está lutando para ficar acordada. —Você é um... apenas... obrigada.

Eu fico na frente dela olhando seu doce rosto e me pergunto o que diabos fazer agora. Seus olhos se fecham e seu sorriso desaparece lentamente. Ela está dormindo. Parte de mim sabe que eu preciso sair. Eu preciso ficar longe dela e nunca mais voltar. Eu não sei o porquê eu vim em primeiro lugar. Eu não quero nenhum tipo de relacionamento, com ela ou com ninguém. Eu nunca poderia confiar nela, e o pensamento de Laynie me traindo, como todo mundo, faz a porra do meu estômago estremecer.

Mas eu sei o porquê eu vim. Ela estava ferida, eu não pude *não* vir. Só o pensamento dela sofrendo e sozinha foi o suficiente para me fazer pular na minha moto e voar em seu socorro, como uma cadela fodida chicoteada. Vendo-a agora, eu me preocupo.

E se ela se levantar no meio da noite e se machucar de novo? Ela está sozinha. Eu não posso deixá-la. Ombros caídos em derrota, eu ando do seu quarto para a sala de estar. Dexter está de pé junto à porta, coleira na boca, obviamente precisando ir para fora. *O cachorro é tão louco quanto sua dona.*

Passando a mão pelo meu rosto, suspiro pesadamente antes de tirar a coleira do cachorro.

—Tudo bem, amigo. Vamos lá.

Colocando a coleira no colarinho, levo a porra do cachorro para fora.

***

Laynie

A avassaladora necessidade de fazer xixi lentamente me tira do sono. Atordoada, eu enterro meu rosto mais fundo no travesseiro e gemo. Eu me sinto uma merda. Minha cabeça lateja, meu corpo dói e minha boca tem um gosto terrível. Sentindo a umidade na bochecha, levanto a cabeça e toco o travesseiro. *Nojento. É baba.*

Deslizando minha mão pelo meu queixo para limpar o excesso da minha pele, eu bocejo e me estico, tentando me acordar. Meu cérebro ainda está confuso enquanto tento lembrar o que diabos eu fiz na noite passada. Estendendo a mão, dou tapinhas no ar com a intenção de dar tapinhas em Dex. Ele provavelmente me odeia agora mesmo. Não me lembro de levá-lo para fazer xixi na noite passada.

Minha mão procura os cobertores ao meu lado, mas não aparece nada além de ar. Dex não está lá. *Esquisito.*

—Dex. —Minha voz é pouco mais que um sussurro graças à minha garganta seca. Ouvindo um barulho da cozinha, eu me levanto na cama.

—Dex! —Minha voz é mais alta desta vez, e meu coração bate no meu peito enquanto espero para ouvir algo do outro quarto, qualquer coisa. De repente, eu ouço o tilintar dos passos de cachorro de Dex se aproximando, seguido pelo pesado baque de passos. O medo faz meu sangue esfriar.

—Olá? —A porta range silenciosamente quando é aberta, e de repente Dex está na cama, seu nariz molhado empurrando na minha mão. Eu alcanço e dou-lhe um golpe, esticando meus ouvidos para o som de passos. Lentamente, eu me inclino em direção a minha mesa de cabeceira, sentindo o grande peso de papel que eu guardo ali. Não é muito de uma arma, mas poderia causar uma dor de cabeça séria se ela batesse no crânio de um hóspede indesejado. —Quem está aí?

—Somente eu.

Alívio me inunda quando percebo que é Travis, mas é rapidamente substituído por confusão e embaraço quando os eventos da noite anterior voltam para mim. *Oh Deus.* Meu eu bêbada ligando para ele não tinha sido o mais sábio movimento. E no topo, com cortar meu pé, era clássico. *Bela maneira de mostrar a ele o que é um grande sucesso, idiota.*

Gemendo, eu enterro meu rosto em minhas mãos.

—Oh Deus. Eu sou tão idiota.

Seus passos se aproximam da cama.

—Eu fiz o café da manhã. Seu pé vai ficar dolorido por sete dias, então você precisa ficar de fora.

Eu afundo minha cabeça em minhas mãos, e minhas palavras são abafadas.

—Obrigada. Estou tão envergonhada.

Um bufo divertido enche meus ouvidos, vindo mais perto do que ele estava antes.

—Querida, está tudo bem.

Percebo então que é de manhã e ele ainda está aqui.

—Você ficou a noite toda?

Ele inspira pesadamente.

—Sim, bem, eu queria ter certeza de que você não se levantaria durante a noite e caísse novamente.

Raiva se arrasta nos meus pensamentos fazendo minhas bochechas corarem com o calor. Eu tenho que trabalhar para controlar minha voz.

—Por que eu sou cega?

Aborrecimento claro em sua voz, ele responde.

—Não, porque você estava com sua bunda bêbada, com vidro saindo do seu pé. —Tão rapidamente quanto veio, a raiva se dissipou de alívio por sua resposta honesta. —Eu dormi no sofá, levei o cachorro para fora, fiz o café da manhã, você precisa comer. Vai se livrar dessa ressaca.

Minhas bochechas ficaram mais brilhantes. *Ele dormiu no meu sofá?* Eu posso não ser capaz de vê-lo, mas eu o senti... mais ou menos. E sua voz vem de cima de mim quando estamos de pé. Eu sei que ele é alto, então eu não sei como ele se encaixa no meu sofá curto e florido.

—Bem… obrigada por ficar. E pelo o café da manhã e lidar com Dex. —Uma vibe estranha preenche O quarto, e eu busco minha mente freneticamente para dizer algo, mas ele me bate nisso.

—Sim. —O silêncio constrangedor permanece até que ele quebra com sua voz rouca. —Olha, eu tenho que ir. Coloque um pouco de comida em você e fique fora do seu pé por um tempo. —Seus passos se movendo em direção à porta e meu coração bate forte. Eu preciso dizer alguma coisa, qualquer coisa.

—Travis?

Seus passos param, mas ele não diz nada.

—Estou fazendo *manicotti*[5] recheado para o jantar hoje à noite. Você gostaria se juntar a mim? —O silêncio enche o ar, seu peso me sufocando. —Eu sempre faço demais e nunca consigo comer tudo sozinha.

—Não é uma boa ideia. —Ele resmunga.

Sua atitude está começando a me irritar.

—Sim. Talvez você esteja certo. — Aperto meu queixo e tento o melhor que posso para encará-lo. —Quero dizer, quem sabe qual de suas personalidades vai aparecer.

Silêncio.

Eu suspiro pesadamente e forço a emoção da minha voz, fazendo o meu melhor para parecer calma.

—Obrigada novamente por me ajudar na noite passada, Travis. Eu não precisava disso, mas obrigada de qualquer maneira. Agora, se você não se importa, eu preciso usar o banheiro então você terá que se afastar.

Mais silêncio. Estou começando a me perguntar se ele conseguiu sair sem que eu percebesse quando ele fala de novo.

—O que é *manicotti* recheado?

Eu não posso evitar o sorriso. Ele sempre parece tão bravo, mas estou começando a me perguntar se isso é apenas o tom normal dele.

[5] Panquecas

—É tubos de massa recheados com diferentes queijos e sufocados em uma salsicha e molho de tomate.

Mais silêncio, quebrado apenas pelo som de seus pés se arrastando.

—Que horas?

A excitação me enche, borboletas pulam na minha barriga, mas eu mantenho o tom frio em minhas palavras.

—Sete e meia?

Ele grunhe.

—Eu estarei aqui.

Ainda sentada na minha cama, minha mão nas costas de Dex, escuto Travis caminhar pelo meu apartamento e sair pela porta da frente. A sensação de triunfo me congela no lugar, meu rosto se abre em um sorriso largo e alegre. Aparentemente, a comida *é* realmente o caminho para o coração de um homem.

Eu pulo da minha cama para fazer uma dança da vitória. Assim que meu pé bate no chão, a dor atravessa meu calcanhar ferido.

—*Ow*! Merda!

Abandonando minha dança da vitória, meu coração se eleva de excitação enquanto vou para o banheiro.

CAPÍTULO 05

TEASE

FECHANDO A PORTA DO apartamento de Laynie, estou prestes a me mover para a entrada principal do prédio quando a porta do outro lado do corredor se abre. Um rapaz de cerca de vinte e cinco anos sai e congela quando me vê. Ele olha de mim para a porta de Laynie várias vezes e engole em seco.

—Você é o cara que me deixou entrar na noite passada?

Seus olhos fixos nos meus, ele balança a cabeça. O cara está apavorado.

—Você faz isso com frequência?

Olhos ainda arregalados, ele balança a cabeça negativamente.

Eu dou alguns passos em direção a ele, fazendo-o recuar e se pressionar contra a porta do apartamento.

—Se eu ouvir falar de você deixando outro estranho entrar nesse maldito edifício e dizendo a eles onde encontrar Laynie, eu vou arrancar a porra do seu coração. Me entendeu?

Ele fica pressionado contra a parede e não diz nada enquanto assente. Mantendo seu olhar por um momento, eu olho para ele, mostrando a ele o quão sério eu sou antes de virar e sair do prédio e descer a rua para a minha moto.

Meu telefone toca com um texto, assim quando eu estou prestes a balançar minha perna. Arrancando-a do bolso de trás do meu jeans, vejo que é o Gunner.

***Gunner**: 911. Igreja em 30.*

Uma pequena onda de orgulho me enche quando percebo que ele me adicionou à lista de grupos de membros com remendos. Depois de anos vagando por esse mundo fodido por conta própria, eu finalmente pertenço a algum lugar. Olhando de relance para o prédio de Laynie, cerro os dentes. *Por que eu concordei em voltar para o jantar?* Eu posso pertencer ao clube, mas não pertenço àquele maldito apartamento com aquela mulher. Eu preciso cancelar. Eu nunca deveria ter concordado na primeira porra do lugar.

O caminho para o clube é curto, e eu paro ao lado de Jase quando ele está saindo de sua moto. Ele para, esperando por mim para sair da minha.

—Onde diabos você foi a noite passada, Romeo? Você tem alguma boceta do lado que você não está compartilhando com o resto de nós?

Eu passo por ele, dando-lhe um olhar de advertência quando eu faço. Ele ri alto e segue atrás de mim.

—Oh, boceta secreta. Eu te escuto, mano. Boceta secreta é meu favorito *tipo* de boceta.

Eu giro ao redor, parando-o em seu caminho.

—Não é da sua conta onde eu estive. E eu não quero ouvir sobre sua porra de boceta.

Quando me viro e começo a caminhar em direção ao clube mais uma vez, Jase ri.

—Tudo bem, irmão. Eu te ouço. Nada mais de boceta. Você perdeu uma festa infernal depois que saiu ontem à noite. Lucy estava procurando por você também. Queria dar-lhe um de presente de boas-vindas ao clube. Ela dá a todos os novos irmãos.

Eu enrolo meu nariz com o pensamento daquela cadela desagradável me tocando. Claro, eu a peguei algumas vezes, mas eu nunca deixei ela me tocar, e eu nunca a toquei mais do que o necessário. Jase ri com a minha expressão e entramos no clube. A sala comum é limpa, pisos e mesas reluzentes. Você nunca saberia que houve uma festa lá na noite anterior. As Old Ladys do clube estiveram ocupadas esta manhã.

A sala de reuniões está cheia, um irmão sentado em cada assento disponível na longa mesa oval. Os únicos lugares restantes são os do Jase, e o que parece ser o meu novo assento, diretamente entre ele e o Reaper. Nós entramos no quarto e sentamos em

silêncio, esperando que o Prez[6] nos diga que porra é tão importante.

Gunner pigarreia e se senta na cadeira.

—Eu chamei todos vocês aqui hoje porque nós temos uma situação. Ryk, essa é a que mais te afeta. - O corpo de Ryker fica imóvel enquanto ele espera por Gunner para continuar. —Essa porra doentia, Krueger, foi morto ontem à noite na prisão.

Choque enche a sala. Não é como se nos importássemos, Krueger estava saindo. Ele era um membro desonesto dos Devil's Rejects e sequestrou a mulher de Ryker. Ele quase a matou. Ele tem sorte de ter vivido tanto tempo. Eu não sei como Ryker não o matou em primeiro lugar. Eu teria rasgado aquele filho da puta de dentro e fora.

Gunner olha ao redor da mesa, deixando afundar.

—Eu, pelo menos, estou feliz que o filho da puta esteja morto. O problema, porém, é que os Devil's acham que temos algo a ver com isso. Acham que voltamos atrás no nosso acordo para questioná-lo sobre alguma merda que eles estão fazendo em seu *próprio* clube.

A sala se enche de vozes, todos falando ao mesmo tempo. Eu fico em silêncio observando Ryker. Ele não diz nada, mas seu rosto está cheio de fúria. Eu sei que ele não teve nada a ver com isso. Ele

[6] Abreviação para presidente do clube.

queria matar aquele filho da puta, e estava trabalhando em uma maneira de fazer isso.

Gunner bate o martelo na mesa.

—Silêncio! —Todo mundo para de falar, a energia inquieta pulsa por toda a sala. —Os Devil's estão chateados. Eles acham que o matamos antes que tivessem a chance de obter o que precisavam dele. Eu disse a eles que não tínhamos nada a ver com isso, mas eles estão convencidos de que foi Ryker.

Ryker cerra os punhos, endurecendo o maxilar. Eu sei que ele *queria* que tivesse sido ele. Não conseguir matar aquele filho da puta vai assombrar o pobre bastardo pelo resto de sua vida.

—O Prez do Devil me disse que matar Krueger foi um ato de guerra. —A sala se enche de gritos indignados e uma confusão de protestos furiosos segue. —Eu não pude convencer o bastardo estúpido que não fomos nós ou nosso menino aqui, então eu queria que todos vocês estivessem conscientes. Os Devil's *vão* retaliar, não vai ser bonito. Mantenham os olhos abertos e fiquem em alerta. Ninguém se mexe em lugar algum sem levar sua arma e a mantenham carregada o tempo todo. —Gunner se inclina para a frente e lança cada um de nós com seus ferozes olhos verdes. —Estamos oficialmente em guerra, rapazes. Fiquem seguros.

Ele bate o martelo mais uma vez, encerrando oficialmente a reunião. Um por um, os irmãos se levantam, raiva alimentando todas as conversas. Eu me levanto devagar, indo para Ryker. Ele

olha para cima de seu assento, olhos escuros e furiosos. Erguendo meu punho para ele, eu digo.

—Tudo o que você precisar, irmão.

Rangendo os dentes, ele apenas balança a cabeça, batendo o punho no meu.

Eu entendo. Eu sei o que é ter raiva enterrada tão profundamente dentro de você que você não pode falar. Estar tão enfurecido que você teme que abrir a boca levará à insanidade. Estando com raiva foi como vivi a minha vida nos últimos vinte anos. Dando-lhe um queixo, viro-me e saio pela porta.

Assim que eu balanço minha perna sobre a minha moto, Mouse vem correndo atrás de mim.

—Tease! Eu preciso falar com você.

Eu virei meus olhos para os dele, esperando que ele dissesse mais.

—Eu conheci essa garota... — Eu nem espero que ele termine. Mouse e suas fodidas mulheres. O cara tem apenas dezenove anos e parece pensar que todas as garotas que ele conhece serão "as únicas". Então elas se tornam lixo completo, e isso quase o quebra toda vez. Pela primeira vez, eu tenho meus próprios problemas de mulheres, eu não preciso ouvir sobre o dele.

—Não! Espere! —Volto e olho para ele novamente. —Isso é diferente. Eu tenho visto ela por um tempo agora. Ela me disse esta

manhã... —Ele corre os dedos pelos cabelos, o corpo se contorcendo de excitação. —Ela está grávida, cara. Eu vou ser um maldito pai!

Eu não sei o que dizer. Se alguma cadela me dissesse que eu seria um pai, eu perderia a porra da minha merda.

—Porra.

—Nenhum problema homem. É legal! Eu vou ser um maldito pai! —Ele sorri para mim, todo o seu rosto se abrindo de felicidade.

Eu não posso compreender. Ser pai parece a minha ideia de um maldito pesadelo. Mouse será um bom pai, no entanto. Ele pode ser apenas uma criança, mas ele é uma boa pessoa, sempre feliz, e ele lhe daria a camisa nas costas se você pedisse. Se ele está feliz com isso, bem, bom para ele. Eu não sei por que diabos ele veio até *mim* para falar sobre isso, no entanto. Claro, nós passamos muito tempo juntos como possíveis membros, mas se ele não sabe que eu não participo de suas conversas, ele nunca vai.

Eu dou a ele a melhor resposta que posso dar.

—Bom para você, Mouse. —Ele sorri para mim e abre a boca para dizer mais, mas eu começo a ligar a moto, acelerando antes de sair do estacionamento. O Mouse conseguirá descobrir a sua própria merda. Eu tenho coisas para fazer hoje, e o primeiro da lista é chamar Laynie para cancelar esse fodido jantar.

***

Laynie

Eu ainda não tinha terminado meu café da manhã quando as chamadas telefônicas começaram. Sabendo que é minha mãe, termino de comer e coloco meu prato na lava-louças, deixando tocar. No tempo que me leva para tomar um banho e consertar meu cabelo, ela chama mais três vezes. Com cada toque do telefone, minha raiva aumenta. Na quinta vez que ela liga, eu respondo.

—Olá, mãe. —Eu sei que ela pode ouvir o meu aborrecimento, eu nem sequer tento esconder isso.

—Bem, já estava na hora! Eu tenho tentado falar com você por toda a manhã.

—Eu sei. Estava ocupada.

—Muito ocupada para atender o telefone quando sua mãe ligar?

Rangendo os dentes, faço um esforço para me lembrar que o matricídio é ilegal e que esta é minha mãe, e eu a amo.

—O que posso fazer por você, mãe?

Ela solta um suspiro exagerado, fazendo meu aborrecimento se transformar em irritação absoluta.

—Daniel está vindo para casa hoje à noite para o fim de semana. Você ainda vem com ele?

Porcaria! Eu esqueci tudo sobre isso.



—Uh... na verdade não. Eu...

—Não? O que você quer dizer com não? Você e Daniel voltam para casa no segundo final de semana de cada mês! É uma tradição.

Eu quero gritar com ela. Dizer a ela para me deixar em paz e dar o fora, mas eu não faço.

—Eu sei. É apenas algo que surgiu. Eu... Eu tenho um encontro.

Silêncio.

—Um encontro? — Por que ela soa como se eu tivesse dito a ela que queria fugir para o Ártico para me tornar um maldito pinguim?

—Sim, um encontro! Eu tenho de vez em quando! —Eu não posso acreditar nela. É como se ela achasse que ninguém iria querer um encontro comigo só porque eu sou cega.

—Bem, quem é esse garoto? O que ele faz?

O *que* ele faz?

—Ele não é um menino, mãe. Ele é um homem. Não sei quantos anos ele tem, mas acho que ele tem mais ou menos a minha idade. E eu não sei o que ele faz.

—Não sei! Laynie! Você não pode ir a um encontro com um homem estranho! Querida... o que você está pensando?

Minha paciência é perdida para a raiva total.

—Estou pensando que esse é o primeiro cara há muito tempo que não me trata como uma aleijada! Estou pensando que ele é uma

boa pessoa! Estou pensando que minha mãe deve me conhecer bem o suficiente para confiar em meu julgamento. E estou pensando que preciso sair deste telefone antes de dizer algo que vou me arrepender.

—Laynie Marie! Você não pega esse t...

—Até mais, mãe.

Eu desliguei a ligação e caí no sofá. *Deus! Ela é tão irritante!* Antes do meu acidente, minha mãe e eu éramos próximas. Minha família inteira estava próxima. Eu não sei se foi perder Garrett ou eu perdendo a visão que a fez entrar na "mãe" neurótica que ela é, mas eu não posso aguentar mais.

Eu aguento isso há nove anos e ela terá sorte de sobreviver até os dez. Eu não sei como meu pai a aguenta. Eu acho que é porque ele passa a maior parte do tempo na garagem apenas para ficar longe de sua marca especial de louca. Eu me mudei para Ottawa para me afastar dela. Eu precisava fugir. Eu queria ir para Toronto, mas Daniel mora aqui, e foi um compromisso que eu aceitei evitar dar a ela um derrame precoce. Além disso, eu amo meu irmão. Eu gosto de ter a oportunidade de passar tempo com ele sem minha mãe pairando como um helicóptero voando baixo.

Depois de mandar mensagens para meu irmão para que ele saiba que eu não vou com ele hoje à noite, eu decido que preciso de uma fuga. Lembrando-me do novo livro que estou prestes a revisar, decido passar a manhã ouvindo e me perdendo no mundo dos motoqueiros quentes e de suas cadelas. A leitura sempre foi uma

fuga para mim e com livros de áudio cada vez mais populares, tornou minha vida muito mais fácil.

Eu faço uma xícara de café, coloco meus fones de ouvido e me enrolo debaixo do meu cobertor favorito, deixando o meu mais novo namorado do livro me tirar do chão.

CAPÍTULO 06

Laynie

TRAVIS está atrasado. Ele deveria estar aqui a quarenta e cinco minutos atrás, e estou começando a pensar que ele não está vindo. Desapontamento faz meu coração se sentir pesado. Eu passei o dia inteiro cuidando da minha ressaca, limpando meu apartamento e cozinhando esta refeição. Eu trabalhei duro nisso. Eu queria fazer isso perfeito para ele como minha maneira de agradecer o filho da puta irritadiço por toda a sua ajuda. Agora, olhando para trás, nem sei por que o convidei. Ele mal fala, e quando ele faz é mais como um rosnado. Ele recusou o meu convite no começo, e eu não tinha insistido, então por que diabos ele aceitara se ele não fosse ter a decência de aparecer?

Balançando a cabeça, esvazio meu primeiro copo de vinho e vou até o balcão para embrulhar o prato assado em papel alumínio. É melhor colocá-lo na geladeira e usá-lo nas próximas noites. Ainda bem que eu amo *manicotti*. Eu esvazio a última dose de uma garrafa de vinho no meu copo e estou apenas tentando decidir se as três garrafas que me restam são suficientes ou se preciso ir até a loja de bebidas quando a campainha da porta soa.

Minha barriga irrompe em uma tempestade de palpitações e meu coração bate com entusiasmo. *Ele veio.* Apressando-me para a campainha, apenas toco meu dedo uma vez no caminho, pressiono o botão de baixo e faço um esforço para parecer desinteressado.

—Olá?

Os trinta segundos que ele leva para responder parecem um ano.

—É Travis. — Meu entusiasmo diminui um pouco. Ele não parece feliz por estar aqui.

Eu pressiono o botão para deixá-lo entrar, não respondendo. Voltando da campainha montada na parede, eu rapidamente pinto minhas bochechas e reorganizo meus seios.

—Tudo bem, Dex. Como estou?

Dex não responde, mas ele vem e fica ao meu lado enquanto esperamos a batida na porta. Quando chega, eu digo.

—Um minuto! —E continuo ali um pouco mais. Não quero que ele pense que estou muito ansiosa e, além disso, ele está muito atrasado. *Deixe-o* esperar por *mim* agora.

Depois de um minuto, Dex me dá uma cutucada. Imaginando que ele esperou o tempo suficiente, eu ando casualmente até a porta e a abro, ensinando minhas feições para estar livre de qualquer emoção.

—Olá, Travis.

—*Hey*. —O silêncio nos rodeia mais uma vez. — Bebendo de novo?

Eu arqueio minha sobrancelha e levanto meu copo.

—Sim, e eu estou quase pronta para recarregar. —Eu dou um passo para trás, permitindo que ele me siga para dentro. Eu ouço os sons da coleira de Dex tilintando enquanto Travis o cumprimenta. —Você está atrasado.

O tilintar para.

—Eu estou. — Ele está mais perto agora. Eu posso sentir o calor de seu corpo e sua respiração na minha bochecha.

—Eu não ia vir.

Minha respiração pega.

—Por que você veio?

—Porque você não atendeu a porra do telefone quando eu tentei cancelar.

A decepção que eu senti mais cedo retorna.

—Eu tive meu telefone desligado. Minha mãe estava me deixando louca. —Tomando um gole do meu vinho, eu movi em direção à porta. —Você pode ir se você quiser.

—Não. Eu não posso.

Eu franzo a testa.

—Por que não?

—Porque essa merda cheira muito bem, e eu estou morrendo de fome.

—Você está certo. Ela cheira. —Eu coloquei uma mão no meu quadril e aponto minha taça para a cozinha. —Isso é porque eu passei a tarde toda deixando pronta. —Eu me viro e vou para a cozinha. —Eu já coloquei na geladeira, desde que eu assumi que você não estava vindo, mas eu acho que posso recuperá-la e aquecê-la em um prato.

Eu o ouço seguindo-me e sou instantaneamente consciente da configuração da mesa que fiz. Eu configurei isso como um encontro. A mesa está bem arrumada com guardanapos de linho e um trio de velas no centro. Ele não veio aqui para um encontro. Ele veio aqui, porque eu não atendi o telefone para que ele pudesse cancelar.

Esperando distraí-lo da minha suposição obviamente equivocada, enfio a mão na geladeira e pego outra garrafa de vinho. Eu me viro para ele e questiono.

—Você gostaria de tomar uma taça de vinho?

—Não é uma porra de chance. Adoraria uma cerveja, no entanto.

Cerveja? Por que diabos eu não pensei em cerveja?

—Uh... deixe-me verificar. —Eu me viro, vasculhando na parte de trás da geladeira, tirando uma cerveja como se tivesse acabado de encontrar um diamante. —Ha! Eu sabia que Daniel tinha deixado alguns aqui! — Eu torço a tampa e a seguro para ele.

Ele não aceita.

—Daniel? — Ele rosna.

—Sim. Meu irmão.

Ele gentilmente puxa a cerveja da minha mão.

—Obrigado.

Ele ficou com ciúmes por um minuto? Ou isso é apenas uma ilusão? Voltando para a geladeira, comecei a preparar o jantar novamente. Uma vez que tudo está servido e aquecido, eu trago tudo para a mesa. Com as bochechas ardendo de vergonha, eu o coloco no balcão.

—Podemos nos mudar para a sala de estar, se você quiser.

—Aqui está bom. — Sua voz é rouca, mas eu estou lentamente aprendendo que isso é apenas o jeito que ele é e isso não significa necessariamente que ele está com raiva. Travis é um homem de poucas palavras. Ele me lembra muito das crianças com quem trabalho, um pouco quebrado e precisando de alguma motivação sutil para se recompor.

Assentindo, tomo meu assento e outro longo gole de vinho. Isso é tão estranho. Não seria tão ruim se ele quisesse estar aqui, mas seu comportamento e seu atraso me dizem que ele não está, e eu me sinto uma idiota. Eu nem conheço esse cara. *O que eu estou fazendo?*





***

TEASE

Isto é um encontro. A porra da mesa tem velas. Eu posso dizer apenas olhando para ela e o jeito que ela está vestida que ela achava que era. Eu não namoro, e não sei por que não aceitei sua oferta de ir para a sala de estar. Talvez fosse porque o cabelo dela estava brilhando à luz das velas, ou a expressão envergonhada em seu rosto quando ela me levou para a cozinha. Poderia ter sido o sentimento ciumento que assumiu quando ela tirou uma cerveja da geladeira, alegando que *Daniel a* havia deixado aqui. Eu sei que ela está chateada que eu estava tão atrasado, e eu não a culpo, porra. Ela colocou algum esforço sério nessa refeição. Pena que ela está desperdiçando isso em mim.

Eu me sinto como um idiota total.

—Laynie?

Ela salta um pouco como se assustada de seus pensamentos.

—Sim?

O que eu digo? Não sei se pedir desculpas a alguém desde que era criança.

—Me desculpe, eu estava atrasado. Foi a atitude de um cuzão.

—Você? Um cuzão? Nunca. — Ela sorri, sobrancelhas levantadas ligeiramente.

Um bufo de diversão escapa antes que eu possa pará-lo.



—Espertinha.

Ela suspira e abaixa o copo.

—Tanto faz. Você está aqui agora. Vamos apenas comer. — Depois de alguns minutos de silêncio, ela limpa a garganta e dá uma mordida no macarrão. —Então... você resolveu sua merda no trabalho ontem?

Eu paro. Eu sei que ela está apenas tentando conversar, mas eu não quero compartilhar nada com ela. Compartilhar merda com alguém sempre resultou em ser esfaqueado nas costas. Não posso confiar nela, não posso confiar em *ninguém.*

Seus olhos verdes estão ligeiramente focalizados para a esquerda, enquanto ela aguarda minha resposta, inocência clara em seu rosto. Eu já machuquei os sentimentos dela esta noite, e isso não é bom para mim por algum motivo. O mínimo que posso fazer é tentar falar com ela.

—Sim.

Ela ri.

—Trabalhou hoje?

—Eu trabalho todos os dias.

Eu vejo como ela mordisca o lábio inferior.

—Eu só trabalho de segunda a sexta-feira por algumas horas pela manhã. É um bom negócio. O resto do tempo, eu vagueio por blogues e atualizo meu blog.

—Vagueia por blogues? — *Que porra é um blog?*

—Sim. Eu leio e tenho um blog sobre leitura e livros. É muito divertido e eu fiz uma tonelada de amigos online.

—Online. —Eu penso sobre isso. —Como isso funciona exatamente? Lendo e usando um computador?

Ela sorri.

—Desde que os produtos da Apple se tornaram mais populares, minha vida ficou muito melhor. Eu tenho um computador com uma opção de narração. Meu telefone e e-reader têm a mesma coisa. E eu ouço muitos áudios books em vez de realmente ler.

Eu aceno, apenas entendendo parte do que diabos ela está falando. Eu não uso computadores em tudo. Eu só tenho telefone celular porque o Gunner disse que eu tinha que comprar um. Curioso por ela, faço outra pergunta.

—O que você faz no período da manhã?

—Vou para o meu outro trabalho.—Eu aceno, mesmo que ela não possa me ver. —Eu trabalho como conselheira de perda de visão no hospital infantil.

Admiração por ela me lava.

—Você trabalha com crianças cegas?

—Sim. Às vezes, quando ficam cegas, as pessoas têm dificuldade em abandonar a ideia de poder ver. Eu os ajudo a se abraçar como elas são. Elas precisam aprender que ainda podem ter uma vida incrível sem visão.

O jeito que ela fala sobre ser cega como se não fosse grande coisa me fascina. E usar para ajudar os outros? *Quem é esta mulher?* Eu nunca conheci ninguém como ela.

—O que você faz para viver, Travis?

Eu bufo.

—Bem, eu não estou salvando as crianças cegas de si mesmas, com certeza. — Ela não diz nada enquanto termina a última refeição. Eu olho em volta da sala em seu apartamento com cortinas de babados e me pergunto mais uma vez o que diabos eu estou fazendo aqui. Para uma pessoa de fora, gostaríamos de ver como a porra de um dia moderno, A Bela e a Fera. Ela precisa saber quem eu sou.

—Eu sou um motoqueiro.

Sua cabeça inclina-se ligeiramente para o lado, formando uma pequena linha entre as sobrancelhas.

—Está bem. Um motoqueiro. Eu já sabia que você pilotava. Eu posso sentir o cheiro em você.

—Um motoqueiro fora da lei. Um dos kings Korruption. —Eu tomo um gole da minha cerveja e vejo seu rosto por qualquer reação, mas ela não dá nada. A qualquer segundo agora, eu sei que ela vai enlouquecer e chutar a minha bunda daqui.

Seu rosto se abre em seu sorriso vacilante, os olhos brilhando intensamente à luz das velas.

—Agora essa é a coisa mais sexy que eu já ouvi.

Eu engasgo. A cerveja dispara dos meus lábios e minhas narinas queimam.

—O que?

Ela ri.

—Eu te disse… eu leio muito. Livros de motoqueiros são os livros mais sensuais que já li. Eu pensei que você ia dizer que você era um mecânico ou algo assim. Motoqueiro é muito melhor. — Aquele sorriso vacilante volta ao seu rosto e eu não posso evitar, eu rio, sabendo muito bem que seus livros de motoqueiros e meu mundo de motoqueiros não estão nem perto da mesma coisa.

—Você é uma maldita louca, você sabe disso?

Ela ri, o som dela enche meus ouvidos e se instalam em algum lugar dentro da minha alma machucada. De pé, ela leva meu prato e o dela para a cozinha e me oferece outra cerveja. Eu ia sair tão cedo quando terminássemos de comer, mas não consigo ir. Eu quero saber mais sobre ela. Eu quero saber o que ela vai dizer a seguir.

Com uma cerveja cheia e um copo de vinho fresco, nos movemos para a sala de estar e nos sentamos lado a lado no sofá. Eu penso sobre o seu trabalho e me pergunto como ela faz isso. Como ela pode viver sua vida tão feliz depois de ter essa merda entregue a ela? Eu posso não ser cego, mas na noite em que ganhei minha cicatriz, mudei para sempre. Isso me transformou no monstro que eu sou. Eu *tive* que me tornar isso para me proteger.

—Você sempre foi cega? — A pergunta escapa dos meus lábios antes que eu possa para-la, e eu acho que isso nos leva tanto desprevenidos.

Ela se vira para mim e inclina a cabeça para o lado.

—Na verdade não. Eu perdi minha visão quando tinha dezessete anos. — Ela sorri melancolicamente e toma um pequeno gole de vinho. Silenciosamente, espero que ela continue. —Meu irmão mais velho, Garrett, tinha apenas onze meses a mais que eu, e nós éramos muito próximos.

Meu coração aperta. Eu já tenho uma noção de onde esta história está indo, e posso dizer pela tristeza em seu rosto que ela vai me dizer algo que vai machucá-la por contar.

—Era a noite do baile de formatura e Garrett estava dirigindo. Nós tínhamos acabado de deixar o último dos nossos amigos e estávamos indo para casa quando Journey veio no rádio. —Uma lágrima desliza pela sua bochecha. —*Don't Stop Believin'*. — Seu sorriso vacilante me dá um soco no peito. —Era uma das nossas músicas favoritas. Nós costumávamos fazer um dueto perverso para isso. Garrett deu a partida e estávamos cantando como um par de idiotas quando um motorista bêbado cruzou a linha amarela e nos acertou de frente.

Mais lágrimas começam a fluir e ela respira fundo. Eu não suporto ver ela lutar assim, mas não tenho a mínima ideia do que dizer. Enquanto ela toma um gole fortificante de vinho, eu coloco

minha mão em seu joelho, oferecendo-lhe qualquer apoio que puder enquanto ela termina sua história.

—Eu bati a cabeça na colisão e sofri danos severos no nervo óptico. Eu provavelmente nunca mais voltarei a enxergar. —Ela coloca a mão na minha, dando um aperto. —Eu tenho sorte, na verdade. Eu ainda estou viva. Garrett não teve tanta sorte. Ele morreu no impacto.

Eu aperto a mão dela de volta, coração pesado com uma emoção que não posso explicar.

—Ficamos naquele carro por duas horas antes que alguém nos encontrasse.

—Você é tão corajosa. — As palavras saem como um grunhido, graças ao nó gigantesco na minha garganta, mas eu quero dizer elas. Como ela pode sentar na minha frente com um sorriso no rosto e me dizer que essa história é uma maldita mentira para mim.

Ela sorri suavemente.

—Na verdade não. Apenas uma sobrevivente. Qualquer um pode ser um sobrevivente com a atitude correta.

Eu não gosto de como ela está subestimando isso. Ela é um maldito milagre, e ela não vai reconhecer isso. Virando meu corpo para o dela, aperto sua mão com força e coloco minha outra mão ao redor de seu pescoço.

—Isso pode ser verdade, mas nem sempre alguém pode ser uma inspiração para tantas pessoas. Você é. Não rejeite essa merda.

Meus olhos estão trancados nos dela, esperando para ver se ela está ouvindo o que estou dizendo, então sou pego de surpresa quando ela sorri.

—Você me disse que não é legal, mas nunca me disse que é doce.

Eu endureci e apertei seu pescoço, rosnando.

—Eu não sou doce.

Ela ri alto, a alegria em seu rosto de tirar o fôlego.

—Eu odeio dizer a você, cara durão, você trabalha duro em esconder isto, mas você é.

Rangendo os dentes, eu fecho minha mão e me movo para me levantar, mas a mão dela no meu braço me impede.

—Obrigada, Travis.

Eu olho para o rosto dela, a sinceridade em suas palavras ali para o mundo ver, e eu não posso parar com isso. Eu preciso me conectar com ela. Tocá-la. Reivindica-la.

Colocando minha mão de volta em seu pescoço, eu me inclino para frente, puxando seu rosto para o meu. Assim como nossos lábios estão prestes a tocar, eu paro.

—Eu vou beijar você, Laynie. Se você não quiser...

Ela esmaga seus lábios nos meus, parando minhas palavras antes que eu possa falar. Eles são macios e doces e têm o gosto do

vinho de morango que ela tanto ama. Meu coração está martelando e meu pau incha instantaneamente. Gemendo, eu a puxo para mais perto, exigindo mais de seus doces lábios.

Eu nunca soube que beijar poderia ser assim. As emoções que estão em guerra pelo primeiro lugar em minha mente são esmagadoras, ficando atrás apenas do meu desejo de fazer essa mulher minha. Quando sua língua desliza suavemente sobre a minha, eu agarro seus quadris, puxando-a para perto e para cima de mim, a abraçando. Eu posso sentir o calor de sua boceta através do zíper do meu jeans.

Suas mãos deslizam para cima e para o meu cabelo enquanto ela se pressiona contra a minha ereção. Eu nunca estive tão excitado. Ela geme longa e profundamente, moendo um pouco em mim. Suas mãos deslizam do meu cabelo, e antes que eu possa para-las, ela desliza-as pelos lados do meu rosto. Quando ela alcança minha cicatriz, ela para de beijar, para de moer e engasga em horror.

Eu nem sequer dou a ela uma chance de dizer qualquer coisa. Suavemente, mas rapidamente, eu a levanto do meu colo e coloco-a no sofá mais uma vez. De pé, ando rapidamente até a porta e, sem um segundo olhar, dou o fora dali.

CAPÍTULO 07

TEASE

PULANDO EM MINHA MOTO, eu inicio o motor e desço a rua tranquila. Minha visão está borrada pela raiva. Eu desejo mais do que qualquer coisa que eu pudesse voltar no tempo para o dia em que o filho da puta me cortou, e arrancar seu coração negro do seu peito magro. Eu sempre me orgulhei de não me importar com o que os outros pensassem sobre o meu rosto, mas quando Laynie tocou minha bochecha, eu me importei. E quando ela engasgou daquele jeito... *porra*!

Eu sabia que ela ficaria enojada. Eu queria que ela soubesse quem eu realmente sou, como nós não nos encaixamos, mas agora que ela sabe, e eu descobri que estava certo, eu não sei o que diabos fazer com isso. Eu comecei a conhecê-la um pouco. Eu beijei seus lábios doces de merda e capturei seus gemidos com minha língua. *PORRA!*

É por isso que eu nunca me coloquei lá fora. É por isso que eu nunca me prendo e não me preocupo com mais ninguém. Tem sido assim, desde que ele me arruinou. Foi quando percebi que todos os outros me decepcionariam também. A única pessoa com quem eu podia contar era eu mesmo.

Depois daquela noite da mudança de vida, eu tinha certeza que minha mãe iria deixá-lo. Eu esperei. E então eu esperei mais um pouco. Sem Buddy lá, eu estava infeliz, e meu rosto levou uma eternidade para se curar. Ele nunca parou de me bater no lado da cabeça toda vez que ele passava por mim, e isso também não me ajudou a curar. Eu precisava fugir. Eu sabia que, se não o fizesse, iria morrer naquela casa.

Mas ela nunca saiu. Ela nem sequer reconheceu o que aconteceu. Se isso não fosse nada , ela ainda piorou. Ela começou a beber mais e dormir o tempo todo, me deixando sozinho com Rick. Certa noite, eu estava na cama dormindo quando Rick foi ao meu quarto. Ele cheirava fortemente a bebida e mal conseguia se levantar. Ele caminhou para o lado da minha cama, desfazendo o cinto enquanto se movia.

Eu me endireitei, sabendo que ele ia me bater com aquele cinto, mas ele não o fez. Ele chegou à beira da minha cama diretamente na minha frente e abaixou as calças.

—A porra da sua mãe está desmaiada e não pode chupar meu pau, então adivinhe, seu pequeno fodido... é a sua vez. — Eu olhei para ele com horror quando ele agarrou a parte de trás da minha cabeça e tentou pressionar o meu rosto em seu pênis totalmente ereto e fétido.

Foi quando eu me perdi. Erguendo meu punho, eu dei um soco na porra bêbada bem nas bolas, e quando seus joelhos cederam da dor, eu corri. Com nada além do pijama que eu estava usando, e os

sapatos que eu consegui pegar no meu caminho para fora, eu corri como o inferno.

Eu não sabia o que diabos fazer. Eu tinha apenas nove anos de idade. Durante dias, eu vivi nas ruas, comendo fora das lixeiras e entrando no porão da biblioteca pública para dormir. Não demorou muito para eu ser pego, mas quando minha mãe entrou na delegacia, ela nem sequer olhou para mim. Eu a observei através da janela da sala de interrogatório enquanto ela chorava e disse à polícia que ela não podia mais lidar comigo. Eu era um criador de problemas. Eu gostaria de pensar que este era o jeito dela de me salvar, de me dar uma saída.

Então eu fui para o orfanato. Ninguém queria um delinquente de nove anos em casa, então acabei em uma casa de grupo para garotos. A maioria das crianças lá estavam na adolescência. Foi como mudar de um nível de campo para outro. Aqueles garotos deram uma olhada no meu rosto mutilado e na minha estrutura magricela e decidiram que minha vida não era ruim o suficiente, eles precisavam fazer com que fosse ainda pior.

Todos os dias eles me provocavam. Eles me chamaram de nomes, me chutaram, me socaram e roubaram minha comida. Tentei dizer aos assistentes sociais, mas eles não acreditavam que isso era tão ruim e, além disso, suas mãos estavam amarradas. Para onde mais eu iria?

Eu tomei essa merda até os dezesseis anos. A essa altura, eu cresci muito e comecei a preencher e ganhar mais músculos. Uma

das crianças que vinha me perseguindo há anos achava que seria engraçado me envergonhar na frente da garota mais gostosa da escola, e eu me perdi. Agarrando meu lápis, eu o enfiei direto na mão dele e derrubei do filho da puta até que a polícia apareceu para me tirar de cima dele.

Passei os dois anos seguintes no reformatório. Centros de detenção juvenil não é um lugar para as crianças se classificarem. É muito parecido com a prisão, mas em menor escala. Eu nunca fiz nenhum amigo lá. Eu fiquei na minha e lutei quando precisei. Eu rapidamente ganhei uma reputação por ser um cara que você não ousaria foder, e isso funcionou para mim, então eu mantenho essa reputação e a uso como um maldito escudo até hoje.

Todos esses anos e todas essas experiências deveriam ter me ensinado a não cair na armadilha que caí nessa noite. Eu não culpo Laynie, eu me culpo, eu estava encantado com ela. Ela não podia me ver para saber quem ou o que eu era. Eu fui a bunda que a beijou como se eu tivesse algum direito de reivindicá-la. Pela primeira vez, eu esqueci quem eu era... o *que* eu era. Eu não vou deixar isso acontecer de novo.

***

Laynie

Meu rosto esquenta quando ouço a porta do apartamento fechar suavemente. Ele saiu. Estávamos tendo um tempo incrível, e

ele foi embora. Não acredito que eu ofeguei assim. Deve ter soado horrível para ele sair sem dizer uma palavra. Eu estou tão brava comigo mesma.

Lágrimas enchem meus olhos enquanto eu sento, esperando que ele volte. Não é até que eu ouço o rugido de sua moto enquanto ele acelera que elas caem em minhas bochechas. *O que eu fiz?* Eu sabia que ele estava quebrado de alguma forma, mas eu não sabia como ou por quê. Eu ainda não sei, realmente, mas sei que tem algo a ver com aquela longa cicatriz que senti em sua bochecha.

Deus. O que aconteceu com ele para causar isso? Não era uma sensação excessivamente grossa ou áspera, mas eu podia sentir seu comprimento e que era suave com a idade. Essa era uma cicatriz antiga.

Eu preciso me desculpar. Deixá-lo saber que eu não queria ofegar. Eu ofeguei, porque daquele toque único de seu rosto, eu sabia que ele tinha vivido uma vida difícil, que ele tinha passado por algo trágico. Algo que mudou sua vida para sempre. Apenas como eu.

Pegando meu telefone, eu o direciono para ligar para Travis. Ele toca sete vezes antes que eu lembre que ele está pilotando. Andando de um lado para o outro, eu ignoro a queimação no meu pé de onde pisei no vidro. Minha ansiedade toma conta, entorpecendo qualquer dor. Eu nunca vou me perdoar se não puder me desculpar com ele.

Incapaz de aguentar mais, tento o seu número novamente. Eu espero dez toques completos antes de desligar. Quando ele checar seu telefone, ele vai pensar que sou uma perseguidora. Eu mando um texto para ele.

Laynie: *Travis, eu preciso falar com você. Por favor, responda ao seu telefone.*

Pensando de volta há pouco, lembro-me da sensação de Travis abaixo de mim. De seu firme corpo forte sob o meu. De seus lábios macios se movendo no ritmo dos meus. Ninguém nunca me beijou desse jeito. Ninguém nunca me pôs em chamas assim. Ninguém jamais tentou.

Mais três vezes eu tento o número de Travis, cada vez que ele toca um pouco mais e um pouco mais, mas ele nunca responde. Minha cabeça dói junto com meu coração e eu decido que é hora de ir para a cama. Eu vou chamar Travis logo de manhã e me desculpar, fazer tudo isso melhor. Ele vai voltar. Ele *tem* que voltar.

Eu levo Dex para o seu xixi noturno e me preparo para a cama, tentando Travis apenas uma última vez. Ainda sem resposta. Estabelecendo-me sob os cobertores, meu coração canta quando meu telefone toca, quebrando o silêncio sombrio na sala. Eu corro para o telefone, apertando o botão para

o identificador de chamadas. É minha mãe. Gemendo, eu enterro meu rosto no travesseiro e tento dormir um pouco.

CAPÍTULO 08

TEASE

Não importa quão rápido ou quão longe eu pilotei na noite passada, eu não consegui tirar a memória de sua porra de arfar da minha cabeça. Eu não consigo parar de pensar sobre aquele beijo, ainda sentindo o fantasma de seus lábios nos meus. Eu pensei comigo mesmo o dia todo que isso não significou nada, que não quis dizer nada, mas eu sei que estou mentindo.

Sentado no canto de trás do clube, eu dreno minha quarta cerveja da noite. Estou determinado a drenar até que a memória desapareça, dando ao meu coração doendo uma merda de descanso. O lugar está lotado. Prostitutas dançam ao redor da sala, peitos saindo de suas camisas. Old Ladys sentam-se juntas no canto, bebendo e rindo. O resto dos Kings estão espalhados pela multidão, festejando e se divertindo muito. Eu gostaria de saber como seria ser como eles. Me soltar, me divertir.

Uma comoção na porta da frente abafa o riso ao meu redor.

—Bem, o inferno, Barbie! — Fodido Jase. O cara é sempre a vida em festa, nunca é sério, e hoje à noite, eu só não quero ouvir isso. —Entre, querida! Nós não mordemos!

—Fale por si mesmo. —Alguém diz.

—Bem maldito seja. Eu devo estar na festa errada, então porque me foi prometido que eu estaria mordendo. — Meu corpo inteiro congela. *Essa voz.* Estou fora do meu lugar e na porta da frente antes que Jase tenha a chance de responder. Ele tem aquele sorriso de flerte no rosto e está pegando a mão dela quando eu me empurro entre eles.

Agarrando seu braço, eu a puxo e seu cachorro para longe dele e falo duramente em seu ouvido.

—Como diabos você entrou aqui?

Ela recua, um olhar ferido pisca em seu rosto antes de limpar a emoção.

—O cara lá fora me deixou entrar. Eu disse a ele que estava com você.

Mouse do caralho.

—Eu falo com ele mais tarde. Você precisa sair porra.

Outro recuo.

—Está bem. Eu irei embora. Mas primeiro eu queria me desculpar. Aquele beijo... —Ela sorri suavemente, e à menção do nosso beijo, meu coração bate um pouco mais rápido. —Travis, esse beijo foi lindo. Eu não fiz...

—Oi! — Foda-me. Ambas as nossas cabeças balançam na direção do guincho agudo. Charlotte está ao nosso lado, sorrindo de orelha a orelha, suas bochechas rosadas e coradas. Ela está muito bêbada. —Eu sou Charlotte! E você é?

—Laynie. —Laynie sorri, estendendo a mão, que Charlotte captura em si mesma, bombeando para cima e para baixo como se ela estivesse tentando tirar a porra da água dela, um grande sorriso bobo no rosto.

—Ela estava apenas saindo. —Eu rosno as palavras fazendo com que ambas as mulheres olhem para mim e franzam a testa.

Laynie faz um polegar na minha direção.

—Ele está com raiva de mim.

Charlotte sorri.

—Ele está com raiva de todos.

—Sim. Bem, ele está realmente zangado comigo.

Charlotte franze a testa.

—O que você fez?

Que porra é essa? As duas estão paradas ali conversando como se estivessem em um maldito chá social, fingindo que eu nem estou presente. Eu me inclino para frente, agarrando Laynie mais uma vez.

—Eu disse que ela estava apenas saindo.

Surpresa registra no rosto de Charlotte, assim como Ryker se aproxima dela.

—Querida, parece que esses dois estavam conversando. Vamos lá. —Obrigado, fodido Ryker.

Charlotte faz beicinho e se vira para Laynie.

—Foi bom conhecer você, Laynie.

Ela sorri de volta.

—Você também, Charlotte.

Ryker envolve o braço em torno de sua mulher e praticamente a arrasta de volta para o outro lado da sala. Ela continua se virando e acenando para Laynie, um enorme sorriso no rosto, sem perceber que ela não pode vê-la. Olhando para longe dela, vejo quase todo mundo na sala está nos observando. Minha pele rasteja e meu intestino se agita quando percebo que somos o centro das atenções neste momento. Eu preciso tirá-la daqui. *Agora*.

Voltando para Laynie, eu dou uma última olhada na mulher mais linda que eu já vi antes de dizer a ela para dar o fora. É tudo drama demais, e eu só quero que isso acabe.

—Você tem que ir.

Ela gagueja e protesta enquanto eu a puxo de volta para a porta. Jase nos vê saindo e chama por ela.

—Saindo tão cedo, querida?

Suas bochechas coram, mas se seus olhos pudessem disparar faíscas, eles o fariam. Ela está chateada.

—Pelo visto. Travis me diz que tenho que sair.

Jase solta uma gargalhada profunda.

—*Travis,* não é? Ele faz? Bem, você diz a *Travis* que você quer sair comigo, e ele não pode fazer você ir embora. —Ele pisca para ela, outra pessoa inconsciente de sua cegueira. Raiva se enrola na minha barriga com o seu flagrante flerte.

Eu olho para ele e rosno,

—Chega. Agora se *mexa*. Ela está indo embora.

Laynie rosna com raiva e gira ao meu lado.

—Você sabe o que, Travis? Você parece ser a única pessoa que tem um problema comigo estar aqui. Eu vim aqui pra me desculpar e você nem vai ouvir! — Eu ofeguei. —Travis. Grande negócio. Me desculpe se eu machuquei seus sentimentos, mas de repente, eu nem me importo se você me perdoa. Você realmente *é* um idiota.

Girando em seu calcanhar, ela se vira e sai do prédio, com Dex no seu rastro. Jase levanta as sobrancelhas e solta um assobio baixo.

—Jesus Cristo, Teaser. Essa cadela estava quente! Como é que todo mundo por aqui está encontrando boceta gostosa? Não é legal, irmão. Não é nada legal. — Ele se afasta, balançando a cabeça como se estivesse desapontado. *Fodido.*

Meus olhos voltam para a porta que Laynie acabou de sair, a dúvida começando a inundar minha mente. Ela estava certa. Ela veio aqui embaixo, tarde da noite, com apenas seu cachorro para guiá-la e entrou em um covil de merda para se desculpar comigo, e eu cuspo na cara dela. Ela obviamente se sentiu mal. O mínimo que eu poderia ter feito era dar a ela uma chance de limpar sua consciência. *Foda-se.* Eu *sou* um idiota.

***



Laynie

Eu saio furiosamente do clube, mais furiosa do que já estive em toda a minha vida. É difícil fugir de qualquer lugar quando você é cega e seu cachorro anda como uma tartaruga ferida, mas eu fiz isso funcionar. Alcançando minha bolsa, eu pego meu telefone e chamo a companhia de táxi para me dar outra carona. Sem certeza do meu entorno, eu me inclino contra a parede de tijolos e espero.

—Uh oh. —Minha cabeça se levanta. É o cara que me deixa entrar. —Não parece que foi tão bem.

Eu cerro meus dentes.

—Não aconteceu. Esse homem é impossível. Ele também é um idiota.

O homem ri baixinho antes de colocar uma garrafa gelada na minha mão.

—Cerveja. Ainda não está aberta. Eu queria que você soubesse que era seguro. —Eu sorrio enquanto tomo, lágrimas ameaçam cair. —Ele *é* impossível. E ele *é* um babaca. —Droga, certo! —Mas ele também é um cara legal.

Eu faço uma careta para ele, ganhando outra risada. A verdade é que eu *sei que* ele é um cara legal. Foi a parte boa dele que me ajudou quando Dex se machucou e me ajudou novamente quando eu fiquei bêbada e cortei meu pé. Foi o cara legal que dormiu no meu sofá e me fez o café da manhã. Mas todas essas ações de bom rapaz não significam que ele é um cara totalmente legal.

— Está mais para como um idiota com tendências de bom rapaz.

O homem ri longo e duro, obviamente aproveitando minha dor.

—Eu gosto de você. Meu nome é Mouse. — Eu franzo o nariz, me perguntando por que ele tem um nome tão idiota. Eu sei que o nome real dele não é Mouse, mas por que ele se apresentaria assim? Balançando a cabeça, aceito que provavelmente nunca vou descobrir.

Estendendo a mão, espero que ele a pegue. Ele agarra suavemente, dando-lhe uma única balançada antes de soltar.

—Laynie...

—Laynie. Nome bonito. — Eu apenas sorrio. —Como eu estava dizendo, Tease é um cara legal. Eu deveria saber. Somos amigos. Ele nunca admitiria isso, mas nós somos. Esse cara tem minhas costas toda vez que eu precisei e nunca reclamou uma vez. Eu não estaria aqui se não fosse por ele. — Ele ri baixinho. — Eu me pego em muitas *situações*...

Eu sorrio. Eu gosto da personalidade do Mouse. Ele parece tão genuíno e um tanto inocente comparado aos outros caras. Eu posso dizer que ele olha por Travis. Eu só espero que Travis aprecie o amigo que tem nele.

—Bem, Mouse, ele pode estar lá para você, mas ele é sempre um idiota para mim, e eu não estou tirando essa merda dele. Ele está agindo como uma criança.

—Eu não culpo você por isso. — Ele suspira, e eu ouço o colarinho de Dexter tilintar enquanto Mouse o acaricia. —Teaser teve uma vida de merda. — Eu congelo, esperando que ele continue. —Eu não sei muito sobre isso... qualquer coisa, realmente. Mas eu sei que isso é uma merda. Ele não fala muito, e principalmente ele guarda para si mesmo. Eu acho que é difícil para ele estar perto de pessoas. Eu também acho que você só precisa ser paciente com ele.

No fundo eu sei que ele está certo. Eu pensei a mesma coisa ontem à noite antes de tudo, e todos nós vamos para o inferno. Ao mesmo tempo, porém, é muito esforço colocar em alguém que parece não estar perto de você.

Assim que abro a boca para responder, a porta da frente se abre e depois se fecha novamente, e eu ouço passos se aproximando de nós no estacionamento de cascalho.

—Cai fora, Mouse. —*Travis.*

A voz de Mouse é divertida quando ele responde.

—Até mais, Laynie.

Balançando a cabeça com a grosseria de Travis, levanto a mão e aceno.

—Até mais, Mouse. E obrigada pela cerveja.

Eu o ouço começar a dizer algo, mas é interrompido por um grunhido de Travis, e então ouço seus passos quando ele se afasta.

Eu olho na direção que eu acho que ele está.

—Não se preocupe. Só estou esperando meu táxi e vou embora.

Ele suspira.

—Laynie, eu... podemos conversar por um minuto? —Ele soa derrotado.

Virando-me para encará-lo, eu apenas aceno, esperando para ver se a esperança que estou sentindo de repente vai voltar e me morder no traseiro.

CAPÍTULO 09

TEASE

Eu não sei o que dizer a ela. Eu perguntei se poderíamos conversar e agora ela está esperando por mim para alguma coisa, qualquer coisa, e tudo que eu posso fazer é olhar para seus tristes olhos verdes, chateado que eu fui o único a fazê-los tristes em primeiro lugar.

Respirando fundo, eu vou para ela.

— Sinto muito. — Sua cabeça inclina para o lado, mas ela fica em silêncio. Ela não vai facilitar isso para mim. Soltando uma respiração, eu passo meus dedos rudemente pelo meu cabelo.

Ela continua ali, com os olhos levemente apontados para a esquerda, com o rosto em branco. Eu suspiro pesadamente.

—Eu estava chateado. Eu sou um maldito monstro, Laynie, e quando você tocou meu rosto, você *soube*. Você fodidamente *soube*. — Eu vejo como sua testa se enruga com confusão, mas ela ainda não diz nada. —Você e eu, não nos encaixamos. Você é linda porra e eu... —*Porra.*

Ela me interrompe .

—Você o que?

Porra. Eu odeio isso. Eu não falo sobre essa merda. Eu não falo de nada. Raiva e frustração bombearam minhas veias, meus punhos apertando com força.

—Aquela merda de cicatriz que você sentiu? Está em todo o meu rosto. —Eu estou gritando com ela, mas não posso evitar. Eu não quero dizer isso a ela, mas ela precisa saber. —É repugnante.

Ela acena com a cabeça.

—Eu senti isso. —Eu olho para longe, de repente, envergonhado e não tenho certeza se quero ouvir o que ela dirá a seguir. —E eu não me importo se é feio ou não. Eu engasguei porque fiquei surpresa. Para não mencionar, devastada por você. —Eu estreito meus olhos e abro minha boca para dizer a ela para ir se foder. Que eu não preciso da sua porra de pena, mas ela me interrompe. —Essa cicatriz é antiga. É suave e quase imperceptível ao toque, mas posso dizer que é uma cicatriz antiga. O que *me* diz *que* você ganhou quando era jovem.

Surpreso, observo seu rosto, procurando por qualquer sinal de suas emoções. Cético, eu zombo dela.

—Você conseguiu tudo apenas por tocar a porra do meu rosto?

Ela sorri levemente e acena com a cabeça.

—Quando você perde a sua visão, você se torna bastante acostumado a usar seus outros sentidos. - Ela estende a mão, procurando pelo meu rosto. Eu agarro seu pulso, segurando-o com

força entre nós, mas ela continua. —Como você conseguiu essa cicatriz, Travis?

Minha raiva começa a desvanecer e meu coração bate em um ritmo instável no meu peito. Eu não posso dizer isso pra ela. *Eu posso?* Eu nunca contei a ninguém sobre o meu passado fodido. Eu olho em seus olhos, vendo-os cheios de compaixão e sinceridade, e começo a desmoronar. Esses olhos podem não funcionar do jeito que deveriam, mas, porra, eu posso ver cada uma de suas emoções quando olho para eles.

Engolindo em seco, eu guio sua mão lentamente e gentilmente coloco contra a minha bochecha marcada. A cautela faz minhas entranhas rolarem. Ela sorri suavemente e seu polegar se move, subindo e descendo suavemente a longa cicatriz que arruinou minha vida. Emoções fazem guerra dentro de mim. Eu quero recuar, tirar a mão do meu rosto e gritar para ela por me fazer sentir essas coisas. Ao mesmo tempo, as tendências de sua carícia fazem com que minhas defesas se dissolvam lentamente.

—Esta cicatriz não define você, Travis. — Ela sussurra

Foda-se. Eu desvio meus olhos, incapaz de olhar para ela por um momento, tentando reunir meus sentimentos e falar uma frase coerente.

—Eu *sei* disso. Mas nem todo mundo sabe. — Ela franze os lábios, não feliz com a minha resposta. —Toda a minha vida tem sido uma luta enorme.

Lágrimas nadam em seus olhos, ameaçando passar pela borda.

—Meu padrasto me deu essa merda de cicatriz. Minha mãe, porra, assistiu ele fazer isso. Naquela mesma noite, ele matou meu maldito cachorro. O filho da puta arruinou minha vida em uma raiva induzida pelo álcool, e minha mãe ficou com ele. Ela *ficou,* Laynie. Fiquei esperando que ela o deixar, mas ela não o fez. Então eu fugi.

Uma única lágrima desliza por sua bochecha, mas seu silêncio é até quando ela sussurra.

—Quantos anos você tinha?

—Nove. — Eu rosno a palavra, não querendo sua pena, mas de repente desesperado por sua compreensão. Eu quero que ela saiba o porquê eu me tornei quem eu sou.

Sua mão desliza da minha bochecha e desce pelo meu ombro e braço até ela alcançar minha mão.

—Eles encontraram você?

Olhando para as nossas mãos ligadas, eu zombo.

—Eles nunca procuraram. — Eu respiro fundo e me forço a continuar. Eu preciso contar a ela o resto para que ela finalmente entenda.

—Eu vivi nas ruas por alguns dias antes dos malditos policiais me encontrarem. Eles rastrearam minha mãe, e ela disse a eles que ela não poderia mais lidar comigo. Os filhos da puta me colocaram em um orfanato, que então me enviaram para morar em uma

maldita casa de grupo. Os pequenos bastardos que viviam lá bateram em mim todos os dias. Eu era apenas uma criança magricela com um rosto fodido. Alvo mais fácil que eles já tiveram. Quando eu tinha dezesseis anos, eu finalmente quebrei e dei uma surra em um *deles.* Passei os dois anos seguintes no reformatório.

Ela sorri tristemente.

—Uau.

—Então, eu sei que essa cicatriz não porra me define, mas *é* definido como as pessoas me tratam. Eu tive que manter para mim mesmo por maldita necessidade. As pessoas nunca deixam de me foder.

Ela inclina a cabeça para o lado um pouco.

—E os Kings?

Eu endireito meus ombros e balanço minha cabeça.

—O clube é diferente. Eles não dão a mínima como eu pareço. Eu sou um deles.

—Então eu estou feliz que você os encontrou, Travis. —Ela dá um passo mais perto de mim, pressionando minhas costas na parede. —Você sabe, eu não dou a mínima como você parece. — Ela sorri. —Eu não posso nem ver você.

Suas palavras fazem um sorriso lento crescer no meu rosto. Como essa pequena mulher mal-humorada pode me fazer sentir melhor comigo mesmo com apenas uma breve conversa? Balançando a cabeça, eu rio baixinho.

—Espertinha.

Um sorriso caloroso se espalha em seu rosto, e eu juro que sinto um pouco do gelo ao redor do meu coração começar a derreter.

—Agora o que? — Ela pergunta.

Eu fico olhando para ela, sem saber o que dizer. *Posso fazer isso? Posso estar com essa mulher, como Ryk está com Charlotte?* Eles fazem funcionar e parecem tão felizes juntos. Eu nunca imaginei que poderia ter o mesmo, mas de repente eu quero. Eu quero tanto pra caralho. Eu estendo a mão, levo-a pelos quadris e a puxo para perto de mim, seu corpo pressionando contra o meu. —Eu não sei.

—Bem, eu sei.

Surpreso, eu olho para ela.

—Precisamos ir devagar. Dos sons das coisas, você tem dificuldade em confiar nas pessoas, mas a verdade é que, Travis, eu gosto de você. Um *monte.* — Ela cora. —Eu não quero estragar tudo.

Meu coração bate.

—O que você sugere?

—Que tal começarmos com... —Ela sorri maliciosamente. — Um passeio de moto.

Um sorriso lentamente toma conta do meu rosto.

—Isso eu *posso* fazer.



***

Laynie

Depois de deixar Dex com um Mouse muito feliz, Travis silenciosamente me leva em direção a sua moto. A excitação pulsa pelo meu corpo como uma corrente elétrica. Eu nunca andei em uma moto antes, mas o pensamento disto tem minha cabeça girando.

Travis para e eu fico ao seu lado silenciosamente esperando. Eu o ouço mexendo em algo antes que ele coloque um objeto pesado na minha cabeça. Eu levanto a mão e sinto a casca dura do capacete enquanto ele levanta a alça do queixo.

—Pronta?

Eu apenas sorrio e aceno antes de suas mãos maciças envolverem minha cintura, e ele me coloca no assento da moto. Sentindo-o se acomodar entre as minhas pernas, minha excitação muda de repente para algo bem diferente. Ele é tão grande comparado a mim, seu corpo largo e duro como uma rocha. Calor aumenta na minha barriga quando ele inicia a moto. Ainda fica mais quente quando ele chega e me puxa com força contra ele.

—Segure-se. — *Deus.* Eu amo o som do seu rosnado.

E então, lentamente, estamos nos movendo. Eu sei que nós chegamos à estrada quando a moto começa a se mover mais

rápido. Estou voando. O vento bate contra o meu rosto, chicoteando as pontas do meu cabelo ao redor. Eu rio, pura alegria enchendo meu coração.

—Isso é incrível! — Eu grito, esperando que ele possa me ouvir sobre a pressa do vento e o rugido alto do motor.

Ele se abaixa, apertando meu joelho brevemente antes de acelerar ainda mais rápido. Eu grito de alegria, segurando-o firmemente com as minhas coxas enquanto eu levanto meus braços para o alto e apenas sinto. Liberdade. Liberdade absoluta e desinibida.

Eventualmente, eu abaixo meus braços e os envolvo de volta ao redor da cintura de Travis, um sorriso espalhado de orelha a orelha. Abaixando a cabeça atrás das costas para bloquear o vento, faço o que eu queria fazer desde a primeira vez que esbarrei nele na cafeteria. Eu conto seu abdômen.

Seu corpo endurece quando eu deixo meus dedos percorrerem sua barriga, mas não me importo. Eu me sinto invencível. Minha respiração fica mais pesada quando conto. Existem oito no total. *Oito!* Eu nunca toquei o abdome de um homem antes, mas até eu sei que um pacote de oito não é a norma. Travis está empilhado.

Sentindo a moto lenta, eu me pergunto silenciosamente onde estamos quando Travis puxa a moto por uma estrada esburacada. Desligando-a, ele se senta lá, o único movimento é o de nossas respirações pesadas.

—Travis?

De repente, estou sozinha na moto e antes mesmo de ter a chance de imaginar onde diabos ele foi, suas mãos seguram cada lado do meu capacete, e ele bate a boca na minha. Eu suspiro de surpresa antes de me levantar, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço e puxando-o para mais perto.

Eu beijei o Travis antes, mas isso é mais quente, mais apaixonado, isso é pura reivindicação. Ele rosna e me agarra pelos quadris, deslizando meu corpo pelo assento até que eu esteja deitada. Um gemido me escapa enquanto eu corro minha mão pelas suas costas e seguro a bunda mais magnífica que já senti. Nós nos beijamos como se precisássemos um do outro para respirar, corações batendo, línguas duelando, e eu não sei sobre a dele, mas minha cabeça está nadando.

Eu quero mais, muito mais, mas não quero empurrá-lo. Eu disse a ele que precisávamos ir devagar, então mesmo que eu esteja pronta para arrancar suas roupas e levá-lo ao esquecimento, eu preciso esperar que ele tome a liderança. Quando a mão dele segura meu seio, percebo instantaneamente o estado súbito de minhas calcinhas. Eu gemo em sua boca, girando meus quadris em necessidade.

Seu polegar roça meu mamilo e o prazer é tão grande, eu suspiro alto, puxando minha boca da dele para recuperar o fôlego. Seu corpo fica imóvel, e então eu o sinto começar a me afastar, mas eu pego seu lábio inferior em meus dentes e agito com

minha língua. E então eu estou sozinha na moto, ofegante e excitada, mas Travis está ofegante de algum lugar à minha direita.

Eu sinto a perda tanto no meu coração quanto no meu clitóris. Eu o quero de volta.

—Travis?

—Eu nunca beijei uma mulher antes de você. — Suas respirações são pesadas, mas suas palavras são rosnadas.

—Nunca*? — Eu pensei que os motoqueiros eram um bando de putas?* Ele não responde. O pensamento de ser seu primeiro beijo é emocionante, fortalecedor. Eu nunca beijei um homem também. Garotos adolescentes do meu tempo não contam. Eles nem estão na mesma liga que Travis.

Eu sorrio amplamente.

—Fantástico!

—O quê? — Ele não parece acreditar em mim.

—Fantástico. Nós nos beijamos duas vezes, e as duas vezes, foram incríveis! Você é um cara de sorte.

Silêncio, então.

—Jesus.

Eu dou risada. Depois de um minuto, fico séria.

—Por que você nunca beijou uma mulher?

—Quem diabos iria querer me beijar? — Ele rosna.

Eu não deixo isso me incomodar. Travis é duro, mas sua raiva não é dirigida a mim.

—Eu gostaria. Faça isso novamente. Eu vou provar isso.

Ele bufa.

—Você é louca.

Eu sorrio novamente.

—Eu sei.

Sua mão agarra a minha e ele me puxa para uma posição sentada. Reajustando o capacete na minha cabeça, eu me movo para o encosto do banco. Assim que ele está voltando para a moto, eu chamo.

—Travis?

Ele faz uma pausa, mas não diz nada.

—Da próxima vez que você me beijar assim, você pode pelo menos tirar o capacete? Capacetes não são nem um pouco sexy.

—Você é a coisa mais sexy que eu já vi. — Ele rosna antes de ligar a moto e dirigir de volta para a estrada. Meu coração dispara. *Ele acha que eu sou sexy!* Bem, eu sou. O homem sabe o que ele gosta. Eu sou uma cadela louca e sexy, e ele adora cada segundo disso.

Aconchegando-me em suas costas, eu relaxo e apenas desfruto de nossa carona para casa. Nós estamos andando em silêncio, meus braços ao redor dele, seu polegar esfregando para frente e para trás sobre o meu joelho quando o rugido de outro motor cresce mais alto em meus ouvidos. Eu ouço isso antes de sentir. O impacto da esquerda me manda voando. Eu mal registro o ruído de metal quando meu ombro desliza pela calçada, queimando minha pele.

Como um pesadelo, continuo escorregando, ouvindo a moto passando pela vala atrás de mim. Eu paro e deito lá, ofegante. Risos e o guincho dos pneus soam através da neblina. Minha pele queima e sei que estou ferida. Meu ombro direito está gritando de dor e não consigo recuperar o fôlego.

—Travis? — Eu mal consigo pronunciar as palavras. Meu peito está palpitando tentando respirar um pouco, mas não consigo emitir nenhum som. Eu fico lá por alguns segundos antes de tentar novamente. — Travis?

Sem resposta. Cuidadosamente, levanto-me do chão e me agacho, a mão esquerda na minha frente, procurando por ele. Eu chamo seu nome mais algumas vezes, mas tudo que ouço é o ping de metal quente e o chiado vindo dos meus próprios pulmões.

O medo por Travis jorra dentro de mim, me deixando de joelhos. *E se ele estiver morto?* É como o Garrett. Nós tínhamos estado naquele carro por horas depois do nosso acidente, e o tempo todo ele estava morto. Eu não poderia salvá-lo porque tive uma lesão na cabeça, mas posso salvar Travis. *Eu tenho que salvar.*

Alcançando meu bolso de trás, sinto a ponta do meu telefone e deslizei para fora. Eu posso sentir as rachaduras na tela e rezo para que isso funcione. Segurando o botão, ouço o pequeno som que me permite saber que está pronto para falar e grito.

—Ligue para o 911!

CAPÍTULO 10

TEASE

—Eu só espero que ele se lembre do que aconteceu.

—Você realmente acha que foram eles?

—Eu sei que foi.

A conversa silenciosa é a primeira coisa que ouço quando o nevoeiro se ergue. Em seguida é a constante bipar de perto de uma máquina. *Que porra é essa?* Eu tento abrir meus olhos, mas eles se sentem colados.

—Olhe para a cara dela, cara. Teaser vai ficar puto.

Esta última frase, seguida de um grunhido de concordância, me faz lutar para acordar. *De quem eles estão falando? Laynie? Porra. Por que não consigo abrir meus olhos?* Com um gemido, eu uso todos os músculos do meu rosto para finalmente fazer minhas pálpebras se abrirem um pouco.

Através da minha visão turva, vejo uma pessoa se mover para ficar em cima de mim.

—Teaser? Cara, você está bem? — Porra, Mouse.

Eu gemo novamente, forçando minhas pálpebras a abrirem mais.

—Ryk! Ele está acordado. — Mesmo que ele esteja sussurrando, sua voz soa alto através da minha cabeça latejante. Eu vejo Ryker ao lado dele. *O que diabos está acontecendo?*

—Ei irmão. É bom ver você. Você nos deixou preocupados por um tempo.

Eu olho para Ryker, me perguntando do que diabos ele está falando quando um flashback me atinge. Pilotando com Laynie, seus braços jogados para trás em alegria, beijando-a. E então, uma grande van saindo do nada e batendo no nosso lado. Eu cerro os dentes pela dor e me endireito na cama.

—Laynie?

—Shhh. Ela está bem. Dormindo no canto, então cale a boca, sim? —Eu olho para Ryker e ele sorri. — Você se lembra do que aconteceu?

Deitando de costas na cama, suspiro.

—Não vi muito. O filho da puta veio do nada e bateu no nosso lado. Só isso.

—Laynie disse que ouviu homens rindo após o acidente e pneus gritando quando eles partiram. Tinha que ter sido a porra dos Devil's.

Raiva explode no meu peito, queimando através de mim como um incêndio. Eu olho para onde Laynie dorme, enrolada em uma cadeira de espaldar reta, dormindo com Dexter a seus pés. Ela tem arranhões cobrindo metade do rosto, na bochecha e no queixo. A raiva se constrói. Aqueles filhos da puta quase nos mataram, quase a mataram. Eles vão morrer, e *eu sou* o único que vai fazer acontecer.

—Ela está bem, cara. — Eu alcanço Ryker com os olhos. *Bem?* Ela está coberta de arranhões da estrada. —Ela está bem ralada, mas principalmente está preocupada com você. Você teve uma lesão na cabeça que a deixou um pouco assustada por um tempo. Ela ficará feliz por você estar acordado.

Eu fico olhando para ela novamente, chateado que ela foi pega na nossa merda do clube.

—Eles vão morrer.

—Eles vão. Nós vamos matar cada um dos filhos da puta. — Ryker rosna.

Eu olho para os fios e tubos saindo de mim e aperto meu queixo.

—Vamos lá.

Ryker ri.

—Não está acontecendo, cara. Você vai estar aqui por um tempo ainda. Sente-se e melhore. Nós não vamos nos mexer nos filhos da puta até você sair. — Eu olho para ele, a mandíbula cerrada. A necessidade de tirar sangue dos Devil's quase me desfaz. Eu preciso sair daqui.

Só então, o médico entra. Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu o interrompo.

—Retire esses malditos tubos de mim. Eu estou indo embora.

Suas sobrancelhas levantam em surpresa, mas ele apenas olha para sua prancheta.

—Sr. Hale. Você sofreu trauma na cabeça e escoriações severas na pele em vinte por cento do seu corpo. Você ficou inconsciente por mais de doze horas. Você não vai a lugar nenhum.

—Foda-se...

—Travis? — Sua voz de sono nublado chama em angústia do outro lado da sala e todas as nossas cabeças se voltam para ela.

—Estou aqui, *baby*.

Lágrimas enchem seus olhos, e ela se senta, recolhendo o cobertor de sua boca enquanto se levanta.

—Oh *baby*! Eu estava com tanto medo. — Ela estende as mãos procurando a cama enquanto caminha em minha direção. Eu movo meu braço para encontrá-la, mas a dor corta através de mim quando eu faço.

—Isso seriam as escoriações. — O médico sussurra.

Eu estreito meus olhos para ele assim que Laynie alcança a cama. As lágrimas estão fluindo livremente pelas suas bochechas. Meu intestino aperta. Eu odeio vê-la assim. Nossas mãos finalmente se encontram, e ela aperta a minha com força na dela.

—Você está bem?

—Estarei assim que esse maldito médico me deixar ir para casa. — Eu rosno, estreitando os olhos no pau de jaleco.

—Ir para casa? — Um vinco se forma entre as sobrancelhas. — Você não pode ir para *casa*! Você foi ferido em um acidente de moto, Travis.

Mais que merda.

—E agora eu estou muito bem.

—Você não está! Você teve um trauma na cabeça. Eles não são algo para levar de ânimo leve. Não faça isso comigo.

Como diabos eu posso argumentar com isso? Rangendo meus dentes, eu jogo minha cabeça de volta no travesseiro. Ryker ri e Mouse faz um chicote com a boca. Eu chicoteio minha cabeça para encará-los, tentando furar com meus olhos enquanto o médico começa a listar minhas preocupações médicas.

Eu não dou a mínima. Eu só quero sair daqui e matar esses bastardos. Eles quase mataram Laynie. O médico ainda fala quando interrompo o discurso.

—Quão mais?

Ele me olha diretamente nos olhos. Eu tenho que dar respeito ao homem. Ele não parece ter medo de mim.

—Precisamos mantê-lo sob observação por pelo menos vinte e quatro horas.

—Porra.

Ryker limpa a garganta.

—Tudo certo. Eu vou embora. Descanse, irmão. Este é apenas o começo.

Derrotado, eu apenas aceno. Mouse vira para Laynie.

—Você precisa de uma carona?

—Não. Eu vou ficar aqui com Travis e ter certeza de que ele fique na cama. — Eu faço uma careta para ela.

Mouse ri.

—Entendido. Até mais, Tease. — Ele se inclina e beija Laynie na bochecha. Eu quero arrancar os lábios do filho da puta. —Vejo você, linda.

—Tchau, Mouse. Tchau, Ryker. — Ela chama.

Eles saem do quarto e eu me viro para encarar Laynie. Ela sorri e passa a mão pela cama. Determinando que há espaço suficiente para ela, ela sobe e se enrola ao meu lado com a cabeça no meu ombro. Precisando mantê-la perto, eu puxo os cobertores por cima dela e envolvo meu braço ileso em torno de sua cintura.

Beijando meu peito, ela murmura.

—Estou tão feliz que você esteja bem.

Eu dou-lhe um aperto e sinto a atração do sono me arrastando para baixo. Eu enterro meu nariz em seu cabelo cheirando a morangos, e depois de apenas alguns segundos, caio no sono profundo.

***



Laynie

Eu acordo no peito de Travis. Eu o acaricio com a minha bochecha, pensando que ele ainda está doente quando percebo que ele está deitado embaixo de mim, duro como uma tábua. Eu me sento rapidamente, preocupada que estou machucando-o de alguma forma.

—Travis?

Silêncio, então.

—Você precisa ir.

Eu sacudo de surpresa, franzindo a testa profundamente.

—O que?

—Você me ouviu. — Ele parece irritado, e eu não entendo o que está acontecendo.

Eu coloco minha mão ilesa em sua bochecha.

—Por quê?

—Não podemos fazer isso. Não é seguro.

Confusa, eu recuo, desejando mais do que qualquer coisa que eu pudesse ver seu rosto.

—O que não é seguro?

—Isto. Nós. Nós não podemos fazer isso. Merda está acontecendo com o clube, e só vai piorar.

Confusão dá lugar à raiva. Balançando as pernas sobre o lado da cama, eu me levanto.

—Isso é besteira, e você sabe disso.



—Você quase *morreu,* porra! — Ele ruge.

Eu me aproximo, inclinando-me sobre a cama, e calmamente digo.

—Mas eu não morri. — Ele não diz nada. E então, me ocorre. —Você está assustado.

Ele zomba.

—Sobre o que?

Eu jogo minhas mãos no ar.

—De nós.

—Foda-se isso. — Eu posso ouvir o veneno em sua voz, mas eu não deixo isso me perturbar. Estou cansada de sua idiotice.

—Você está. Você está usando a primeira desculpa que vem para acabar com isso entre nós antes mesmo de começar. Você está com medo e você está me afastando. — Silêncio. —Pelo amor de Deus, Travis, não é como se eu estivesse pedindo para você se casar comigo! Eu *gosto de* você. Eu quero te conhecer. Eu...

—Por quê?

Surpresa com a pergunta, eu levanto a cabeça ligeiramente.

—Por que o que?

—Por que diabos você quer me conhecer tanto? — Sarcasmo coloca seu tom de voz.

O homem não tem noção.

—Bem... você está com tudo em cima. — Eu sorrio. —É gentil... às vezes, de qualquer maneira. Eu gosto da sua voz rouca e sua risada. Você cheira incrível. Mas acima de tudo... você me trata

como uma pessoa normal. — Dou de ombros e movo meus olhos para baixo, mordendo meu lábio. —Você realmente me escuta. Às vezes nem me lembro que sou cega quando estou com você.

Ele geme como se estivesse com dor.

—Porra.

Eu não posso mais fazer isso. Eu não vou. Estou cansada, dolorida e preciso de um banho. Travis me empurrando para longe depois do pesadelo que vivi de tentar encontrá-lo depois do acidente, foi me drenando, deixando minha paciência e minha energia. Eu estalo meus dedos para chamar Dex, e uma vez que ele chega ao meu lado, eu agarro seu cinto e digo o que preciso dizer.

—Você quer que eu vá embora, eu vou embora. Não para sempre... só por agora. Mas você tem uma grande procura de alma para fazer, Travis. Minhas emoções não podem ser tratadas como um maldito ioiô. Pare de mascarar os medos gigantescos que você tem com o seu tipo durão, e talvez, com sorte, você finalmente seja feliz. Eu realmente espero que eu seja a pessoa com quem você escolhe ser feliz. — Eu respiro fundo e termino. — Então isso não é um adeus… mais um até breve. Nós nunca terminamos esse passeio. — Lançando um sorriso cansado por cima do meu ombro, eu me viro e saio do quarto.

Eu sei que ele não quer que eu ouça quando ele murmura.

—Fodida louca.

CAPÍTULO 11

TEASE

NA PRÓXIMA MANHÃ, RYKER e Mouse estão lá para me animar quando o médico finalmente sai da sua bunda e deixa tudo autorizado para escapar do assustador quarto do hospital. Ryker me dá um novo par de roupas, e depois que eu termino de me vestir, vamos para a van preta e sem identificação que o clube usa quando precisa manter um perfil baixo.

—Sua moto está fodida, irmão. — Eu sabia que estaria, mas ouvir isso confirmado quase me mata. Eu amo essa moto. —Jase diz que ele pode consertar isso. Ele estava trabalhando nisso quando saímos.

Eu aperto meu queixo e aceno. Eu sei que Jase pode consertar, o homem é um gênio com motos. Eu só não estou ansioso para não ter o meu passeio até que ele faça. Parece que eu vou dirigir essa porra de van por um tempo.

—Onde está Laynie? — Ryker pergunta.

Eu olho-o de lado.

—Se foi.

—Se foi? Não é bom, certo? — Mouse levanta a cabeça entre os dois bancos da frente. —Laynie é a melhor!

Eu olho fixamente para frente, observando a paisagem e pensando que o Mouse precisa aprender a cuidar de seu próprio negócio.

—Ele está certo, você sabe. — Eu olho para Ryker. —Ela é legal. E ela gosta de você, o que é um milagre em si mesmo. Agarre-se a essa merda, irmão.

Eu balancei minha cabeça, notando a entrada para o clube se aproximando. Eu preciso sair deste veículo e longe desses fodidos intrometidos. Ryker apenas ri e entra no estacionamento mais próximo.

—Igreja em cinco minutos.

Nós três entramos no clube e somos recebidos por Gunner.

—Coloque suas bundas na sala de reuniões. Estamos todos esperando. Mouse, é melhor você sentar nessa.

Mouse acena e segue-nos. Uma vez que estamos todos sentados, Gunner bate o martelo sobre a mesa.

—Merda está ficando séria, garotos. Muito sério. — Ele faz um gesto para mim. —Teaser, fico feliz que você esteja bem, irmão.

Eu recebo tapas nas costas e murmúrios de acordos antes que ele continue.

—Aqueles filhos da puta quase mataram um dos nossos ontem à noite. E ele tinha a porra da Old Lady com ele. — Meu coração aperta com a menção de Laynie. Depois do jeito que seu irmão morreu, ela deve ter ficado aterrorizada. Terminar com ela foi um movimento de merda.

—Eles queriam uma guerra? Bem, eles fodidamente tem uma. — Os punhos batem na mesa, e a sala irrompe em vozes altas, cada um tramando a morte dos Devil's Rejects. Todos exceto um.

—Como sabemos mesmo que foram os Devil's? — O quarto se acalma, e todos os olhos se voltam para o Tiny. —Não temos provas. Teaser foi fodidamente nocauteado, e sua cadela é cega. — Ele desdenha a última palavra com desgosto.

Meus olhos se arregalam e uma raiva aquecida irrompe no meu intestino. Eu o furei com meus olhos, prestes a perder minha merda quando sou interrompido.

—Você pode querer assistir seu tom com mais cuidado da próxima vez, Tiny. — Reaper rosna. —Você desrespeita um irmão ou a sua Old Lady assim de novo, eu serei o próximo na fila depois de Tease para enfiar pé na sua bunda e usar você como uma porra de uma bota.

Os olhos de Tiny se estreitam em Reaper, mas ele não diz nada. Gunner balança a cabeça.

—Seguindo em frente, senhoras. Sabemos que foram os Devil's, com certeza, porque tenho um contato que porra me disse.

Eu me sento mais forte, ignorando a dor da minha queda na estrada. Isso é novidade para mim.

—Um homem com o nome de Tip entrou em contato comigo mais cedo nesta manhã. Ele é consultor do capítulo local dos

Bloods. —Ele olha ao redor da sala. —Parece que temos um inimigo comum.

—Os Bloods? Nós estamos fazendo negócios com os malditos Bloods agora? — Tiny sacode a cabeça. —Foda-me.

—Tiny! — Gunner grita seu nome tão alto que todos pulamos. —Cale a boca, ou dê o fora do meu clube. Estou cansado de lidar com você e sua porra. Mostre algum respeito . — Os olhos de Tiny se arregalam. —Continuando a porra. Tip tem um cara trabalhando disfarçado com os Crips. Disse que os Crips e os Devil's têm trabalhado juntos em algum tráfico de drogas ultimamente. Ele os ouviu na noite passada rindo sobre um dos Kings da estrada.

Ele se inclina para trás em sua cadeira.

—Agora, Tip não me deu essa informação por gentileza de seu coração. Os Bloods querem que os Crips sejam retirados. Eles querem que sua parte da cocaína seja usada aqui na cidade, e os Crips estão seriamente fodendo com seus negócios. Há uma noite de entrega fora de um antigo armazém perto do aeroporto. Os Devil's estão pegando um monte de cocaína indo e voltando para Toronto. Agora temos a localização e a hora. O negócio é, nós pegamos os Devil's e no processo tiramos alguns Crips ao longo do caminho.

Franzindo a testa, Jase se senta.

—Porra, isso só vai causar guerra com os malditos Crips. Isso é uma boa idéia?

Gunner suspira.

—Provavelmente não, mas é uma oportunidade perfeita para um sucesso. Eles não estarão nos esperando. Os Bloods são bons aliados para se manter. Fazemos isso, eles terão nossas costas quando precisarmos deles.

—Eu não gosto disso. — Afirma Ryker, ecoando meus próprios pensamentos. — Começar uma guerra com os Crips é apenas pular de uma guerra para outra.

—Está decidido. Nós não estamos votando nisso. Como seu presidente, esta é uma ordem direta. — Gunner olha para Ryker, desafiando-o a discutir.

Ryker balança a cabeça, claramente não feliz.

—Então qual é o plano?

—Chegamos cedo e ficamos quietos. Nós esperamos até que todos cheguem lá, e no meio da troca deles, abrimos fogo. — Ele acena para Reaper. —Reap, você é a melhor atirador de todos nós. Você está atirando.

Reaper acena.

—Esses malditos idiotas pegaram o maldito clube errado para mexer. Correr nosso homem fora da estrada assinou suas certidões de óbito.

Ryker e eu fechamos os olhos. Fazer esta missão pode ser apenas a assinatura dos nossos.

***



Laynie

Travis está fora do hospital há horas agora. Eu sei porque liguei e eles me disseram que ele tinha sido liberado. Isso foi há três horas. Eu pensei depois do meu monólogo épico e saída dramática, que ele teria pelo menos chamado. Isso é o que qualquer um dos meus namorados super sexys do livro faria, especialmente os motoqueiros. Eles são todos idiotas, mas eles cuidam de suas Old Lady. Pena que eles são todos fictícios. *É isso que eu sou agora? A sua Old Lady?* Eu não sei se tínhamos chegado tão longe ainda.

Eu sou grata que ele está fora do hospital, no entanto. Isso significa que ele está bem. Eu pensei que tinha perdido ele. A partir do momento em que ouvi o carro derrapar, os pneus guinchando no asfalto, procurei por ele. Eu devo ter parecido uma lunática quando os paramédicos apareceram. Eu estava chorando histericamente, em minhas mãos e joelhos, procurando com as duas mãos batendo no ar, tentando encontrá-lo. Ele não me respondeu, não importa o quanto eu gritei seu nome. O pesadelo que sofri na noite em que perdi a visão e meu irmão, voltou. Eu estava no meio do nada, ferida, com medo, e totalmente desamparada.

Talvez ter saído daquele quarto de hospital ontem tenha sido um erro, mas mantenho minha decisão. Travis não lida bem com suas emoções e embora eu tenha ficado com raiva, sei que ele estava apenas me afastando porque não sabia mais o que fazer. Eu

não vou deixá-lo fugir tão facilmente. Travis merece ser amado. Ele só não sabe ainda.

Eu fiz o que pude para manter ocupada desde que cheguei em casa ontem. Meu apartamento está impecável. Eu escutei o último dos meus livros que eu li esta semana. Eu escrevi e agendei meus posts para a próxima semana. Eu paguei minhas contas e andei com meu cachorro. Até assei meus mundialmente famosos biscoitos de chocolate duplo, que normalmente só faço quando Daniel me pede. Eu também evitei minha mãe histérica.

A mulher ligou sem parar, mas eu não consigo lidar com ela agora. Eu tenho meus próprios problemas para lidar, e nenhum deles envolve o papel de sua pobre menina indefesa, pequena e cega. Se mamãe descobrisse sobre o meu acidente, ela me enlouqueceria implorando que eu voltasse para casa. Eu nunca faria isso, no entanto. Eu amo minha independência. Eu amo a cidade. Acima de tudo, amo a liberdade.

Decidida de que Travis não virá hoje à noite, eu coloco meu pijama, uma minúscula regata de seda com bermudas combinando. Estou apenas me arrastando para a cama quando meu telefone toca novamente. É minha mãe. *Por quê? Por que ela não pode simplesmente me deixar em paz?*

Puxando os cobertores sobre a minha cabeça, penso em Travis e me pergunto se vou ter que localizá-lo. Ele quis dizer o que ele disse quando me disse que não podíamos fazer isso? O meu discurso sobre ele ter medo o fez rastejar ainda mais em sua

concha? Pensar sobre o jeito que ele me segurou a noite toda faz meus olhos se encherem de lágrimas. Eu sei que ele sente algo por mim. Eu só espero que ele não esqueça enquanto está tentando esclarecer sua cabeça.

CAPÍTULO 12

TEASE

NÓS ESTAMOS AGACHADOS EM cima desses contêineres abandonados por duas horas agora. E eles são perfeitos para isso. Dez deles cercam a área de estacionamento do armazém abandonado. Meu corpo está me matando, e começo a me perguntar se isso foi apenas uma distração quando as motos entram no estacionamento. Existem seis delas.

Não são todos os Devil's, mas cada um deles é um membro permanente, e todos eles vão morrer hoje à noite. A adrenalina faz o sangue bater na minha cabeça dolorida enquanto esperamos os Crips aparecerem. Eu não gosto desse plano. Começar uma guerra com os Crips não é uma jogada inteligente, mas nós realmente não temos uma escolha fodida no assunto.

Logo depois, um grande Cadillac preto entra, entrando no círculo de contêineres. Observamos quando cinco homens saem do carro. Cada um usa uma camisa azul e calça jeans folgada. Os Crips chegaram. Ryker olha para Reap e assente. Cerrando os dentes, Reaper volta a olhar para a mira e faz algumas pequenas mudanças em sua posição. O silenciador da arma torna o tiro mais silencioso, e os homens no chão nem sequer têm a chance de responder antes

que um dos membros dos Devil's esteja no chão, o sangue escorrendo de um buraco em sua cabeça.

Depois disso, tudo acontece em um borrão. Como um, cada homem sacode suas armas, esquivando-se e examinando a área em busca de atiradores, mas nós os cercamos. Mirando, eu direciono meus tiros, rezando para que eu pegue o filho da puta que dirigiu para o lado da minha moto. Tiros soam no ar, seguidos de gritos e xingamentos, quando um por um apanhamos cada homem no chão.

Eles atiram violentamente, incapazes de obter uma chance clara. Cada tiro que eles soltam passa direto pelo contêiner de transporte, riscando-o com buracos. Quando o último homem está no chão, olho para cada recipiente, garantindo que meus irmãos estão bem. Há apenas nove de nós em pé em nossos contêineres, olhando para baixo na carnificina abaixo.

—Reap! Eu preciso de um maldito médico! — Jase grita.

Reaper percorre a lateral do contêiner, correndo em direção a Jase.

—O que aconteceu? — Ele grita enquanto corre pelo estacionamento.

—Os filhos da puta atiraram em mim!

Cada um de nós se vira e se apressa para o chão focado em Jase, de modo que nos surpreende completamente quando um dos Crips pula e corre para o carro em que ele chegou. Todos nós

levantamos nossas armas, disparando loucamente contra o carro que parte, enquanto ele sai do estacionamento e chega a rua.

—Foda-se! — Ryker grita. — Porra! Porra! Porra!

Aquele cara fugindo não é bom porra. Ele nos viu. Agora, os Crips vão saber exatamente quem emboscou seu negócio de cocaína, e eles não vão gostar. Lembrando de Jase, todos nós voltamos para onde Reaper já o tem sentado no chão contra o recipiente, olhando-o.

—Seu boceta do caralho. — Ele rosna. — Eles não atiraram em você. Eles *arranharam* você.

—Acertou minha porra de orelha! Minha orelha! Eu não posso ter uma orelha fodida! As mulheres não querem um merda idiota com uma orelha ferida! — Jase chora. — Porra, conserte!

—Pelo amor de Deus. — Reaper sai em direção às motos. — Traga sua bunda de volta para o clube e eu vou colocar um maldito Band-Aid nela.

Balançando a cabeça, me viro e me dirijo para a van, feliz por não ser mais um fodido prospect. Mouse e nosso mais novo prospect têm seu trabalho específico para eles. Há dez corpos aqui que precisam ser descartados, e isso precisa ser feito rapidamente. Os Crips estarão de volta e em breve.

Eu tenho minha própria bagunça para limpar. Eu preciso ir a Laynie e me desculpar.

***

Laynie

A batida na porta me arranca do meu sono. *Quem diabos está na minha porta no meio da noite?* Jogando de volta as cobertas, eu corro minhas mãos ao longo da parede e corro para atende-la antes que ele acorde a vizinhança inteira.

Pressionando meu rosto perto dela, eu falo.

—Olá?

Do outro lado da porta, ouço.

—É Travis.

Apressando-me para destrancar o ferrolho, eu pergunto.

—Como você entrou aqui?

Eu abro a porta e a voz dele fica mais clara quando ele responde.

—O idiota do outro lado do corredor me deixou entrar.

—*Oh*. — Eu não sei mais o que dizer. O embaraço preenche o espaço entre nós.

—Oi.

Ele parece tão inseguro. Eu não posso deixar de sorrir.

—Oi. — Eu digo baixinho.

Mais silêncio. Eu posso ouvir o rangido de couro e o sussurro de seu cabelo enquanto ele passa os dedos por ele.



—Então? — Eu coloquei minha mão no meu quadril, encostado na porta aberta. —O que posso fazer por você, Travis?

Eu sei que ele aparecendo aqui é seu jeito de se desculpar, e eu sei que palavras não são fáceis de expressar para ele, mas ele me machucou, de novo. Ele precisa saber que ele pode falar comigo, mas também precisa se desculpar e parar de fazer essa porcaria comigo.

Ele geme alto.

—Porra.

Sem dizer uma palavra, espero pacientemente que ele diga o que eu preciso que ele diga.

—Eu odeio essa merda. — Ele pressiona seu corpo contra o meu, as mãos descansando em meus quadris. —Você estava certa.

Meu coração incha e um pequeno sorriso conhecedor cresce no meu rosto.

—Eu sempre estou.

Ele ri enquanto coloca uma mão na minha barriga, me guiando para trás para que ele possa fechar a porta.

—Não empurre isso. — Sentando-se no sofá, ele me puxa para o seu colo. —Você estava certa quando disse que eu estava te afastando por medo. Eu sabia que ia acabar com isso,com você. Eu sabia disso. Me desculpe, Laynie. — Sua mão envolve a parte de trás da minha cabeça, e ele puxa meu rosto para o dele. –Você sair daquele hospital ontem, porra, me estripou. Isso não vai acontecer

novamente. Você é minha e eu não vou fazer mais nada para acabar com isso.

Uma única lágrima desliza pela minha bochecha enquanto sorrio, sentindo seu fôlego no meu rosto.

—Eu pensei que você não ia vir. — Sentando levemente, eu dou-lhe uma leve palmada no peito. —Por que você demorou tanto?

Ele me gira ao redor, meus joelhos descansando em ambos os lados dele.

—Eu tinha alguma merda para cuidar. Agora está feito, e eu não vou a lugar nenhum.

Um pequeno sorriso aparece nos meus lábios, mas eu luto de volta.

—Então eu estou presa com você?

Ele rosna e se move novamente, me virando de costas e me prendendo no sofá com seu corpo maciço.

—Você tem algum problema com isso?

Eu consigo manter uma cara séria e aceno com a cabeça.

—Eu tenho.

Ele se afasta um pouco.

—Difícil. — Uma risadinha salta da minha garganta e é interrompida quando ele respira fundo. —Foda-se, *baby*. O que você está usando?

Eu pisco.

—Um... pijama?

Ele geme.

—Jesus. — Ele coloca a mão no meu joelho e corre lentamente até meu quadril deixando um rastro de fogo onde ele me tocou. — Eu não sou virgem.

Mordendo meu lábio, eu aceno.

—Eu sei. — Eu engulo, forçando o nó na garganta. —Eu sou.

—Merda. —Ele enterra o rosto no meu pescoço. —Você não tem ideia do quão quente isso me faz, sabendo que eu serei o único a estar dentro de você. — Seus quadris se apertam nos meus, e eu posso sentir sua dureza pressionando em mim. Meu coração bate forte no peito. —Eu não sou virgem, mas nunca deixei nenhuma daquelas putas que eu fodi me tocar.

Ele pega minha mão, levantando-a para sua bochecha marcada e apertando-a firmemente contra seu rosto.

—Eu realmente *preciso que* você me toque, Laynie.

Deus. Este homem. Deslizando minha mão pelo seu rosto, eu corro pelo seu peito e barriga até alcançar a cintura de seu jeans. Empurrando minha mão para cima e sob sua camisa, meus dedos exploram sua dureza suave, e eu sussurro.

—Eu preciso tocar em você também.

Ele geme, seu peito retumbando sob os meus dedos, assim como seus lábios roçam os meus. A eletricidade dispara através do meu corpo, o sangue correndo atrás das minhas orelhas enquanto nossos lábios deslizam juntos suavemente. Degustando. Bebendo. Saboreando um ao outro. Estou cercada por seu delicioso perfume

enquanto meus dedos passam de tocar para agarrar. Eu preciso dele. Eu preciso dele mais perto. Eu preciso dele *agora*.

Meu coração dói com a doçura do beijo dele. Acho difícil acreditar que sou a primeira mulher a sentir a ternura desse homem. Ele tem muito a oferecer a qualquer mulher, e eu me sinto especial que sou eu quem ele escolheu para compartilhar essa parte de si mesmo.

Querendo fazê-lo se sentir tão especial quanto eu, corro a palma da mão de volta pelo peito e lentamente desço, colocando-a em seu jeans. *Meu Deus*. Ele é enorme demais. O calor de sua dureza irradia no meu braço e até o meu clitóris, fazendo-o pulsar de excitação. Rosnando profundamente em seu peito, ele se empurra contra a minha palma.

—Porra, Laynie. — Ele diz.

Sua boca bate na minha, sua língua exigindo entrada. Meu coração dispara, batendo fora do tempo. Sentindo sua mão na minha cintura, minha respiração pega quando ele rasga minha blusa do meu corpo. Ele assobia por entre os dentes, e eu sinto suas mãos atravessarem minha barriga.

Não sei o que isso significa, eu me contorço um pouco antes de sentir seus lábios envolvendo meu mamilo, sugando profundamente. Espalhando minhas mãos pelo cabelo dele, eu arqueio minhas costas e choramingo alto. Minha cabeça nada e meus pulmões lutam por ar enquanto ele passa a língua pelo meu

mamilo, apertando meu peito com força em sua enorme mão calejada.

Ele solta meu peito com um estalo alto e, em seguida, arrasta sua língua através do botão apertado e sensível. Correndo até o outro seio, ele para, puxando gentilmente o mamilo com os dentes. Meus olhos rolam para trás em minha cabeça enquanto eu grito.

Seus lábios reivindicam os meus mais uma vez, seus quadris moem contra mim, seu pau duro esfrega contra o meu clitóris através de nossas roupas. Eu envolvo meus braços contra ele com força, empurrando minha língua em sua boca, saboreando o gosto dele na minha língua. Eu nunca vou esquecer o gosto dele enquanto eu viver.

Ele se afasta de repente, lábios arrastando pelo meu pescoço e seios, e sua língua para de girar dentro da fenda profunda do meu umbigo. Eu sinto as pontas dos dedos nas laterais do meu short assim como ele os tira.

Seu corpo se acomoda entre minhas pernas e sinto suas respirações rápidas se espalhando pelo meu centro úmido, mas ele não se move. Eu choramingo e movo meus quadris, precisando que ele me toque. Me lamba. Para apenas tirar essa *maldita* dor.

Eu não me sinto vulnerável neste momento. Sinto-me segura. Eu sei que Travis nunca faria nada para me machucar, e posso dizer pela irregularidade de sua respiração que ele está tão agitado quanto eu. Eu queria ter isso com um homem por anos, e eu

poderia ter algumas vezes, mas nunca pareceu certo. Bem aqui, neste momento, estou tão feliz por ter esperado por *ele.*

Então eu sinto a firmeza de sua língua passar pelo meu clitóris uma vez. Então novamente. Então mais uma vez. Meu coração bate descontroladamente, e eu grito com cada movimento de sua língua, não me importando com quem me escute. Então ele rosna, pressionando suas mãos contra a parte interna das minhas coxas, forçando minhas pernas a abrirem tão largas quanto elas vão enquanto ele enterra seu rosto em minha boceta gananciosa.

Gritando, meus quadris balançam enquanto ele chupa, belisca e me lambe em um frenesi. Usando um único dedo, ele continua a me lamber enquanto desliza para dentro. Palavras saem da minha boca, mas eu não tenho ideia do que estou dizendo. Sinto-me sem fôlego, fora do corpo e definitivamente fora de mim.

Ele coloca um segundo dedo dentro de mim e os empurra profundamente. Sua língua se achata e pressiona com força quando ele passa rapidamente sobre meu cerne. Eu posso sentir a pressão se acumulando no fundo da minha barriga e o calor se forma do meu clitóris, me queimando da maneira mais deliciosa.

Com um último movimento de sua língua, meus músculos apertam seus dedos e as luzes estouram na minha cabeça. O orgasmo rasga através de mim, fazendo meu corpo tremer e gritos altos irromperem da minha garganta. Eu tive orgasmos antes, e sempre foram bons, mas cada um foi auto induzido, esse orgasmo envergonha cada um deles.

Eu me deito lá, mole e ofegante, o corpo ainda cheio de tremores enquanto Travis corre a língua de volta pelo meu corpo. Ele me beija docemente, o gosto de mim pesado em sua língua. Isso me deixa louca saboreando-me nele.

Agarrando sua camisa, eu arranco sobre sua cabeça, lambendo e sugando cada pedaço de carne nua que eu posso colocar na minha boca. Eu me atrapalho desajeitadamente com a fivela do cinto, desesperada para tirá-lo de suas calças. Ele ri baixinho e sussurra em meu ouvido.

—Querida. Relaxe. Não é uma porra de corrida.

Puxando meus dentes de seu mamilo, eu aponto meu rosto na direção dele e suplico para ele.

—Travis. Por favor.

—Foda-se. — Tão freneticamente, eu o ouço lutando com suas calças e a dobra de uma embalagem de preservativo antes que ele se recoloque entre as minhas pernas. A sensação do seu pau contra a minha barriga faz minha respiração ficar presa na garganta.

—Laynie. — Ele inclina meu queixo e faz uma pausa. —Se fizermos isso, não há volta, porra.

Eu aceno freneticamente, borboletas correndo pela minha barriga.

Seu polegar pressiona mais fundo no meu queixo.

—Eu quero dizer isso. Nós fazemos isso, você é *minha*. Sempre.

Eu sorrio baixinho, os olhos cheios de lágrimas.

—Travis, eu tenho sido sua desde que eu bati em você na cafeteria. Você só não sabia ainda.

Ele rosna então, tomando minha boca em um beijo rápido e duro. Eu sinto seu pau na minha entrada, empurrando levemente. Eu giro meus quadris, querendo que ele vá mais fundo.

—Isso vai doer. — Ele sussurra, a voz pesada de arrependimento.

Eu concordo.

—Eu sei. Apenas faça. Por favor.

Ele move seus quadris lentamente, a ponta entra e sai, e parece tão bom pra caralho. E então ele dirige seu pau até o punho. A dor rasga através de mim, fazendo-me chorar e minhas unhas cavar em suas costas. Travis não se move, seu corpo tremendo com o esforço de ficar parado.

Depois de alguns momentos, meu corpo se ajusta e a dor desaparece. Removendo minhas garras de suas costas, eu giro meus quadris, querendo sentir mais dele. Sua respiração sai em um estremecimento quando ele começa a se mover. Lentamente, ele desliza para dentro e para fora, seu pau me preenche, completando-me, mas ainda assim eu preciso de mais.

Eu sei que ele está tentando ser gentil, mas a dor no meu clitóris está de volta, e meu corpo está em chamas. Estendendo a mão, agarro sua cabeça, puxando seu rosto para o meu.

—Travis! *Foda*-me!

Ele grunhe, agarrando meus quadris enquanto ele bate em mim. Com cada impulso, eu empurro cada vez mais fundo no sofá. Seu polegar desce no meu clitóris, e é exatamente disso que eu precisava. Meus músculos se apertam em seu pau, e todo o meu corpo se esvai quando o calor do meu orgasmo toma conta. Seus impulsos se tornam frenéticos e irregulares pouco antes de ele gritar meu nome em uma voz rouca.

—Laynie!

Cavando minhas unhas em suas costas, eu rolo meus quadris nos dele, saboreando a sensação dele dentro de mim o máximo que posso. Seu corpo treme com sua própria liberação, e seus impulsos diminuem quando seu orgasmo o deixa. Grunhindo em exaustão, ele cai em cima de mim tentando recuperar o fôlego.

Eu não posso respirar. O homem facilmente me supera em quarenta e cinco quilos. Mal conseguindo pronunciar as palavras, resmungo.

—Travis. Não posso. Respirar.

Ele levanta o corpo do meu, rindo enquanto se move.

—Desculpe. — Eu rio baixinho, chegando a tocar seu rosto. Ele se inclina e pressiona a testa na minha. —Você tem alguma ideia de como você é linda?

Meu coração aquece e meu rosto se abre com o meu sorriso.

—Não, mas tudo bem, porque eu tenho você para me lembrar agora.

Envolvendo seus braços em volta de mim, ele me aperta com força.

—Maldição, *claro* que você tem.

CAPÍTULO 13

TEASE

Acordando na manhã seguinte, sinto um peso no peito. Laynie está dormindo, seu corpo nu sobre o meu. O sol entra pelas janelas e brilha contra o rosto dela. Olhando para ela, meu coração se contrai firmemente no meu peito. *Porra, ela é linda*. E ela é minha. Só estou tentando decidir qual a maneira mais criativa de acordá-la quando um nariz frio e úmido se enterra na minha axila.

Eu pulo levemente, chicoteando minha cabeça para o lado da cama. Dexter. Ele se senta no chão, olhando para mim com olhos inteligentes, sua coleira pendendo de sua boca. Um sorriso se espalha no meu rosto.

—Precisa esvaziar, amigo? — Eu sussurro, subindo lentamente da cama, tentando não acordar Laynie. Eu tenho outros planos sobre como eu quero acordá-la.

Deslizando para dentro do meu jeans, eu coloco minha camiseta e botas e vou para a porta. Ao sair do apartamento, vejo o idiota da porta ao lado de sua porta, a chave na fechadura, os olhos arregalados em mim. Ando em sua direção como se fosse bater nele e reviro os olhos quando ele grita e se tranca no seu próprio apartamento. *Fodido boceta.*

Segurando a coleira, sigo atrás de Dexter enquanto ele faz o seu trabalho e depois volto para dentro. Assim que eu o solto da coleira, ele corre até a esquina e pega seu coelho de pelúcia. A coisa é sórdida e coberta de terra, parecendo um pedaço de coelho atropelado. Dexter parece amar isso, no entanto. Balanço a cabeça quando ele monta e prossigo para ir ainda mais longe no corredor.

Ouvindo uma chave na fechadura, eu giro e me movo em direção à porta. *Quem diabos é esse?* Ela se abre e um policial alto e musculoso entra no apartamento. *Que porra é essa?*

—Quem diabos é você? — Eu rosno, movendo-me para impedi-lo de ir mais longe.

—Não. Quem diabos é *você*? — ele rosna de volta, os olhos estreitos enquanto ele coloca a mão no seu revólver.

Nesse momento, Laynie entra no quarto, vestindo apenas uma roupinha de seda e um sorriso.

—Travis? Querido, você está aqui?

O porco na porta rosna e se move em direção a ela, mas eu o bloqueio, empurrando-o de volta com a mão firme em seu peito.

—Laynie! Que porra aconteceu com seu rosto?

Seu rosto empalidece ao som de sua voz e meu estômago cai. *O que diabos está acontecendo?* Ela morde o lábio, a incerteza clara no rosto.

—Hum, bem... eu tive um pequeno acidente.

—Um pequeno acidente? Você parece ter sido colocada em um maldito moedor de carne! Quem diabos *é* esse cara? E o que diabos você está vestindo? — Ele me empurra de volta, mas eu permaneço firme, os olhos fixando-o no local. —Laynie! Inferno. *Responda*-me!

Laynie ajeita os ombros e limpa a garganta.

—Daniel, conheça o Travis, meu...

—Seu homem. — Eu deixo cair a mão e dou um passo para trás. Ela o chamou de Daniel. Este é o maldito irmão dela... e ele é um policial do caralho. *Maravilhoso.*

—Seu *homem*? — Ele olha para mim, incrédulo, antes de voltar sua atenção para Laynie. —Seu homem? Laynie? O que diabos está acontecendo?

—Eu acho que Travis acabou de lhe dizer isso.

—Travis? O nome dele é Travis? Você não pode ver esse cara, Laynie! Um olhar para ele e eu posso dizer que ele é um maldito criminoso! — Mesmo que ele esteja certo, é preciso muita força de vontade para não enfiar meu punho em seu rosto. Eu assisto Laynie, esperando o momento em que ela perceba seu erro.

—Eu não posso vê-lo, mas eu o *conheço*, e quando você está em *minha* casa você o respeitará. — Sua voz é firme e não deixa espaço para discussões, mas eu posso dizer que ela respeita esse homem, então eu fico quieto.

Daniel amaldiçoa.

—Jesus. — Ele coloca as mãos nos quadris, os olhos se movendo de mim para Laynie. —É por isso que você pulou no nosso fim de semana? Você faz alguma ideia de como a mamãe está preocupada?

—Eu faço. Ela me ligou sete mil vezes! Sou uma mulher adulta, Daniel. Eu posso fazer minhas próprias escolhas. Eu não preciso correr para a mamãe todos os outros finais de semana.

—Fazer suas próprias escolhas? Porra, Laynie. Olhe para o seu rosto! É assim *que* você se cuida?

Ela fecha os olhos e suspira pesadamente.

—Daniel. Eu te amo. Por favor, não faça isso mais difícil do que tem que ser.

Ele olha para ela, cerrando o queixo e balançando a cabeça antes de tentar me encarar.

—Se você a machucar...

—Eu não vou. — Eu digo solenemente, olhando-o diretamente nos olhos. —Mas se você conhece Laynie, você sabe que ela pode cuidar de si mesma.

Ele segura meu olhar, a raiva desaparecendo um pouco de seus olhos. Depois de alguns segundos longos e tensos, ele concorda.

—Justo. Mas saiba que vou estar te observando.

Eu aceno de volta.

—Não seria um bom irmão se você não o fizesse.

Seus olhos se estreitam e ele olha de volta para Laynie. Ela está de pé naquele robe minúsculo, cabelo amarrotado e sexy, mordendo seus lábios inchados pelo beijo.

—Jesus. — Ele balança a cabeça e se volta para a porta. —Eu tenho que começar a trabalhar. Me ligue depois, fedelha.

Seu rosto se abre em um pequeno sorriso quando ela balança a cabeça. Fechando a porta firmemente atrás dele, ele sai. Ao som do fechamento do chão, seu sorriso cai.

—Eu sinto muito, Travis.

Eu me movo em direção a ela, querendo colocar aquele sorriso de volta em seu rosto.

—Não se preocupe com isso. Você tem sorte de tê-lo.

Ela sorri um sorriso choroso e acena com a cabeça.

—Eu tenho. — Envolvendo meus braços frouxamente em torno de sua cintura, eu a arrasto para mim, pressionando meu comprimento contra sua barriga. Sua cabeça inclina para o lado. Eu aprendi que ela faz isso quando está ouvindo algo, então eu fico quieto. —Onde está Dexter?

Eu rio.

—Ainda no canto, transando com essa maldita coitada indefesa.

Seus olhos estouram, crescendo mais do que eu já vi.

—O que? — Ela estala os dedos, fazendo com que o cão venha instantaneamente, deixando o coelho deitado no chão.

—Ele não estava.

Eu sorrio.

—Querida. Ele estava. Ele ama essa coisa.

Seu nariz se enruga em desgosto.

—Ele só gosta de brincar com isso!

—Do jeito que a coisa parece, eu diria que ele gosta de foder. Um *monte.*

Seu rosto se contorce.

—Dexter! *Eca*!

Eu não posso conter o riso que irrompe de dentro do meu peito. Ela parece tão enojada, e a porra do cachorro está sentado lá olhando para ela, a cabeça inclinada para o lado em confusão. É inestimável. Lágrimas se juntam em meus olhos enquanto eu a abraço para mim, os ombros tremendo de rir.

Quando eu paro, ficamos pressionados um contra o outro, o cachorro ainda olhando para nós. Estendendo a mão, enxugo as lágrimas dos meus olhos e sorrio para ela. Seu rosto é suave e sorridente.

—O que?

—Você tem a risada mais linda que eu já ouvi. — Ela sussurra. Eu olho para o rosto dela, meu coração se enchendo de algo que eu definitivamente não estou pronto para analisar. —Também é muito sexy.

Suas mãos correm pelas minhas costas, apertando minha bunda com força.

—Você sabe o que mais é sexy? — Eu não digo nada enquanto corro minha mão sob o véu de cabelos longos na nuca dela. —O jeito que você não levou merda do meu irmão.

Usando as duas mãos para puxar minha bunda para frente, ela esfrega a barriga contra o meu pau endurecido e morde o lábio. Gemendo, eu reivindico sua boca com a minha, usando meus dentes para puxar seu lábio inferior. Afastando seus lábios, ela sussurra entre respirações pesadas.

—Eu quero te mostrar o quão sexy você é.

—Eu vou primeiro. — Eu rosno.

Ela grita de prazer quando eu agarro sua cintura e a levanto. Envolvendo suas pernas em volta da minha cintura, eu tento acompanhar seu beijo enquanto a levo para o quarto dela.

***

Laynie

Faz uma semana que Travis e eu tivemos nossa pequena conversa séria, e esta foi a semana mais incrível da minha vida. Durante o dia, ele sai e faz o que um motoqueiro fora da lei faz, enquanto eu vou para o trabalho de manhã e posto no blog ou leio à tarde. Ele geralmente aparece na minha casa na hora do jantar, e passamos o resto da noite conversando e explorando o corpo um do outro, descobrindo novas maneiras de nos divertir.

Hoje ele estava em casa na hora do almoço. Depois de arrancar o fone de ouvido e deixar meu computador de lado, Travis me jogou por cima do ombro e me levou para o quarto. Lá, ele fez meus dedos se curvarem, atraindo três orgasmos do meu corpo. *Três!*

Agora, são quase três horas e estamos sentados no pátio da loja de café que nos conhecemos, apreciando os sons das pessoas correndo pela rua. Eu amo isso aqui. É onde eu faço o meu melhor trabalho, mas hoje, eu estou contente apenas de sentar aqui, na presença do meu homem, e sorrir para a grandiosidade que é a minha vida.

—Tease? — Uma voz chamando seu nome me puxa dos meus pensamentos.

—Foda-se. — Ele murmura.

A voz está mais perto agora.

—Teaser? Esse é você?

—Quem é? — Eu sussurro.

—Ninguém. Vamos. — Ele agarra meu braço e tenta me puxar para uma posição em pé, mas eu franzo a testa, forçando minha bunda para cima na minha cadeira.

—*É* você! — A mulher soa ofegante... e familiar. —Eu estava indo para o trabalho e pensei ter visto você aqui. Oi, Laynie.

Confusa, eu franzo a testa, mas respondo com um.

—Oi.

—É Charlotte. — Ela ri.

—Oh! Oi Charlotte! É bom te ver de novo! — Gesticulo para a nossa mesa. —Por favor. Sente-se.

—Oh. Eu não posso. Eu tenho que começar a trabalhar. Eu fiquei surpresa de ver o Tease aqui, e bem... eu sou meio intrometida. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz e decido instantaneamente que eu gosto dessa garota. —Mas ei, eu adoraria sair com você em algum momento.

—Isso seria ótimo. — Um sorriso rasteja pelo meu rosto. Eu não tenho amiga desde o meu acidente. E nunca uma tão boa quanto Charlotte parece ser.

—Merda. — Travis murmura novamente.

Charlotte o ignora.

—Eu vou falar com o Ryker. Ele e Tease podem descobrir alguma coisa!

- Foda-se isso.

—Travis! — *Honestamente.* Às vezes ele pode ser o homem mais rude vivo. —Você irá fazer isso, *baby*. Estou ansiosa por isso.

—Ótimo! Eu tenho que ir. Falo com você depois, Laynie. —Eu posso ouvir seus passos se afastando lentamente. —Tchau, Tease.

—Tchau, Charlotte. — Eu digo. Travis não diz nada.

Eu estreito meus olhos em sua direção e declaro.

—Eu quero ir.

—Jesus.

Sorrindo, termino o que sobrou do meu café. Isto vai ser divertido.

CAPÍTULO 14

TEASE

Eu estou na garagem do clube com Jase e Mouse trabalhando na minha moto, quando Ryker entra. Um olhar para ele, e eu sei o que ele está aqui para dizer.

—Ouvi que você viu Charlie ontem. — Eu olho para ele e volto para a moto. —Ela quer ir em um encontro duplo.

Eu bato minha cabeça em sua direção.

—Não está porra acontecendo.

Ele sorri.

—Ela disse que você diria isso. — Jase e Mouse param seu trabalho e estão assistindo a nós dois como se estivéssemos em uma maldita partida de tênis. —Qual é o problema, cara? Vamos pegá-las, carregá-las, depois ir para casa e foder a merda delas.

Eu hesito, pensando que na verdade não parece tão ruim.

—Onde?

—Nós poderíamos ir ao Hard Rock Café.

—Foda-se não. — Eu odeio lugares assim.

—OK... — Ryker cruza os braços e se inclina contra o banco de ferramentas coberto de graxa. —Onde *você* quer ir?

—Lugar Nenhum. — Eu sei que estou sendo um idiota, mas eu não vou em encontros fodidos. E eu certamente não vou em encontros *duplos.*

Jase ri, o som ecoando pela grande garagem.

—Você não vai ter esse filho da puta indo para qualquer lugar.

Ryker ri e se afasta do banco.

—Vamos lá, Tease. Não vai ser tão ruim.

Estreitando os olhos, volto para a moto mais uma vez.

—Por que nós não vamos todos? — Mouse pergunta. Agarrando um pequeno conjunto de placas, eu as movo em sua direção. Eles voam através de sua cabeça enquanto ele se abaixa, a mão subindo no ar. —A sério. Eu posso trazer Sarah.

Jase solta uma gargalhada.

—Quem diabos é Sarah?

Mouse endireita, ombros quadrados e mandíbula apertados.

—Sarah é minha Old Lady. Ela está carregando meu bebê. — Ele parece mais sério do que eu já vi quando ele olha para cada um de nós nos olhos. —Eu vou pedir a ela para se casar comigo.

As sobrancelhas de Jase são levantadas em surpresa.

—Porra, Mouse. Fantástico. Parabéns, amigo.

Mouse acena com a cabeça.

—Obrigado.

—Está resolvido então. Amanhã à noite. Todo mundo está indo. —Eu olho para Ryker, os olhos arregalados com a declaração

dele. —Vamos apenas mudar a festa do clube para o bar. Vai ser divertido. — Ele sorri, saindo da garagem.

Observando-o, sinto a ansiedade rastejando em minha mente. Um encontro significa que ela vai esperar romance e merda. Eu não sei ser fodidamente romântico. Isso é besteira. Se não fosse o Ryker, eu diria a eles para irem se foderem, mas eu devo a Ryker minha vida.

Mais de um ano atrás, quando ele me encontrou naquele bar, eu estava mais furioso do que estou agora. Minha vida tinha sido dura e não havia sinal de que alguma vez melhorasse. Quando fiz dezoito anos, fui libertado do reformatório e enviado para o mundo sem família e sem apoio. Passei os oito anos seguintes fazendo qualquer trabalho em que pudesse colocar minhas mãos apenas para me manter alimentado. Eu trabalhei em uma mercearia, e uma fazenda, segurança em um shopping, e lutei em todas as lutas clandestinas em que eu poderia entrar. A maioria de meu dinheiro veio dos nocautes, no entanto.

Ser um segurança em um bar quando você não é um idiota social. Todo mundo quer ser seu novo melhor amigo ou quer brigar com você. Eu estava cansado desse trabalho, cansado de viver essa vida, de não pertencer a lugar nenhum. Quando Ryker me contou sobre os Kings, isso me deu algo que eu não tinha experimentado em um longo tempo. *Esperança*. Esperança por um futuro. Esperança por uma família. Esperança de finalmente encontrar onde eu deveria estar.

Agora, observando suas costas enquanto ele atravessa o parque, perco a esperança. Ele sabe que eu odeio essa merda. Aquele filho da puta está me vendendo para a boceta.

Jase e Mouse riem novamente.

—Porra, Tease. Não é o fim da porra do mundo. — Jase enxuga as lágrimas que escorrem pelo rosto dele. —Sua garota é gostosa! Mostre-a! — Ele faz uma tentativa de parecer sério. —Vai ser divertido! Não vou levar ninguém, mas estarei lá.

Mouse inclina a cabeça para o lado.

—Por que você não vai trazer alguém?

Jase sacode as sobrancelhas.

—Mantendo minhas opções abertas.

Sorrindo, Mouse balança a cabeça.

—Bem, Sarah e eu estaremos lá. Eu estava querendo apresentá-la a todos de qualquer maneira. — Em desvantagem e irritado, eu pego uma chave inglesa e começo a trabalhar em colocar uma nova peça no motor. Não sabendo quando calar a boca, Mouse continua falando. —Estou feliz que você se acertou com Laynie. — *Jesus*. O homem está pedindo um soco no rosto. —Eu acho que ela é boa para você.

De pé do meu agachamento no chão, eu vou até Mouse, pegando sua camiseta no meu punho enquanto o puxo para fora de seus pés.

—Você vai guardar a sua fodida boceta e vir consertar essa moto ou o quê?

Olhos arregalados, ele concorda.

—Bom. — Eu o deixo, voltando para a moto, o som da risada de Jase passa pela garagem. *Desgraçado.*



***

Laynie

Meu pulso está acelerado enquanto vamos até a entrada do The Pig's Ear. Eu nunca fui a um bar antes, mas tenho esperado ansiosamente por esta noite toda a semana. Parando, pergunto a Travis pela terceira vez.

—Como estou?

Ele rosna e para, puxando meu corpo para o dele.

—Pela terceira vez, você parece sexy como o inferno. Relaxe.

Eu sorrio amplamente, saltando na ponta dos meus dedos.

—Eu não posso! Estou animada!

—Porra louca. — Ele murmura enquanto ele escova seus lábios contra os meus. Ele suspira. —Vamos fazer isso.

Sorrindo, eu sigo Travis, nossas mãos apertadas juntas enquanto entramos no bar. É um pouco estressante estar em público sem o Dexter, mas posso dizer que significa muito para o Travis que eu confie nele para me guiar. Dexter merece a noite de folga de qualquer maneira.

O barulho das pessoas e a música me atinge assim que a porta se abre. O lugar está lotado. Juntos, manobramos através da

multidão. Os cheiros combinados de álcool e perfume fazem meu nariz se contorcer.

—Laynie! Tease! Por aqui! — Charlotte. Meu coração aquece, ouvindo seu som tão excitado quanto eu me sinto.

Travis desacelera e coloca minha mão nas costas de uma cadeira alta, uma indicação clara para eu me sentar. Eu subo no banquinho e aliso minha saia curta enquanto um par de braços se envolve em torno de mim.

—Oh, eu estou tão feliz que você o fez te trazer! — Charlotte grita no meu ouvido.

Eu a abraço de volta.

—Eu não dei a ele uma escolha. — Puxando para trás, eu pisco e sorrio.

Eu ouço algumas risadas de perto e inclino a cabeça ligeiramente.

—Então, quem está aqui?

—Certo! — Charlotte se inclina para mais perto. — Tease está atrás de você. Do seu lado esquerdo está Reaper, depois Jase, depois Mouse e Sarah, depois volta para Ryker e eu!

Acenando, eu sorrio.

—Olá a todos.

Depois de uma rodada de grunhidos, *heys* e *hey Barbie*, todo mundo volta para suas conversas.

—O que você está bebendo? — Travis pergunta atrás de mim.

Eu me viro na cadeira e sorrio para ele.

—Vinho?

Ele zomba.

—Não aqui, você não terá. Eles servem cerveja e alguma outra merda. Faça sua escolha.

Não feliz com isso, eu levanto o lábio inferior em um beicinho e me viro para Charlotte.

—O que você está tendo, Charlotte?

—É Charlie, e eu estou bebendo centeio e gengibre. Demora algum tempo para se acostumar, mas é bom!

Voltando-me para Travis, eu aceno.

—Eu vou ter o que ela está tendo.

—Jesus. — Ele murmura enquanto se afasta.

Ignorando-o e suas tendências de desmancha prazeres, viro à esquerda, ansiosa para conhecer os amigos de Travis.

—Reaper veio?

—Sim. — Sua voz é cheia de areia e cascalho. Ele parece sexy.

—Estou assumindo que esse não é seu nome verdadeiro?

—Você estaria certa.

Uau. Obviamente, Reaper não é do tipo falador.

Eu me viro e enfrento na direção que eu acho que Mouse está.

—Oi, Mouse!

—*Hey*, Laynie. — Ele responde, a voz cheia de carinho. — Conheça minha garota, Sarah.

Eu sorrio.

—Olá, Sarah. Me permita lhe felicitar.

Sua voz é cheia de emoção quando ela responde.

—Sim. Vamos nos casar e ter um bebê.

Surpresa, eu estendo minha mão sobre a mesa e sorrio novamente.

—Eu ouvi sobre o bebê, mas não sobre o casamento! Isso é maravilhoso. Posso sentir seu anel?

Depois que ela coloca a mão na minha, eu corro meu polegar pelo pequeno diamante.

—Ele diz que vai me dar um maior quando pudermos pagar. —Ela parece constrangida.

—Não! Não faça isso! — Aperto a mão dela. — É perfeito do jeito que é! É um símbolo do começo para vocês dois. Não troque ele.

Ela aperta de volta, calor em sua voz.

—Obrigada.

Eu puxo para trás e inclino minha cabeça novamente.

—É bom ver você de novo, Jase.

—Você também, Barbie.

Travis retorna naquele momento com a minha bebida. Eu tomo um gole, tossindo um pouco depois do gosto forte, mas decido instantaneamente que Charlie está certa. É delicioso. Como grupo, sentamos à nossa mesa por horas bebendo e rindo e continuando nossas conversas separadas. De vez em quando, as mulheres se aproximam da nossa mesa, tentando engajar Reaper ou Jase na

conversa. Reaper as expulsa rudemente, enquanto Jase parece deleitar-se com isso, porém, noto que ele nunca sai com nenhuma delas.

As bebidas caem facilmente e, enquanto os homens conversam, Sarah, Charlie e eu criamos uma nova amizade. Sarah é tímida e doce, e obviamente apaixonada por Mouse. Charlie é gentil e divertida de sair. Minha barriga dói com as risadas que compartilhamos à medida que a noite passa.

Uma das colegas de trabalho de Charlie aparece na nossa mesa para uma noite com as amigas. O nome dela é Ellen e, embora ela não fique por lá por muito tempo, ela convida a mim e às outras duas garotas para uma noite na cidade. A excitação me domina. Finalmente estou fazendo amigas e, pela primeira vez em muito tempo, sinto que me encaixo.

Enquanto ela se afasta, Jase apoia-se entre Charlie e eu.

—Não importa quantas vezes eu veja, essa bunda nunca falha em me deixar duro.

Ryker rosna.

—Você se importa em não falar com a minha Old Lady sobre o seu maldito pau idiota?

Jase ri.

—Eu não posso evitar! Aquela cadela é gostosa.

—Jase. — Diz Charlie. —Não ela. Ela é minha amiga e você não pode tocá-la assim. Ela é uma boa pessoa.

—Eu não estou brincando! Aquela bunda me deixa louco!

Charlie ri.

—Bem, isso pode ser, mas você precisa deixar essa bunda sozinha.

—Seja como for. — Ele murmura quando se afasta, seguido pelos sons do nosso riso.

—Ele é um cachorro. — Charlie ri. — Ainda bem que eu o amo. —Eu ouço o gelo em seu copo tinindo contra o lado, e então ela bate na mesa. —Tudo bem menina, vamos dançar!

Mordendo o interior do meu lábio, eu congelo.

—Hum... eu acho que vou passar.

—O quê? — Ela chora. — Por quê?

—Eu não quero pisar em ninguém.

—Oh, por favor! Você pesa quarenta e cinco quilos. Além disso, o lugar esvaziou muito. Quase ninguém está lá fora agora. — Ela puxa meu braço. —Vamos! Vai ser divertido!

Incapaz de resistir ao seu entusiasmo, fico de pé com as pernas bambas. *Sim. Eu estou bêbada.*

Travis pega minha mão enquanto Charlie pega minha outra e começa a me puxar para a pista de dança.

—Tem certeza?

Eu pisco para ele.

—Eu vou ficar bem.

Charlie me leva para a pista, onde o calor das luzes faz um suor brotar pela minha testa. Segurando minhas duas mãos, sinto o balanço de seus braços e sei que ela está dançando.

—Apenas se mova, Laynie.

Assentindo, eu fecho meus olhos e deixo meu corpo balançar com a música. Depois de um minuto, eu solto as mãos de Charlie, levantando meus braços no ar enquanto giro meus quadris em círculos lentos e sensuais. Eu amo dançar. Eu nunca fiz isso na frente de ninguém em muito tempo.

Com cada música, o suor fica mais pesado na minha nuca enquanto nós balançamos e balançamos e giramos para a música. Eu me sinto sexy e invencível naquela pista de dança. O mundo inteiro desaparece, exceto eu e a música.

Braços fortes envolvem minha cintura por trás, o cheiro de couro me cerca.

—Hora de ir, *baby*.

Eu trago minha bunda de volta para ele enquanto eu danço.

—Eu não quero ir ainda.

Seus braços apertam, as pontas dos dedos vão dentro da minha camisa para acariciar a pele da minha barriga.

—Estive vendo você dançar assim por uma hora, Laynie. Não aguento mais. — Ele mói seus quadris nos meus, deixando-me sentir seu comprimento duro contra a minha bunda.

Meu clitóris pulsa quando eu sorrio.

—Tchau, Charlie!

Eu a ouço rir quando ele me puxa para fora do bar.

CAPÍTULO 15

TEASE

Já é tarde da noite quando chego ao apartamento de Laynie. Eu tive um dia de merda e rastejar na cama ao lado dela enquanto ela dorme faz toda aquela merda se afastar, bem, a maior parte disso, de qualquer maneira. Eu preciso encontrar uma maneira de dizer a Laynie mais sobre o que está acontecendo com o clube e explicar a ela por que ela vai ter Mouse seguindo sua bunda por aí por pouco tempo. Não é uma conversa que aguardo com expectativa.

Empurrando toda essa merda para o lado, eu me enrolo em suas costas e arrasto seu corpo firmemente contra o meu, a pressionando. Meu pau acorda, endurecendo quando ele se encontra aninhado na fenda de seu traseiro perfeitamente formado. *Foda-me*. Ela está totalmen nua, sempre cheia de surpresas. Eu não sei se vou conseguir o suficiente dela.

Acordando devagar, ela inala e aconchega o corpo em mim e sussurra.

—Oi.

—Oi.

—Eu senti sua falta hoje.

Eu não digo nada quando eu envolvo meus braços em volta dela e aperto-a com força, beijando-a levemente no ombro.

Rolando seus quadris, ela mói sua bunda lentamente contra o meu pau.

—Eu realmente senti sua falta.

Necessidade me lava. Deslizando minha palma para cima de sua barriga, eu seguro seu seio, apertando seu mamilo entre meu polegar e indicador. Ela ofega e geme baixinho. Alcançando atrás de mim para segurar minha bunda, ela me puxa para perto dela enquanto ela continua a moer contra mim lentamente.

Minha palma desliza para baixo de sua barriga, sentindo sua pele suave e sedosa contra os calos ásperos na minha mão. Alcançando seu centro, eu deslizo meu dedo para baixo e pressiono contra o pequeno broto de nervos. Ela choraminga suavemente, pressionando-se em mim o mais forte que pode enquanto seu corpo treme de excitação.

—Por favor. — Ela sussurra.

Eu deslizo meu dedo mais para baixo, coletando seus sucos, e deslizo de volta para seu clitóris, circulando-o lentamente. Ela geme, alcançando e beliscando seus próprios mamilos com força.

—Por favor, Travis. — Sua cabeça se inclina para trás, seus dentes apertados firmemente em seu lábio inferior. Eu não posso tirar meus malditos olhos dela. Ela parece tão sexy assim, cavalgando na minha mão, tocando seus próprios seios e implorando por mim.

Eu trabalho meu dedo mais rápido, precisando levá-la para lá porque eu preciso estar dentro dela mais do que eu

preciso respirar. Quando o dedo dela desliza sobre o meu, quase o perco. Sua outra mão aparece e alcança de volta, deslizando pela parte de trás da minha cabeça, puxando meu rosto para baixo para o dela.

Nossas bocas se misturam em um frenesi, línguas se entrelaçando enquanto nos enrolamos na cama. Ela continua a esfregar seu clitóris enquanto eu empurro primeiro, depois um segundo dedo dentro dela. Ela grita, os dentes apertando meu lábio inferior enquanto seu orgasmo a consome.

Descendo, eu posiciono meu pau latejante em sua entrada e caminho para dentro dela. Ela grita de novo, seus músculos apertando meu pau com seu orgasmo.

—Você sente isso, Laynie?

Eu entro todo nela, o prazer tomando conta do meu próprio corpo. As respirações de Laynie e gritos com cada um dos meus impulsos, atingindo de volta e cavando as unhas na minha bunda.

—Sim! — Ela chora.

Sabendo que isso não vai durar muito tempo se eu ficar nessa posição, eu puxo para fora e a coloco na barriga dela. Agarrando seus quadris, eu a arrasto para que sua bunda seja puxada para o alto. Batendo dentro, eu cerro os dentes.

—Esse sou eu possuindo você, porra. Você é minha, Laynie.

—Eu sou. — Ela geme. — Eu sou sua, *baby*.

Eu me perco para ela, os sons de seus gritos se tatuando no meu cérebro. Perdido pelo prazer de estar dentro de Laynie, eu não

estou pensando quando eu coloco minha mão na bunda dela com um tapa forte.

Ela congela embaixo de mim, me tirando do meu nevoeiro.

—Oh foda-se. Laynie... porra! Eu sinto muito.

—Faça de novo... — ela respira.

—O que?

—Faça isso novamente.

Não tenho certeza se ela realmente quer dizer isso, eu levanto minha mão e a abro em sua pele lisa mais uma vez, levemente.

Ela rosna.

—Eu disse faça essa merda de novo, Travis!

Levantando minha mão mais uma vez, eu a puxo para baixo com um forte tapa. Sua boceta aperta, e ela geme, balançando os quadris de volta para mim. *Porra.* Essa mulher é incrível pra caralho.

Agarrando-a pelos quadris, empurrei nela novamente, moendo meus quadris em sua bunda com cada impulso. Eu levanto minha mão e dou um tapa em sua bunda mais uma vez. Ela rosna e empurra de volta para mim, quase me jogando de volta na minha bunda. Ela é magnífica.

—Minha. — Eu rosno quando meu orgasmo rasga através de mim, todo o meu corpo tremendo. Diminuindo meus impulsos, eu deslizo minha mão pelas suas costas até a nuca onde eu agarro seus cabelos e a puxo para cima de modo que suas costas estejam pressionadas contra o meu peito.

Tomando sua boca com a minha própria, eu a beijo, esperando que ela possa sentir o que eu sinto por ela naquele beijo, porque eu quero que ela saiba, mas não tenho ideia de como contar a ela.



***

Laynie

Travis se acomoda na cama, e eu o sigo, aninhada na curva de seu braço e descansando minha cabeça em seu peito enquanto nós dois tentamos recuperar o fôlego.

—Uau. — Eu sussurro, tentando envolver minha cabeça em torno do que acabara de acontecer.

Ele ri.

—Foda-se, sim.

Eu sorrio, plantando um beijo no seu peitoral. Nós nos mantemos em silêncio, eu acariciando a pele do peito dele com o meu polegar, ele brincando com o meu cabelo. Eu não posso acreditar que estamos finalmente aqui, deitados assim, juntos... e felizes. Eu sei que ainda temos um longo caminho a percorrer, e ainda tenho muito a aprender sobre Travis, mas ouvi-lo me declarar como 'sua' foi especial para mim. Eu *sou* dele e quero continuar assim.

—Laynie?

Sua voz me puxa dos meus pensamentos.

—Hmmm?

—Temos que conversar.

Sua voz rouca está cheia de apreensão, quebrando a onda de satisfação que eu estava tendo em pedaços.

—Certo.

—Lembra que eu te disse que o clube estava lidando com alguma merda agora?

Eu penso de volta.

—Sim. Você disse que foi resolvido.

Sua mão volta a peneirar meu cabelo mais uma vez.

—Bem, não foi. — Ele suspira. —Olha, é uma longa história, e eu vou te contar… eventualmente. O que você precisa saber agora é que temos outro clube e uma gangue de rua muito irritada querendo acabar com os Kings.

Eu congelo, medo e raiva fazendo meu sangue ferver.

—São as mesmas pessoas que nos expulsaram da estrada?

Ele me aperta com força para ele.

—O mesmo. Não é seguro para nós agora, mas estamos cientes e estamos observando. Eu não estou preocupado com isso. —Agarrando meu queixo entre o polegar e o indicador, ele inclina a cabeça para trás para que ele possa ver meu rosto. —Mas *estou* preocupado com você.

Lutando contra a vontade de rolar meus olhos, eu alcanço para frente e aponto para sua boca, dando-lhe uma escova de meus lábios.

—Não se preocupe comigo, querido. Eu posso cuidar de mim mesma.

Ele aperta meu queixo.

—Não contra duas gangues filhas da puta, você não pode. Essas pessoas são más, Laynie. *Muito* ruim. Eles não querem te machucar. Eles querem matar você, por minha causa.

Merda. Isso parece sério.

—Talvez possamos ir para Daniel?

—Porra, não! — Ele rosna.

Eu me apoio no cotovelo.

—Por que *não*? Quero dizer, ele é policial, certo? Ele pode ajudar.

Ele geme.

—Querida, eu vou deixar você entrar em um pequeno segredo. Motoqueiros e policiais não se dão bem.

—Sim, mas se é sobre mim, ele pode ficar de boca fechada, e ele pode ajudar a cuidar do problema.

—Nós vamos para a polícia, e muitos de nós acabarão na cadeia. Nós não somos exatamente honestos, Laynie.

—O que isso significa?

—Isso significa que fazemos muita merda que não é exatamente legal, e os policiais adorariam colocar as mãos em nós.

Meus olhos se estreitam.

—Sabe, acho que estou pronta para ouvir pelo menos parte dessa longa história agora. Eu não posso esperar

por *eventualmente*. O que seu clube faz para que os policiais os prendam?

Ele não me responde. Eu espero, rezando para que ele confie em mim com isso, que ele confie em mim o suficiente para me dizer algo tão grande.

Ele solta um grande suspiro.

—Bem, os Kings costumavam ser uma merda bem louca. Gunner e Ryk trabalharam duro para limpar essa merda. Principalmente, nós crescemos e distribuímos ervas. Nós vendemos maconha medicinal e fornecemos a quase todos os revendedores nesta parte da província. Também temos alguns negócios paralelos. Jase corre a garagem, e nós temos outro cara que dirige seis clubes de dança diferentes aqui na cidade. Também possuímos três clubes de strip-tease.

—É isso? — Meus ombros caem de alívio. —Eu pensei que você ia me dizer que você corria armas ou matou pessoas por contrato. Eu posso lidar com maconha e clubes de strip-tease.

Ele ri baixinho.

—Então, o que vamos fazer? — Eu pergunto.

Gemendo, ele bate a boca na minha, me beijando até minha cabeça nadar. Puxando para trás, ele sussurra.

—Você não sabe o quão "feliz eu estou" que você não vai lutar comigo nessa merda.

Eu enruguei meu nariz.

—Por que eu iria lutar com você?

—Porque você é uma espertinha. De qualquer forma, o Mouse vai ser sua sombra por um tempo. Só até sabermos que é seguro.

Confusa, inclino a cabeça para o lado.

—O que você quer dizer com ser minha sombra?

—Ele vai aonde quer que você vá quando eu não estou com você.

Gemendo, eu aceno em derrota.

—Bem. Mas é melhor que isso não seja uma coisa a longo prazo. Eu gosto de Mouse, mas não sei se posso lidar com ele estando comigo o tempo todo. Eu gosto do meu tempo sozinha.

Travis se inclina, acariciando meu ouvido.

—Eu sei querida. Não é para sempre.

Eu aceno, imaginando se ser Old Lady de um motoqueiro sempre será perigoso. Enquanto me aconchego de novo nos braços de Travis, percebo que, mesmo que seja, está tudo bem comigo.

CAPÍTULO 16

Laynie

Depois de um longo dia de compras e risos, meu coração está cheio de amor por Charlie. No pouco tempo que a conheço, finalmente sinto que alguém realmente gosta de mim e que minha cegueira não importa para ela. Minhas mãos estão cheias de compras, minha barriga dói de tanto rir, e minhas pernas precisam descansar de andar.

—Você quer parar na cafeteria antes de irmos para casa? — Charlie pergunta.

Sentindo o cheiro doce de chocolate e café no ar, eu sorrio.

—Parece uma boa ideia.

Mouse geme atrás de nós.

—Foda-me. Eu pensei que nós estávamos indo para casa agora.

—Vamos lá, Mouse, — chamo, entrando na loja atrás de Charlie. —Eu vou te comprar um chocolate quente por ser um menino tão bom. — Eu pisquei para ele.

—Um chocolate quente branco? — Ele pergunta esperançoso.

Eu aceno.

—Você entendeu.

Depois de adquirir nossas bebidas quentes, nós vamos fora para o pátio. Quando nos sentamos, Mouse declara.

—Estou levando o cachorro do outro lado da estrada para esvaziar.

Charlie e eu rimos quando ele se afasta.

—Pobre Mouse está ficando cansado de fazer compras. — Diz Charlie.

Eu concordo.

—Sim, ele tem sido um bom acompanhante até agora.

Ela ri novamente.

—Sim, exceto quando estávamos no sex shop. Ele não gostou de nos ver sentir todos os dildos.

Nós morremos de rir.

—Quem fica com você quando Ryker está longe? — Eu pergunto a ela.

—Outro prospect. O nome dele é Bosco. — Ela faz uma pausa e eu a ouço soprando no café. —Ele está bem, mas como alguém que conhecemos, ele não tem muito a dizer.

—Eu não o conheci ainda.

—Para ser honesta, eu sinto falta de Tease. Ele é mal-humorado, mas nos acostumamos um com o outro, sabe?

Eu concordo.

—Como estão as coisas com vocês de qualquer maneira? — Ela pergunta.

Eu sorrio.

—Realmente ótimo, na verdade. Ele ainda não fala muito, mas está se abrindo. Ele é incrível, na verdade.

—Bom querida. Estou feliz. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz. —Ele tem sorte de ter encontrado você.

Eu sacudo minha cabeça.

—Não. Eu sou a sortuda. Minha vida era tão chata antes de conhecê-lo, mas eu nem sabia disso. Agora eu tenho amigos e um namorado gostoso, e um guarda-costas chamado Mouse.

Ela bufa e ri.

—Certo. — Ela está em silêncio por um momento. —A minha estava longe de ser chata, mas era assustadora como o inferno. Acima de tudo, era apenas solitário. Então Ryker apareceu e abriu um novo mundo para mim.

Eu sorrio.

—Soa como um dos meus livros.

Ela suspira.

—Sim, não é? Não foi fácil no começo, e nós quase não conseguimos, mas agora... eu nunca soube que a vida poderia ser tão boa. — Ela ri. —Gangues rivais, à parte.

Eu sorrio melancolicamente.

—Espero que Travis e eu tenhamos isso um dia.

—Você vai. — Declara ela. —Seu homem é quente como o inferno, e ele realmente fala com você, o que é mais do que ele faz com a maioria das pessoas. Ele está em você.

Eu sorrio perversamente, abanando minhas sobrancelhas.

—Ele é gostoso. Aqueles abdomens naquele homem fazem minha boca secar.

Charlie ri.

—Seus olhos são incríveis também.

Eu suspiro.

—Ele se considera um monstro.

—Um monstro! — Ela exclama. —Por causa dessa cicatriz no rosto? — Eu aceno. —Garota, essa cicatriz só o deixa mais quente. A única coisa assustadora sobre Tease é sua atitude. Ele trabalha duro para fazer as pessoas terem medo dele, mas não tem nada a ver com o rosto dele.

Só então, Mouse volta com Dexter, caindo no banco ao lado do meu.

—Do que estamos falando?

Eu sorrio.

—Quão quente é Travis.

Ele geme.

—Nojento. Nós podemos apenas ir? Sarah tem explodido minha porra de celular com textos, e eu preciso ver a minha mulher.

Charlie e eu rimos e nos levantamos. Agarrando o cinto de Dexter, eu o cutuco no caminho.

—Tudo bem, Mouse. Desde que você pediu tão bem.

—Droga, certo. — Diz ele, claramente orgulhoso de si mesmo. Charlie e eu rimos, deixando que ele andasse vários metros atrás de nós, carregando nossas sacolas de compras.



***

TEASE

Usando a nova chave brilhante que Laynie me deu, eu me deixei entrar em seu apartamento. Ela ainda não voltou de sua viagem de compras com Charlotte, então eu tiro minhas botas, pego uma cerveja na geladeira e me deito no sofá para assistir TV. Assentando em um show cheio de homens barbudos caçando jacarés, eu olho em volta da sala.

Meu lugar é um maldito buraco de merda comparado ao de Laynie. Seu lugar é decorado, caseiro e cheira bem. O meu tem uma cama, uma poltrona e uma arma no armário. E cheira a porra de pés. Nós estamos juntos há apenas algumas semanas, mas eu gosto de ver minhas botas ao lado de seus tênis cor-de-rosa e longas botas marrons de salto alto. Eu gosto de ver minhas roupas pretas enroscadas no chão ou com suas roupas cor de rosa, e minha escova de dentes compartilhando um suporte com o dela.

Eu quero isso. Eu quero voltar todas as noites para o “nosso” lugar onde é decorado com flores rosadas e cheira como torta de maçã. Eu quero ir para casa toda noite e me jogar no sofá e assistir TV com ela se aconchegando no meu colo e rastejando na cama ao lado dela, fazendo-a chamar meu nome no final de um longo dia.

O telefone toca, o identificador de chamadas me dizendo em voz alta que é a mãe de Laynie ligando... de novo. A mulher nunca para. Ignorando o telefone, deixei tocar e voltei para a TV, observando a porra do louco na tela enfiar um gigantesco jacaré em seu barco, a cauda ainda se debatendo.

Cinco minutos depois, o telefone toca novamente. Desta vez, a mãe de Laynie deixa uma mensagem. Sua voz ecoa em todo o apartamento.

"Laynie Marie Lawson! Eu não sei o que você está tentando provar, mas estou ficando doente disso. Eu tenho tentado ligar para você o dia todo. É importante! Eu não sei se você está tentando me punir, ou se esse criminoso que você está namorando já colocou seu cadáver em um freezer! Estou preocupada! Ligue de volta assim que ouvir isso."

Foda-me. Não sei como Laynie aguentou essa mulher por tanto tempo. Ela é implacável. Presumo que tenho que agradecer ao porco do irmão de Laynie por sua mãe já me odiar, sem me conhecer. Balançando a cabeça, cerro os dentes e termino a cerveja.

Nem dez minutos depois, o telefone toca novamente. Desta vez, eu tiro minha bunda do sofá e atendo. Trazendo-o ao meu ouvido, eu grito.

—Olá?

Silêncio. Então eu escuto.

—*Quem é você?*

Eu reviro meus olhos.

—Travis...

—*Eu preciso falar com Laynie*.

—Ela não está aqui. Mas eu vou dizer a ela que você ligou... de novo. — Eu cerro meus dentes, me forçando a ser respeitoso com ela. Ela é mãe de Laynie e eu ainda nem a conheci. Não há necessidade de irritá-la antes que o pesadelo se torne realidade.

—*O que você quer dizer com ela não está aí? Se ela não está lá, por que você está?*

Eu suspiro pesadamente.

—Olha, Laynie está fazendo compras com uma amiga. Ela vai estar em casa em breve, e eu vou deixá-la saber que você ligou.

—*Laynie não vai fazer compras. Ela não pode ver. E ela não tem amigos. Ela me tem, o pai dela e o irmão dela.*

Agarrando o telefone com força na minha mão, mantenho minha voz o máximo que posso.

—E ela *me* tem, e todo um novo grupo de amigos que fazem coisas como levá-la às compras e ajudá-la quando ela precisa, porra. — Eu sopro uma respiração frustrada. —Olha, senhora, sem desrespeito, mas você precisa cortar o fio da porra. — Seu suspiro chocado não me perturba um pouco. —Laynie é uma mulher forte. Ela pode *mais do* que cuidar de si mesma. Agora, se você não se importa, eu tenho alguns jacarés para assistir.

Eu desligo, assim que ela começa a falar. Jogando o telefone sobre a mesa, eu me viro para voltar para o sofá quando vejo Laynie

de pé na porta, braços cheios de sacolas de compras, e Mouse de pé atrás dela sorrindo.

—Era minha mãe? — Ela pergunta.

—Sim. — Eu a observo de perto, sem saber como ela vai reagir a mim cortando sua mãe.

Seu sorriso vacilante aparece em seu rosto, quase me batendo na minha bunda. Jogando as sacolas para o lado, ela se vira e pega as malas do Mouse.

—Desapareça, Mouse. — Seu rosto está cheio de choque, assim como ela fecha a porta na cara dele.

Eu olho para ela com as sobrancelhas levantadas enquanto ela caminha em minha direção. Quando ela começa a andar para a esquerda, eu grito.

—Eu estou aqui, querida.

Ela sorri e corrige seu curso. Quando ela chega perto o suficiente, eu alcanço, agarrando sua mão para puxá-la para mim. Pressionando a mão no meu peito, ela sorri brilhantemente em direção ao meu rosto.

—Isso foi muito quente.

—Mais quente do que eu ser um motoqueiro como um babaca idiota em seus livros?

Ela sacode a cabeça.

—Não. Mas perto.

Minha risada é cortada quando ela agarra meu rosto, puxando-o para baixo e esmagando seus lábios nos meus, sua

língua forçando seu caminho para a minha. Seu beijo é áspero e com fome, e cada grama de sangue no meu corpo corre direto para o meu pau. Seus peitos se esfregam no meu peito e eu preciso vê-los. Não me importando com a camisa que ela está usando, eu a abro, ouvindo botões se espalhando pela sala. Eu puxo para trás e vejo como seu peito se agita com excitação.

Apertando as taças do sutiã para baixo, os seios dela são apresentados para mim como um banquete pronto para ser devorado. Eu rosno, mergulhando a cabeça para pegar um dos mamilos entre meus lábios, puxando suavemente. Ela geme e enrosca os dedos no meu cabelo.

—Travis... — ela geme. Eu agito minha língua em seu mamilo e esfrego seu clitóris rudemente através de seu jeans. —Travis, pare. — Eu me atrapalho com o botão em seu jeans. —Travis. — Ela empurra minhas mãos para longe. —Pare!

Confuso, eu recuo e olho para ela.

Ela se aproxima de mim, deslizando os dedos pelos meus quadris até encontrar a fivela do meu cinto.

—É a minha vez. — Ela sussurra.

Com o coração martelando, meus olhos se arregalam quando ela cai de joelhos na minha frente. Alcançando para frente, ela lentamente puxa o zíper da minha calça jeans e puxa-a para baixo sobre meus quadris, deixando-os para envolver meus tornozelos. Meu pau duro salta na frente dela, pronto para jogar qualquer jogo que ela tenha em mente.

Observo a língua rosada dela se esgueirar, deslizando sobre os lábios de ameixa, umedecendo-os e fazendo-os brilhar. Suas palmas deslizam pelas minhas pernas até que ela atinge a parte de mim que está doendo de necessidade. Hesitante, ela envolve sua mão ao redor da base do meu pau, fazendo meus olhos revirarem na minha cabeça.

Olhando para ela, eu mordo o interior do meu lábio, desejando não gozar em sua mão. Ela está de joelhos, seios ainda para fora, apoiados em seu sutiã, seu cabelo loiro caindo ao redor de seus ombros enquanto ela desliza suavemente sua mão pelo meu eixo.

Minha respiração fica presa na minha garganta. Quando ela se inclina para frente, sua língua desliza para fora, e ela achata, arrastando-a lentamente até a parte de baixo do meu pau antes que ela se afaste. *Foda-se.* Eu aperto o cabelo dela com meus dedos, puxando-a para perto. Usando a mão dela, ela me guia de volta para a boca, envolvendo os lábios em torno da ponta e chupando forte, girando rapidamente com a língua.

Meus joelhos quase se dobram. Levando-me mais fundo, ela lambe e chupa meu pau até que o prazer começa a se sentir quase como dor. Eu olho para ela, observando-a tomar meu pau. Quando ela me desliza dentro de sua boca até onde ela pode ir e gemendo, eu não aguento mais.

—Querida. Você precisa parar.

Usando a mão dela para acariciar-me enquanto ela balança a cabeça para cima e para baixo, chupando meu pau como um pirulito, ela me ignora.

—*Baby*! — Eu grito.

Ela se afasta.

—Goze para mim, baby.

Meu orgasmo me balança de volta nos meus calcanhares enquanto eu gozo em sua boca. Nós gememos juntos, eu tremendo, ela chupando e engolindo até a última gota do meu pau. Quando eu suspiro, saciado e exausto, ela se afasta e lambe os lábios antes de virar o rosto para mim e sorrir seu sorriso vacilante.

—Agora é sua vez.

Rindo, eu a levanto do chão e a levo para o quarto.

CAPÍTULO 17

TEASE

JASE SAI DE ONDE ele estava agachado ao lado da minha moto, limpando as mãos em um pano.

—Aí vai você, cara de merda. Tão boa como uma nova.

Eu sorrio, grato por não ter mais que dirigir a van do clube.

—Obrigado, cara.

Jase empurra e faz uma careta, segurando o peito com uma das mãos.

—Jesus Cristo, cara. Um sorriso? O que essa cadela fez com você?

Rolando meus olhos, ando em volta da moto, verificando a obra dele.

—Foda-se e mova-se. Estou pegando-a para uma volta, para certificar de que você a consertou de verdade.

—Oh, ela está consertada. Aproveite, irmão. — Eu coloco meu capacete na cabeça e estou prendendo a alça quando ele fala.

—Você ouviu sobre o piquenique no próximo fim de semana?

Eu paro. *Piquenique? Estamos no meio de uma maldita guerra com os Devil's e ele está falando de um piquenique?*

—Não.

—Gunner acabou de me contar essa manhã. Aparentemente desde que está começando a ficar mais frio, seu velho

garoto pensou que seria um bom momento para aproveitar o verão passado e relaxar por um dia no lago. — Ele encolhe os ombros. — Nós não ouvimos nada dos Devil's, e os Crips nem sequer nos têm no radar deles. Eles parecem pensar que os Bloods atiraram em seus homens.

Eu sacudo minha cabeça.

—Eu não gosto disso. Muito fácil.

Jase cruza os braços sobre o peito e franze os lábios.

—Sim. Eu acho. Eu não sei, no entanto, um dia para relaxar, beber cerveja soa perfeito por enquanto.

Eu viro a chave, dou partida na moto e o motor ruge pela garagem.

—Talvez, mas eu estarei em alerta. Eu não acho que os Devil's estão feitos com a gente. Não depois que matamos aqueles filhos da puta. — Eu balanço minha perna sobre o assento e me sento. —Só não acho que é uma boa ideia.

Jase encolhe os ombros quando saio da garagem e vou para a rua. A moto parece sexy pra caralho. Eu não posso esperar para levá-la para a estrada, onde eu posso colocá-la através do teste real, e ver se essa cadela pode voar tão rápido quanto costumava.

Dirigindo pela cidade, deixei minha mente vagar de volta para esta manhã e a conversa que tive com Laynie. Foi mais uma discussão no final, mas mais uma vez, acho que devo desculpas a minha garota.

Nós estávamos deitados na cama, meio adormecidos, sua mão vagando ao longo do meu abdômen.

—Travis? — Ela perguntou.

—Hmm?

—Você já viu sua mãe desde que você fugiu todos aqueles anos atrás?

Meu coração se apertou.

—Só uma vez. Depois que a polícia me encontrou morando na rua, ela foi até a delegacia. Ela nem sequer me olhou. Eu a ouvi dizer que eu era um delinquente e que ela não queria mais que eu estragasse a vida dela. Ela saiu de lá sem olhar para trás. Eu não a vejo desde então.

—Você está com raiva dela? — Ela perguntou baixinho.

Eu fiz uma careta e balancei a cabeça.

—Não. Eu odeio a cadela.

—Isso é triste. O ódio é um veneno, Travis.

Eu me sentei, pegando meu jeans.

—Não me diga que eu preciso perdoar aquela vadia, Laynie. Ela pode apodrecer no inferno por tudo que eu me importo.

Ela saiu da cama atrás de mim, tropeçando na minha bota de moto quando deu um passo. Eu peguei seu braço na hora certa.

—Isso não é o que estou dizendo. — Ela balançou a cabeça e sentou-se na cama. —Estou dizendo que talvez você ainda esteja zangado com ela, e isso provoca o ódio. Você ainda se

importa. Talvez, se você puder deixar essa raiva ir, você possa finalmente se curar.

Eu terminei de afivelar meu jeans e apontei um dedo para ela.

—Você nem mesmo se incomoda em falar sua merda de terapia para mim. Eu curei apenas a porra dessa maneira. Este é quem eu sou e eu não mudarei. Não por você. Não por ninguém*.*

Puxando minha camiseta pela minha cabeça, peguei minhas chaves e saí do quarto. Assim que eu saí do seu apartamento, ouvi a voz dela do quarto chamando por mim.

—Eu não quero que você mude, Travis. Eu quero que você seja finalmente feliz.

Eu a ignorei e saí.

Agora, olhando para trás, eu deveria ter conversado com ela. Eu deveria ter calado a boca e realmente escutado ela. Eu não dou a mínima para a minha mãe, mas talvez deixar o ódio silenciar os gritos que eu ouço na minha cabeça às vezes pode ser bom. Eu *estou* com raiva. Veja como eu tratei Laynie. Ela não merece essa merda.

Eu sou um idiota.

Virando minha moto na estrada, abro-a e fico emocionado ao ver que Jase não apenas consertou minha moto, como melhorou. Eu voei pela estrada, passando por carros e vendo o mundo flutuar, e tentei encontrar uma maneira de me desculpar com minha garota, que eu machuquei, mais uma vez.

***

Laynie

Mouse me leva até o bar do clube e me ajuda a me acomodar em uma banqueta alta e me entrega uma cerveja.

—Obrigada, Mouse.

—De nada. Eu odeio deixar você aqui, mas Sarah tem uma consulta médica, e eu não posso perder isso. Jase disse que Tease está apenas fora em um teste em sua moto nova e melhorada, mas deve estar de volta a qualquer momento.

Eu sorrio e afasto-o.

—Não se preocupe com isso! Vai! Veja a sua menina e seu bebê. — Plantando um beijo rápido na minha bochecha, Mouse corre para fora da porta.

Sento-me para trás e tomo minha cerveja, ouvindo os sons na sala para determinar se alguém está por perto. O lugar é silencioso. Minha mente começa a vagar e penso na discussão que tive com Travis esta manhã.

Eu não estou brava com ele por sair como saiu, eu nunca deveria tê-lo empurrado. Por experiência, sei que ele lidará com esses problemas quando estiver pronto. Eu não sinto muito por trazer isso, no entanto. Ele precisava do empurrão para começar a pensar em sua mãe. Não há como a cadela não fazer parte do homem que ele se tornou. Eu não quero que ele mude, na verdade,

eu gosto dele. É quente como o inferno. Eu só não quero que ele sinta a tortura da mente que é odiar alguém assim. Eu quis dizer isso quando disse que é um veneno.

—Pelo amor de Deus. Eles vão começar a mover todas as suas cadelas para cá agora? — Perdida em pensamentos, perdi a abordagem dela, mas suas palavras maldosas me puxam de volta ao presente.

—Desculpe? Eu conheço você?

—Foda-se não! Graças a Deus. — Eu a ouço na frente de onde eu me sento. — Você é a nova vadia de Tease?

Quem diabos é essa garota?

—Eu sou sua namorada, sim. Quem diabos é você?

Ela ri.

—Lucy. Tenho certeza de que você já ouviu falar de mim. Sou a favorita por aqui.

Eu franzo a testa e mudo de posição, pronta para pular e chutar alguns traseiros se a necessidade surgir.

—Oh, certo. Lucy, você é a prostituta.

Eu ouço seus saltos no chão de ladrilhos quando ela vem até mim, mas o rosnado de Dexter a detém. Pulando para cima, fico na frente dela, os punhos cerrados. Eu nunca estive em uma briga antes, mas depois de ouvir as histórias de Charlie sobre essa garota, estou ansiosa para chutar sua bunda nojenta.

—Foda-se! — Ela grita. — Cadela cega idiota, vindo aqui e levando mais um dos meus malditos homens.

Eu ri.

—Você está realmente louca, você sabe disso? — Eu coloquei minhas mãos em meus quadris e me inclinei para frente. —E não tem como o meu homem colocar o pau em qualquer lugar perto de *seus* buracos podres. Eu posso sentir o cheiro do peixe daqui. — Eu enrolo meu nariz em desgosto.

Sinto a mão dela no meu cabelo antes que Dex tenha a chance de me avisar. Puxando meu rabo de cavalo, ela arrasta minha cabeça para trás. Dói como um filho da puta, e eu não consigo descobrir o que planejo fazer a seguir porque meu soco no rosto dela a faz gemer como um bebê e me soltar.

—Sua puta do caralho! Você quebrou meu nariz, — ela lamenta.

Eu aponto meu olhar em sua direção, esperando parecer durona, e ela não pode ver a agonia que estou sentindo no momento. Dexter continua a latir, então tenho que gritar para ser ouvida.

—Dê o fora daqui antes de eu deixar meu cachorro em você, sua cadela imunda.

Eu ouço seus sapatos enquanto ela sai do quarto soluçando. Enquanto seus passos desaparecem, eu ouço um aplauso lento vindo do outro lado da sala. Virando minha cabeça naquela direção, aumento meu aperto no arreio de Dex.

—Quem está aí?

Passos pesados se aproximam de mim.



—Relaxe. Sou só eu. Reaper. E eu poderia dizer que isso foi incrível.

Eu corro a mão pelas minhas bochechas, sabendo que ele assistiu aquilo.

—Desculpe se ela é sua… prostituta, ou o que seja.

Ele ri e eu o ouço revirando algo atrás do bar.

—Essa cadela não é nada minha.

—Você pegou o show inteiro?

—Não. Eu vim quando ouvi o cachorro estava latindo. — Ele pega minha mão, empurrando um saco de gelo para ela. — Isso vai ajudar com o inchaço.

Eu dou risada e coloco o gelo com cuidado em meus dedos doloridos.

—Obrigada. Essa porra doeu.

Ele ri e volta para o meu lado do bar.

—Estava prestes a intervir quando ela agarrou seu cabelo, mas aquele soco que você deu a ela me fez parar e deixar você lidar com ela sozinha. Foi uma lição que ela precisava aprender.

Eu mordo meu lábio e aceno.

—Então, eu já tinha ouvido a sua reputação. Charlie me contou tudo sobre ela.

Ele ri novamente.

—Tenho certeza de que ela fez. Charlie deveria ter acertado seu rosto há meses. Você deveria dar suas lições.

Eu sorri.

—Vou pensar sobre isso.

—Tenho que admitir, fiquei surpreso que seu cachorro a deixou ir tão longe.

Eu chego e acaricio Dex na cabeça.

—Ele é de observar, não um lutador. Ele treinou para me avisar e, se eu der o comando, ele atacará.

—Se importa se eu o acariciar?

Eu movimento para Dex.

—Seja meu convidado. — Eu ouço os pingentes na cadeia de Dex tilintar enquanto Reaper o esfrega.

—Eu costumava ter um cachorro.

Eu inclino minha cabeça para o lado.

—Costumava?

Mais tilintar.

—Sim. No Afeganistão. Porra, a pequena coisa veio até mim um dia enquanto eu estava em patrulha com minha tropa. Não iríamos sair porra. — Ele faz uma pausa. — Ele era tão magro. Eu sabia que ele estava morrendo de fome. Comecei a dar-lhe metade das minhas refeições, e ele se tornou meu novo amigo de patrulha. Eu o chamei de Monty.

Eu ouço o rangido de seu corte de couro quando ele se senta para trás, seguido pelos sons dele engolindo e estabelecendo uma garrafa de o que eu só posso supor, é cerveja.

—Esse cachorro idiota se tornou meu novo melhor amigo. Salvou a porra da minha vida mais vezes do que posso

contar. Eu não podia trazê-lo para a base, mas ele estava sempre no portão esperando por mim quando saímos. Ele abanava a porra do rabo com tanta força que pensei que sua bunda ia sair logo.

Ele ri, perdido na memória.

—Então, um dia, saímos em missão. Nós estávamos andando pelo deserto, chegando perto de uma das cidades que precisávamos para verificar, e assim que eu fui dar um passo, Monty se apavorou, correu direto para mim, me batendo direto para trás. Eu estava chateado. Levantei-me para dar um castigo ao merdinha quando ele deu um tropeço para trás exatamente onde eu estava prestes a pisar, e ele se foi. Desapareceu.

Horrorizada, eu engulo, passando meus dedos sobre os pelos de Dexter.

—O que aconteceu com ele? — Eu sussurro, com medo de já saber a resposta.

—Dispositivo explosivo improvisado. — Ele toma outro longo gole de sua cerveja, batendo a garrafa de volta no balcão. —A porra o explodiu junto com meu maldito cachorro.

Eu bato minhas mãos na minha boca.

—Não!

Antes que ele possa responder, mais passos entram na sala.

—Que porra é essa, Reaper? O que você está fazendo com a minha garota?

—Foda-se você, Tease. Nós estávamos apenas conversando. — Ele rosna.

—Então por que ela parece que está prestes a chorar?

Eu fico em pé rapidamente, jogando minhas mãos no ar.

—Está tudo bem, Travis. Nós estávamos apenas conversando e ele me contou uma história triste. E é tudo.

Travis não diz nada, e eu ouço a cadeira do Reaper raspar no chão enquanto ele fica de pé.

—Até mais, Laynie. Cuide desse cachorro.

Eu sorrio.

—Vou fazer. E Reaper?

Ele faz uma pausa quando sai da sala, mas não diz nada.

—Obrigada por compartilhar essa história comigo.

Ele resmunga e sai.

—Que porra foi essa? — Travis pergunta.

Eu sorrio para ele, moldando meu corpo ao dele.

—Apenas uma história sobre um cachorro que ele já teve. Teve um final triste. — Eu enterro meu rosto em seu pescoço. —Você ainda está com raiva de mim?

Ele balança a cabeça e me aperta firme.

—Foda-se não. Você está brava comigo?

Eu beijo seu pescoço e sussurro.

—Não.

—Por que há gelo na sua mão?

—Eu dei um soco no rosto de Lucy. Acho que também quebrei o nariz dela.

Ele pega minha mão para inspecionar por si mesmo.



—Essa vadia estava incomodando você? — Ele rosna.

—Não mais. — Eu digo com uma piscadela.

Levando minha mão aos lábios dele, ele a beija suavemente e ri.

—Essa é minha garota.

CAPÍTULO 18

Laynie

É O DIA DO Piquenique, e mal posso esperar para voltar àquela moto. São cerca de duas horas de carro até o lago e Mouse já saiu da van com Dexter e minha enorme tigela de salada de batata. Depois de pegar meu biquíni e uma toalha, estou pronta para ir.

—Você vai parar de se mexer porra? — Travis rosna, tentando colocar o meu capacete.

—Eu não posso evitar! Estou animada! — Forçando-me a ficar parada, ele finalmente pega a alça. —Eu estive ansiosa por isso durante toda a semana.

—É um maldito piquenique, Laynie. Não é um maldito circo.

—Oh, não seja tão rabugento. Além disso, não é o piquenique que estou animada. É o passeio até lá. — Eu me inclino para frente e pressiono meus lábios contra os dele. —Eu não posso esperar para pegar meu homem entre as minhas pernas novamente.

Ele rosna e cobre minha bunda, me puxando para ele.

—Continue falando assim e não vamos a lugar nenhum além do maldito quarto.

Rindo baixinho, eu empurro seu ombro levemente.

—Comporte-se. Preciso de um bronzeado, nadar e comer um hambúrguer totalmente carregado.

—Eu vou te dar um...

—Pare! — Eu choro, jogando minha mão no ar. —Apenas vamos logo.

Rindo, Travis me ajuda a subir na moto antes de se virar sozinho. Quando saímos para a rua, eu me deleito com a sensação do sol do final do verão batendo no meu rosto. Sei que atingimos os limites da cidade e a estrada aberta quando Travis acelera, fazendo meu coração disparar de alegria. Eu nunca me canso de andar de moto com ele. Eu nunca vou conseguir o suficiente *dele.*

Desde que conheci Travis há alguns meses, minha vida mudou muito. Eu tenho amigos e risos, e o melhor de tudo, sexo. Muito e muito sexo incrível. Meu irmão e eu nos distanciamos mais, mas tenho fé que nosso relacionamento pode ser resolvido. Minha mãe recuou muito desde que Travis conversou com ela. Eu quero que ela o conheça, para ver que estou bem. Eu nunca quero machucar minha mãe, mas Travis estava certo quando ele disse a ela para cortar o cordão.

A melhor mudança foi o próprio Travis. Ele é rude, e às vezes ele pode ser um idiota total, mas ele também é protetor e doce, e eu sei que minha cegueira não o incomoda nem um pouco. Eu notei uma mudança nele. Ele está quase feliz às vezes, e eu gosto de pensar que tenho pelo menos algo a ver com isso. Eu cheguei tão perto de dizer a ele que o amo tantas vezes, mas me detive. Tenho medo de que ele se sinta preso e que ele ainda não esteja pronto para isso, então eu o mantenho isso guardado. Mas eu não posso

evitar , eu amo ele. Eu o amo tanto que meu coração dói da melhor maneira possível.

Travis desacelera, parando e desliga o motor. Saindo da moto, ele pega minha mão e me ajuda a ficar ao lado dela.

—Como foi?

Eu sorrio.

—Surpreendente. Eu poderia andar o dia todo se estivesse com você.

Envolvendo seus braços em volta da minha cintura, ele me puxa com força para ele e reivindica minha boca com a sua. Os sons dos outros rindo e conversando ao fundo desaparecem quando eu coloco meus braços em volta do seu pescoço e despejo todo o meu amor por ele naquele beijo. Nossas línguas deslizam uma contra a outra e meu coração gagueja no meu peito quando ele se afasta e agarra meu rosto em ambas as suas enormes mãos.

—Eu amo você pra caralho, Laynie Lawson.

Minha barriga mergulha e minha respiração pega antes mesmo de sair do meu peito.

—Você ama?

Ele se inclina e me beija de novo, beliscando meu lábio inferior.

—Foda-se, sim.

A alegria me domina enquanto eu me deleito com o sentimento de suas palavras me aquecendo da insígnia.

—Eu também te amo, Travis. Muito. Eu queria contar a você antes, mas estava com medo de assustá-lo.

Posicionando seus lábios acima dos meus, ele sussurra.

—Não vai acontecer.

Ouvindo um latido familiar, viro a tempo de acariciar Dexter quando ele me alcança. Travis me pega pela mão, levando-me ao grupo de motoqueiros despreocupados e suas famílias, apresentando-me àqueles que ainda não conheci.

A tarde está cheia de risos e cerveja e fazendo novos amigos. Eu também tenho o prazer não tão grande de conhecer Tiny. O cara é um idiota completo, e eu imediatamente não gosto dele. Eu posso dizer pelo jeito que Travis está na minha frente que ele não pode suportar ele também. Quando Gunner chama Travis, ele me deixa sentada na sombra com Dexter e Tiny não tão distantes.

—Cachorro legal que você tem aí, Leanne.

Eu sorrio.

—É Laynie. E obrigada.

Eu ouço o barulho da grama sob seus pés enquanto ele dá um passo mais perto.

—Se importa se eu acariciá-lo?

Antes que eu tenha a chance de responder, Dexter pressiona perto da minha perna, e seu rosnado ronca por todo o seu corpo. Chocada, coloco minha mão na cabeça dele.

—Isso pode não ser uma boa ideia.

—Ah, tudo ficará bem. Venha cá, vira-lata. Eu não vou te machucar.

O rosnado de Dexter fica mais alto e seu corpo treme contra a minha perna. De repente, ele solta um latido vicioso seguido pelo grito de surpresa de Tiny.

—Cachorrinho estúpido. Vou te chutar bem na porra da cabeça!

Ele chega mais perto novamente. Ajustando meus ombros, eu abro minha boca para dizer a ele onde ele pode ir se foder, quando Reaper passa por mim.

—Você fode em qualquer lugar perto deste cachorro ou de Laynie, novamente eu vou arrancar seu pau minúsculo e alimentar Dexter aqui como um lanche.

Sorrindo, eu espero que ele argumente e fico surpresa quando ele apenas lança um “foda-se” cheio de ódio, antes de ir embora.

O resto da tarde, eu nado com Charlie e sento na areia onde nós rimos histericamente enquanto eu descrevo meu encontro com Lucy no outro dia.

—Cara, eu gostaria de poder estar lá para ver o olhar no rosto dela! — Ela grita entre as gargalhadas.

—Ela disse que eu quebrei o nariz. — Eu rio. —Minha mão doeu como uma filha da puta depois, no entanto.

Ela ri.

—Eu aposto. Eu nunca poderia bater em alguém.

Eu aponto para ela, crescendo sério.

—É por isso que ela chegou até você na última vez. Você precisa definir essa cadela em linha reta. Pelo que você me disse, você não fez absolutamente nada, e isso não está bem. Nós, mulheres, precisamos nos unir, não tornar as coisas mais difíceis.

Ela suspira.

—Eu sei. Eu odeio confronto. Além disso, você não a viu, Lucy é dura. Ela chutaria meu traseiro.

—Você está certa. Eu não posso vê-la. — Eu sorrio. —E eu ainda chutei sua bunda.

Rindo como um par de velhas amigas, nós nos deitamos ao sol e aproveitamos o que restou da tarde. Depois de um tempo, percebo que não vejo meu cachorro ou Travis há muito tempo. Sentando, eu escuto atentamente para os sons da coleira de Dexter.

—Você vê Dex?

Eu a ouço se mover ao meu lado.

—Sim. Ele está ali, sentado à sombra com o Reaper, de todas as pessoas.

Eu deito de volta e sorrio.

—Sim. Acontece que Reaper é um amante de cães.

—Realmente? — Sua voz é atada com descrença.

Eu aceno, não estou querendo dizer mais nada e contar uma história que não é minha para contar.

—Huh. — diz ela. —Quem poderia pensar?

À medida que a tarde chega à noite e nossa pele começa a esfriar, corremos para as árvores e voltamos para nossas roupas. Saindo de nosso vestiário improvisado, Charlie me leva de volta ao grupo.

—Ei, Mouse, Jase. Vocês viram Ryker?

—Ou Travis? — Eu adiciono.

—Sim. Acabaram nas motos conversando com Gunner — responde Jase.

—Ótimo. Obrigada. Eu vou encontrar eles. Você vem, Laynie?

Eu sacudo minha cabeça.

—Não. Eu ficarei aqui e esperarei. Travis vai estar aqui em breve.

—Tudo certo. Como quiser.

Eu ouço os passos dela enquanto ela se agacha no chão e se vira para Mouse e Jase.

—Então, do que estamos falando?

—Seios. — Responde Jase.

—*Jase* estava falando sobre peitos. *Eu* estava escutando. Mouse corre para explicar. —

—Ok. — Eu rio. — E quais peitos?

—Não apenas *quaisquer peitos*. — Responde Jase. —Tem uma cadela por aí, que tem os maiores peitos fodidos que eu já vi na vida real.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

—Emocionante.

Jase ri.

—Tão excitante, eu acho que posso ir até lá e me apresentar. — Eu sinto a brisa dele passando por mim. —Se vocês, senhoras, me derem licença.

—Sim. Foda-se você também, Jase. — Mouse diz atrás dele.

Rindo, eu volto para ele.

—Então, como foi o exame de Sarah?

—Foi muito incrível. — A emoção em sua voz aquece meu coração. —Foi seu ultrassom de vinte semanas. Ver meu bebê na tela foi o momento mais lindo da minha vida.

Eu sorrio.

—Que lindo.

Ele ri.

—Até que ela chegue aqui, de qualquer maneira.

—Ela?

—Sim. Descobrimos que estamos tendo uma menina!

Eu chego para ele, apertando sua mão na minha.

—Ah, Mouse. Isso é uma notícia incrível! Estou tão feliz por vocês dois.

—Obrigado, Laynie. — Ele aperta minha mão. — Sarah teve que trabalhar hoje, pelo que ela não pode vir, mas eu vou dizer a ela que você disse isso.

Eu sorrio brilhantemente para ele.

—Então vocês já pensaram em algum nome? Ouvi dizer que Laynie é um nome lindo.

Ele gargalha profundamente em sua garganta e libera minha mão.

—Na verdade, ainda não concordamos em um. Ela gosta de Vivian e eu gosto de Amélia.

Eu enrugo meu nariz.

—Eu não sou um grande fã de Vivian, mas eu amo o nome Amélia. Você poderia chamá-la de Millie!

—Eu gosto de...

De repente, o ar se enche com os sons de motos de corrida e pops altos.

—Merda! Laynie, fique abaixada... — As palavras de Mouse são cortadas pelo som de um baque quando ele cai na minha frente, me derrubando no chão e caindo em cima de mim, fazendo o vento sair dos meus pulmões. Aterrorizada, eu espero, tentando descobrir o que diabos está acontecendo. Os pops continuam vindo de duas direções diferentes.

—O que está acontecendo? — Eu grito, mas Mouse não responde.

Percebendo que os estouros são tiros, eu entro em pânico. Meus músculos se esticam quando eu empurro Mouse, gritando para ele sair de cima de mim.

—Mouse! Mova-se. Dexter!

Incapaz de respirar, comecei a chorar.

—Mouse! Mova-se! — Coloco minhas mãos sob ele e empurro seus ombros. Quando isso falha, puxo minhas mãos e sinto a umidade sobre elas. Levantando-o para o meu nariz, meu coração se contrai quando sinto o cheiro metálico de sangue.

—Mouse? — Eu sussurro, minha voz tremendo quando meu corpo começa a tremer incontrolavelmente. —Mouse! — Eu sacudo ele, na esperança de obter uma reação.

Levantando minha mão, eu a uno ao longo de suas costas, sentindo a fonte da umidade. Quando chego à cabeça dele, o sangue é mais espesso. Meus pulmões chiam e lágrimas escorrem dos meus olhos. Quando minha mão toca a parte mais alta de sua cabeça e não sente nada além de sangue onde sua coroa pode estar, meu coração se quebra em um milhão de pequenos pedaços minúsculos.

—NÃO! — Eu grito. —Ajude-nos! Alguém nos ajude! Por favor!

Os estalos continuam e sinto a umidade de seu sangue vazando em meu próprio cabelo onde se espalha no chão abaixo de nós. Embrulhando minhas mãos ao redor dele, eu choro impotente, minha respiração rasa e rápida. Eu choro pelo homem que eu vim amar como um irmão. Eu choro pela mulher cujo coração vai ser quebrado pela perda desse doce homem. E, acima de tudo, choro pela pobre menina ainda não nascida que vai crescer sem o papai dela lá para embalá-la para dormir e beijá-la boa noite.





***

TEASE

Charlotte tinha acabado de chegar para nós quando a merda atingiu o ventilador. Cada membro do Devil's Rejects desce sobre nós antes mesmo de termos uma chance de reagir. Tem que haver pelo menos trinta dos filhos da puta. Eles soltam uma rajada de artilharia em nós enquanto lutamos para nos proteger. Gunner, Ryker, Charlotte e eu nos escondemos atrás da única proteção disponível, nossas motos. Puxando minha arma, eu devolvo o fogo. Eu ouço tiros vindo de Ryker e Gunner e rezo para que o resto dos nossos irmãos tenham trazido suas armas também.

Espiando por cima da minha moto, eu examino a área de piquenique por Laynie. Meu coração dispara ao ponto de explodir quando não a vejo. As pessoas estão espalhadas pelo terreno, escondidas atrás de árvores e mesas de piquenique derrubadas, mas não vejo Laynie.

É quando vejo o Dexter. Ele está rastejando pelo chão em sua barriga. Eu sigo o curso que ele está descendo com meus olhos e meu intestino cai de dentro de mim. Vendo a forma inclinada de Mouse deitado em cima de Laynie me tira o fôlego. *Eles estão bem?*

—Não! Alguém nos ajude! Por favor!

Ouvindo seus apelos em pânico por ajuda, eu pulo do meu agachamento e começo a me mover em sua direção. Quando passo Ryker, ele pega minha mão e me puxa para o lado dele e Charlotte.

—Você está louco?

—Laynie está lá fora! — Eu rosno e me movo para ficar de pé.

—Muitas pessoas estão lá fora, cara! Não seja um idiota porra! Fique aí. Mouse a tem.

Eu sei que ele está certo, mas eu não gosto disso. Eu recarrego minha arma e tiro mais tiros, acertando alguns Devil's e derrubando-os. Eu vejo quando Dexter chega a Laynie e se estende ao lado dela. Eu vejo seu braço disparar, envolvendo-o e segurando-o pelo corpo. Grato que ele fez isso para ela, e pode pelo menos confortá-la quando eu não posso, eu lanço mais tiros.

Estou na minha última bala quando os Rejects começam a pular em suas motos e, em um rugido ensurdecedor, fazem sua fuga. Mesmo com todos os tiros disparados, restam apenas dois deles no chão.

Concentrando minha atenção de volta em Laynie, eu corro para onde ela ainda está no chão sob Mouse. Meu coração palpita no meu peito quando me aproximo e vejo o sangue acumulado no chão ao redor deles. Nenhum deles está se movendo. A visão daquela poça negra de sangue faz com que o desespero esmague a respiração dos meus pulmões. Eu não posso respirar.

—Laynie! — Eu suspiro.

Seus soluços quebrados quebram meu pânico.

—Travis? Oh Deus. Ajudem-no!

Ajoelhando-me ao lado deles, eu rezo quando vejo Mouse, e parece que o mundo inteiro fodido para. Sua pele está cinza e não há nada além de sangue e mais sangue onde deveria estar o topo de sua cabeça. Seus olhos estão abertos, mas vazios do brilho habitual que ele sempre parece ter. Ele foi embora.

Reaper aparece ao meu lado.

—FODA-SE! — Ele ruge.

O rosto de Laynie já marcado de lágrimas se contrai e ela começa a soluçar incontrolavelmente.

—Ajude-me! Tire ele de mim. Por favor! Eu preciso tirá-lo de mim!

Sacudindo a onda de tristeza e choque, eu agarro seu ombro, e com a ajuda de Reaper, nós o afastamos de Laynie e o colocamos no chão ao lado dela. As mãos trêmulas de Laynie se levantam e cobrem o rosto manchado de sangue quando um gemido de desespero rasga sua garganta.

Chegando à frente, eu a pego em meus braços, balançando-a gentilmente e acariciando seus cabelos. Seus soluços balançam seu corpo inteiro, rasgando meu coração em farrapos. Sentados no chão nós balançamos suavemente enquanto o resto do grupo se reúne ao redor de Mouse. Dex vem e fica ao nosso lado, colocando a cabeça no meu colo, onde Laynie é capaz de acariciá-lo enquanto ela chora.

Eu não sei o que fazer ou o que dizer. Mouse era uma dor na minha bunda, mas foda-me, ele era uma das pessoas mais genuínas que eu conheço. Ele era como um irmão para mim, mas eu nunca disse isso a ele, e isso me deixa com raiva de mim mesmo. Eu era tão idiota com ele, todo o tempo do caralho, mas ele sempre foi tão leal. *Porra!*

Só então, Charlotte se aproxima e se ajoelha ao nosso lado, colocando uma mão no ombro de Laynie. Ela recua e se aperta mais perto de mim.

—Laynie? — Sua voz treme e seu queixo treme um pouco, mas ela segura. — Querida, sou eu, Charlie. Vamos descer até o lago e nos limpar, querida. — Ela puxa suavemente Laynie, indicando que ela quer que ela vá com ela.

—Nãooo. — Ela geme, envolvendo-se ainda mais apertado em torno de mim e aguentando a querida vida.

Eu olho para Charlotte e balanço minha cabeça. Ela balança a cabeça, com o rosto cheio de tristeza, depois se levanta e entra nos braços de Ryker, onde ela também começa a chorar.

Olhando em volta para o grupo silencioso de pessoas que eu considero família, eu balanço Laynie de um lado para outro e vejo como todos eles estão em choque e silêncio. O aperto no meu peito é quase insuportável. Jase se aproxima e coloca um cobertor de piquenique quadriculado vermelho e branco sobre o rosto de Mouse e então se vira, se afastando para sua moto.

—Jase! — Ryker chama. —Onde você está indo?



—Eu vou encontrar esses filhos da puta, e vou matá-los até o último deles. — Eu nunca ouvi Jase soar tão bravo, mas eu concordo com ele. Eles vão pagar por isso, com suas vidas. Mas ainda não. Primeiro temos que contar a Sarah.

CAPÍTULO 19

Laynie

Eu não me lembro de sair do lago, ou a carona para casa. Não me lembro de nada a não ser do peso do corpo de Mouse enquanto sua vida se derramava dele. Meus pensamentos estão nublados e meu estômago está pesado de pavor. Eu não consigo parar de pensar sobre aquele baque que eu ouvi quando Mouse estava me avisando. Ele pegou aquela bala tentando salvar minha vida. Eu continuo pensando sobre Mouse, e como ele estava animado para me dizer que ele estava tendo uma menina. Penso na maneira sincera como ele era com todos, disposto a lhe dar a camisa de suas costas. Mouse era um tipo raro de ser humano, e a perda dele derrubou o vento.

—Vamos, querida. Levante seus braços. — Lentamente voltando para o presente, eu ouço a água corrente do chuveiro e sinto as mãos na minha cintura, puxando minha camiseta encharcada de sangue para cima e sobre a minha cabeça. Eu levanto meus braços e luto com as lágrimas enquanto Travis me ajuda a tirar o resto das minhas roupas.

Eu ouço o sussurro de tecido quando ele tira a sua própria, e então ele me levanta em seus braços fortes, me levando para o chuveiro e me coloca sob o jato de água quente. Piscando, levanto o

punho para o peito e prendo fundo, tentando aliviar a dor intensa que sinto.

—Incline a cabeça para trás, Laynie. — Indo para o piloto automático, faço o que me mandam e inclino a cabeça para trás sob a água corrente. Os dedos de Travis são gentis, mas firmes, enquanto ele lava meu cabelo, massageando meu couro cabeludo com os dedos, lavando o sangue e a sujeira que havia nele quando eu estava deitada no chão com Mouse.

Sem palavras, ele lava uma esponja e passa sobre o meu corpo, esfregando o sangue do homem mais doce que eu conheci na vida da minha pele. Minha garganta lateja quando um soluço profundo e angustiado explode dentro de mim, meus ombros tremem com a minha tristeza.

Travis agarra meus ombros e me puxa para perto de seu corpo, envolvendo-me em seus braços.

—Porra, Laynie. Eu nem sei o que diabos dizer a você agora.

Eu continuo a chorar, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, misturando-me com o fluxo do chuveiro. Eu agarro seus ombros e apenas deixo tudo para fora, eu preciso. Eu tenho que tirar essa dor antes que ela me coma viva. Travis não diz mais nada, apenas me segura mais apertado, pressionando seus lábios no topo da minha cabeça.

Gradualmente, minhas lágrimas diminuem e minha respiração se equilibra. Meu coração partido continua quebrado,

mas meu corpo está exausto. Empurrando meu rosto contra seu peito, eu pressiono um beijo no seu peitoral.

—Estou bem agora.

Travis coloca as mãos em cada lado do meu rosto, levantando-o para o seu e pressiona seus próprios lábios nos meus.

—Você não está, mas vai ficar. Vamos para a cama.

Ele se inclina para a frente para desligar a água e me ajuda a sair do chuveiro. Eu fico parada, braços pendurados ao meu lado, meu corpo drenado de toda a energia enquanto ele cuidadosamente me seca, e depois de enrolar uma toalha grande em volta de mim, ele me leva para o quarto. Eu fico no centro do quarto e espero enquanto o ouço procurando por algo.

—Aqui. Coloque isto.

Levantando meus braços, eu empurro através da camisa que ele colocou sobre minha cabeça. Eu não reconheço isso como uma das minhas.

—O que é isso?

—Minha camiseta. — Ele responde, puxando-me para a cama. —Amo seu pijama de seda, querida, mas esta noite, eu preciso que você use algo meu.

Meu queixo treme quando dou a ele um sorriso trêmulo.

—Eu te amo.

Ele se acomoda na cama, me puxando para perto e me abraça com força nele. Respirando fundo pelo nariz, ele respira.

—Porra, querida. Eu também te amo.

Envolvendo meu braço em volta de sua cintura, eu me pressiono a ele tão apertado quanto posso conseguir. Se eu pudesse rastejar dentro dele, acho que faria. Em algum lugar ao longo do caminho, Travis se tornou meu lugar seguro, e estar envolta em uma camiseta que cheira como ele pode apenas manter os pesadelos à distância.

Nós ficamos em silêncio, meu peito doendo com tristeza enquanto eu deslizo meus dedos para cima e para baixo em seu braço.

—Travis?

—Sim. — Sua voz é rouca.

—Você está bem?

—Foda-se não. — Sua resposta me surpreende. Não porque ele sente isso, mas porque ele admite isso. —Você tem alguma ideia de como eu estava aterrorizado quando cheguei perto de você e vi todo esse sangue de merda? — Ele solta um suspiro trêmulo. — Pensei que era seu.

Eu dou-lhe um aperto, mas fico em silêncio, esperando que ele continue.

—Eu acho que a pior parte é que eu sou um idiota por sentir alívio quando descobri que não era. Eu estava com tanto medo de ter te perdido que senti alívio por ser meu maldito amigo. Meu *melhor* amigo do caralho. — Sua voz se eleva enquanto ele fala, enchendo-se de raiva. —A porra da sua cabeça foi

arrancada salvando minha mulher, e eu sinto alívio? Que tipo de doente eu sou?

Eu me apoio no cotovelo.

—Ei. Não fale sobre o homem que eu amo desse jeito. O que você sentiu é normal, Travis. Completamente normal. Você sentiu alívio por não ser eu, não que ele morreu. — Estendendo a mão, procuro por seu rosto e pressiono minha mão contra sua bochecha marcada. —Isso não significa que o entristeça menos.

Ele respira fundo.

—Eu estou chateado. Estou chateado que aqueles fodidos loucos nos emboscaram e quase nos mataram. Estou chateado que eu só consegui matar alguns deles. Estou chateado que você teve que passar por essa merda esta tarde. Mas acima de tudo, estou puto comigo mesmo. Estou chateado que eu nunca tenha dito àquele filho da puta que ele era o melhor amigo que eu já tive.

Lágrimas enchem meus olhos já inchados quando me inclino para frente, pressionando minha testa na dele.

—Ele sabia, querido. Ele me disse uma vez que você era seu amigo, mesmo que você odiasse admitir isso. — Eu rio baixinho. — Ele também amava você, você sabe.

Gemendo, ele me puxa para mais perto e me aperta com força, sussurrando.

—Eu sei.





***

TEASE

É difícil respirar enquanto dirijo a fila de motos seguindo o carro fúnebre até o cemitério. Minha garganta queima e meu coração parece que pesa cem quilos, depois de ver Gunner colocar o corte de Mouse em seu caixão antes de fechá-lo, selando-o para sempre. Depois de toda a sua lealdade e trabalho duro, Mouse é finalmente um membro ativo dos Kings of Korruption, e ele nem está vivo para comemorar.

Laynie e Charlotte estão andando com Bosco na van do clube, compondo o verso da linha. Eu só quero chegar lá e pegar minha garota. Estar separado dela, mesmo que seja apenas andar em veículos separados, me faz lutar para permanecer calmo. Até que esses filhos da puta estejam mortos, eu não quero ficar longe dela.

À medida que subimos a estrada do cemitério, nossas motos afogando o silêncio, noto um único carro da polícia sem identificação estacionado ao lado da estrada. O irmão de Laynie, Daniel, está de uniforme contra o lado do carro, os olhos fixos em mim. *Foda-se.*

Depois do tiroteio no lago, os policiais foram rápidos em atacar. Alguém os chamou, embora ainda não tivéssemos descoberto quem era esse alguém. Eles detiveram alguns de nós, inclusive Laynie, e interrogaram todos nós. Nós dissemos a eles o mínimo possível, pessoas desconhecidas haviam invadido,

atirando em todos nós e depois nos afastado. Os policiais tinham encontrado cápsulas de balas que Bosco havia perdido durante a limpeza, mas ainda não nos ligaram a nenhum tiroteio. Todos nós dissemos a eles que não sabíamos quem tinha atirado nos dois Devil's mortos que estavam deitados na estrada. Eles não acreditam em nós, mas no momento, suas mãos estão amarradas.

Olhando para Daniel quando passo, caminho até a van e pego a mão de Laynie. Eu a ajudo e entrego o cinto de Dexter para ela, depois a conduzo ao terreno do cemitério onde Mouse está prestes a ser enterrado. Eu não me incomodo em dizer a ela que ele está lá. Ela está um desastre desde que Mouse morreu, mal conseguindo dormir e chorando o dia todo. Se ela soubesse que seu irmão tem algo para mim, isso quebraria seu coração já fragilizado.

Decidimos fazer um enterro mais casual para Mouse, com o Gunner oficializando. Mouse não era religioso e, além de Sarah, éramos a única família que ele tinha. Ele teria gostado disso. Sarah se senta ao lado de Tess, a Old Lady de Gunner, os olhos cobertos de óculos de sol escuros, esfregando um lenço embaixo deles para enxugar as lágrimas de seus olhos. Ela se agarra à mão de Tess como uma tábua de salvação.

Gunner fica na frente do caixão esperando por todos nós nos instalarmos. Eu olho em volta. O clube inteiro está aqui, junto com Old Ladys, prostitutas e amigas do clube. Mouse ficaria

orgulhoso de saber que muitas pessoas se importavam com ele. Eu só queria que ele soubesse disso antes de morrer.

—Mouse veio até mim há um ano, querendo uma chance de se juntar aos Kings. A primeira vez que ele veio, eu ri na cara dele. Você podia ver que o garoto tinha um coração do tamanho do Canadá batendo em seu peito, e ele usava esse coração na manga. Estas não são boas características para um King.

Ele balança a cabeça, um pequeno sorriso se formando em seu rosto.

—Nós temos crianças como Mouse entrando no clube o tempo todo, querendo ser um de nós. Querendo ser um cara durão. Mas eles não podem aguentar. Mouse também não parecia que pudesse aguentar. O garoto tinha um sorriso bobo no rosto toda vez que eu olhava para ele. Mas ele me provou que estava errado.

Olhando em volta para o resto de nós, Gunner pigarreia.

—Todas as noites ele aparecia no clube, e toda vez que ele tinha uma nova razão de porque ele seria um bom motoqueiro. Aquele maldito garoto me deu todos os motivos de ser capaz de deixar crescer a barba desde os cinco anos até a última razão que ele me deu. Essa razão foi porque eu o levei. Ele estava sozinho. Foi isso. Ele não me contou por pena. Ele me disse isso, então eu saberia que ele era como todos nós. Antes de nos encontrarmos, cada um de nós estava sozinho de uma forma ou de outra. Mouse não queria ser um cara durão. Mouse deu uma olhada na nossa família e queria fazer parte dela.

Eu mordo meu lábio, lutando contra a onda de tristeza que passa por mim e vejo Gunner colocar a mão no caixão de Mouse.

—O dia em que eu disse àquele garoto que ele era o nosso mais novo prospect, o bastardo louco gritou e gritou como um maldito lunático. Quase quebrou minhas malditas costelas quando ele me abraçou. Eu pensei que com certeza esse garoto iria falhar. Não há como uma criança fazer isso em um mundo como o nosso. Mas eu estava tão errado, Mouse era o garoto mais fiel e amoroso que já conheci. Não importava a tarefa que eu lhe dava, ou o quanto eu montava sua bunda, ele fazia o seu trabalho, e no final do dia aparecia na casa do clube com um sorriso em sua cara de merda. Mouse não quebrou.

—Como Mouse, não há como quebrar os Kings of Korruption também. Sua morte será dura para todos nós, mas não ficará impune. Mouse será vingado, nem que for a última coisa que eu faço. — Ele olha para Sarah e coloca a mão sobre o peito. —Sarah, saiba que o Mouse amava você e a própria ideia do bebê que você está carregando fez dele o homem mais feliz do mundo. Saiba que o Mouse era uma família para nós, e isso faz você e sua filhinha família também. Nós sempre estaremos aqui para vocês duas. Mouse não queria de outro jeito.

Sarah soluça e agarra Tess com mais força enquanto acena para Gunner, claramente grata por suas palavras. Eu olho para Laynie, encontrando-a segurando Charlie com um braço enquanto ela segura firmemente ao meu lado. Fungando, ela

enxuga o rosto coberto de lágrimas com um lenço encharcado e sorri em minha direção.

—Você está bem?

—Eu estou bem, querida. — Eu sussurro.

Ela descansa a cabeça no meu ombro e suspira.

—Bom. Agora me leve ao uísque.

Balançando a cabeça, começo a rir. Louca.

CAPÍTULO 20

TEASE

Gunner havia aberto o plano para nós antes de pegarmos a estrada para a jornada de cinco horas até Toronto. Nós iremos para o clube dos Devil's Rejects, tirar qualquer desculpa para um prospect que eles tenham em pé sentinela no portão e entraremos, atirando em cada filho da puta que nós vermos pelo caminho. Nosso principal alvo é o próprio presidente dos Devil's, Deed Landry. Quando tudo isso estiver feito, nós tocaremos fogo na porra do lugar.

Depois de uma longa história com Deed e seus Devil's, finalmente começamos a desenvolver uma amizade entre os dois clubes. Executar Laynie e eu fora da estrada havia cortado essa amizade, e matar Mouse tinha sido o último prego no caixão daquele filho da puta. Ele não tem chance.

Todo esse plano é louco, direto de um maldito filme de gângster, mas é louco o suficiente para funcionar. Os Devil's não vão nos esperar entrar, balas voando. Eles não estarão prontos e isso nos dá o elemento surpresa. O clube dos Devil's é um antigo armazém nos arredores de Toronto, longe das movimentadas ruas residenciais e de alto tráfego. Eles vão nos ouvir chegando, então temos que nos mover rapidamente.

Parando a vários quarteirões do nosso alvo, Gunner se vira para falar com todos nós. Um movimento palpitante toma conta do meu peito, e cada músculo do meu corpo se aperta quando ele crava cada um de nós no lugar com os olhos.

—Eu odeio essa merda tanto quanto vocês. A verdade é que eu não levo as pessoas a matar de ânimo leve. Mas esses filhos da puta mataram o Mouse. Da próxima vez, pode ser qualquer um de vocês.

Seus olhos se voltam para Ryker.

—Ou Charlie. — Ele olha para mim. —Ou Laynie. — Minha mandíbula aperta. É quase insuportável.

—Espere! — Como um, todos nós voltamos para Ryker em surpresa. —Nós realmente vamos entrar lá, como um bando de assassinos e matá-los?

Gunner avança e olha para Ryker.

—O plano está definido.

Ryker acena com a cabeça.

—Eu sei, mas me ouça. Se seguirmos esse plano, não seremos melhores do que eles são. — Ele abre os braços e olha em volta. - Vocês todos podem realmente viver, sabendo que acabamos de entrar e matamos um monte de homens? Você realmente acha que a porra dos policiais não vai rastrear isso de volta para nós? Que não vamos ser pegos? — Ele passa a mão pelo cabelo. —Um homem ordenou aquele ataque. Um homem está por trás daqueles

bastardos chegando e matando o Mouse. Vamos jogar essa merda de forma inteligente e nos livrar desse homem.

O brilho do Gunner se desvanece quando ele escuta.

—O que você está sugerindo?

—Eu digo que esperamos. Nós assistimos aquela porra do clube e esperamos pelo Deed sair. Então nós o seguimos para casa. Depois disso, nos apoderamos dele e fazemos o filho da puta pagar.

Eu olho em volta e vejo os outros homens assentirem, e é como se um peso gigante fosse levantado do meu peito. Eu não estava com medo de realizar o plano de Gunner, mas a ideia de matar tantas pessoas, de ter o sangue nas mãos e de ser pego e ter que deixar Laynie para passar o resto da minha vida na prisão estava sendo peso enorme em minha mente.

Gunner acena.

—Vamos colocar isso em votação. — Ele olha em volta para cada um de nós. —Todos a favor de levar a cabo o plano de Ryk, digam sim. — Os sins são unânimes.

Reaper e Jase se aproximam do clube e assistem ao Deed sair. Eles vão segui-lo para casa e nos ligar com o local assim que ele estiver dentro.

Nós esperamos mais quatro horas antes de Ryker receber um texto de Jase dizendo que eles estão em movimento. É outra hora depois disso antes de conseguirmos um endereço. Como um, vamos juntos para o endereço que Jase havia fornecido.

Deed mora em uma antiga casa de fazenda, a vários quilômetros de distância do vizinho mais próximo. Reaper e Jase já invadiram e o amarraram no chão de sua sala de estar. Deed olha para todos nós enquanto entramos, em silêncio por trás da mordaça amarrada ao redor de sua cabeça. Seus olhos se estreitam em Ryker.

—Sim, sou eu, filho da puta. — diz Ryker enquanto se aproxima, sua voz gotejando com desprezo. —Você é um idiota, Deed. — Deed não pode fazer nada além de disparar ódio de seus olhos. —Essa merda toda começou porque *seu* maldito cara tentou estuprar minha esposa. Quase a matou porra. Pará-lo era a única opção que tínhamos, porque minha garota precisava de uma porra de ambulância para salvar sua maldita vida. Você o queria, e porra me matou por não ser o único a matar aquele canalha, mas eu lhe fiz uma porra de promessa. - Ele apunhala um dedo na cara de Deed. —Não tivemos nada a ver com Krueger ser morto. Você começou toda essa guerra sobre algo que nem fizemos porra.

Agachando-se, ele coloca seu rosto em Deed.

—Você quase matou meu amigo ali, e sua namorada, por algo que não fizemos. — A voz de Ryker se eleva enquanto ele fala, o rosto avermelhado de raiva. —Você atirou em nosso maldito dia na maldita praia por causa de alguma merda idiota que não *fizemos porra!* — Ele agarra a frente da camisa de Deed e puxa-o para fora do chão, colocando o nariz a poucos centímetros de Deed. —E você

matou o nosso maldito prospect sobre ALGUMA MERDA FODIDA QUE NÓS NÃO FIZEMOS!! - Ele ruge.

O rosto de Deed empalidece, mas sua expressão nunca muda. Ryker bufa de desgosto e o deixa cair, a cabeça de Deed acertando o chão de madeira quando ele aterrissa. Gunner avança e agarra o braço de Ryker.

—O que você quer fazer?

O punho de Ryker se aperta e sua mandíbula se aperta. Virando, ele se dirige a todos nós.

—Esse filho da puta feriu a todos nós. — Ele puxa uma faca de um coldre no tornozelo. Os olhos de Deed se arregalam. —Cada um de nós merece uma rachadura nele. Eu digo que nós amarramos o filho da puta para que possamos olhá-lo diretamente nos olhos. Então, um por um, nós contamos este saco inútil de merda o que ele tirou de nós, e então nós tomamos nossa facada. Quando tudo estiver feito, nós colocamos fogo nesta casa e vamos para casa.

Um por um, todos concordamos, ignorando o medo nos olhos de Deed. Reaper e Jase pegam Deed, e usando a ponta comprida da corda que usaram para amarrá-lo, penduram o pelos pulsos nas vigas expostas no teto. Meu coração bate e o sangue corre pelas minhas orelhas enquanto Reaper pega a faca de Ryker e se aproxima de Deed mais uma vez.

—Aquele garoto que você matou? Ele ia ser um maldito pai. Você roubou uma menininha da porra do seu papai, seu idiota

doente. — Erguendo o braço para trás, ele usa toda a sua força para empurrar a faca para a barriga de Deed.

É preciso todo o autocontrole que tenho em mim para não recuar. Eu vejo quando Jase se aproxima, pegando a faca ensanguentada de Reaper e se aproxima de Deed, cujos gritos de dor são abafados por trás de sua mordaça.

—Aquele garoto era uma das pessoas mais otimistas que eu conhecia. Ele nunca machucou ninguém em sua vida, e você pegou isso dele. De nós. — Apertando os dentes, Jase dirige a faca para o lado de Deed.

Lutando contra a náusea, eu vejo como um por um, cada um dos irmãos atola a lâmina na carne de Deed e diz a ele o que ele fez. Quando chega a minha vez, dou um passo à frente e pego a lâmina de Ryker. Eu não sei se posso fazer isso. Deed está quase inconsciente enquanto se pendura no teto, o sangue escorrendo pelo corpo. Mas então eu penso no passeio de moto que eu estava com Laynie, quando os capangas de Deed nos expulsaram da estrada. Penso no medo que ela deve ter sentido quando não a respondi depois do acidente. E então eu penso no dia em que Mouse foi baleado. Do jeito que Laynie gritou e implorou por ajuda, e como ela parecia com lágrimas e sangue salpicado em seu rosto.

Aproximando-me dele, eu uso o dedo para levantar o queixo.

—Você quase me matou. Você quase matou minha mulher. Você matou meu irmão. Você é um desperdício de oxigênio

porra. — Dirigindo minha faca em sua barriga mais uma vez, vejo como a vida lentamente drena de seus olhos.

Dando um passo para trás, volto-me para os outros. Todos estão de pé ali, braços ao lado do corpo, ombros ofegantes com o peso da respiração. Gunner é o primeiro a ir embora. Olhando para Reaper, ele diz.

—Queime este buraco de merda até chão.

Quando saio, ouço grito abafado vindo de todo o lado da casa.

—Se você está vindo, é melhor você vir agora, porque o Deed não vai durar muito mais tempo. Esses bastardos o cortaram para o inferno.

Meu sangue começa a ferver quando olho em volta da esquina da casa. Tiny parado de costas para mim, uma mão no quadril, a outra segurando um celular no ouvido. Aquele traidor filho da puta.

—Eu não sei porra. Vou prendê-los o máximo que puder, mas é melhor você se apressar.

Ele termina a ligação e vira-se de volta para a casa, quase correndo para dentro de mim. Levantando uma sobrancelha, vejo como seu rosto empalidece.

—Com quem você estava falando, Tiny?

Ele fica mais ereto.

—Nenhum dos seus negócios, cara de cicatriz.

Meu punho bate em seu rosto, achatando seu nariz em contato.

—Vou perguntar uma última vez. Com quem diabos você estava falando?

Ryker e Gunner chegam na esquina quando Tiny rola no chão, apertando as mãos sobre o nariz.

—Você é louco porra! Você quebrou meu nariz!

Virando-me para Gunner, eu me esforço para acalmar a porra da boca e explicar o que ouvi.

—Essa porra gorda estava falando com alguém. Parecia que ele estava dizendo a eles onde estamos e o que estávamos fazendo a Deed.

Os olhos de Ryker se arregalam e seus punhos se contraem enquanto ele dá um passo à frente, mas Gunner levanta a mão.

—Me dê o telefone.

Tiny com os lamentos, medo enchendo seus olhos enquanto ele me assiste pegar o celular que ele usou e entregá-lo para Gunner. Gunner toca a tela algumas vezes e coloca o telefone no ouvido, seus olhos nunca deixam a posição propensa de Tiny no chão. Uma saudação abafada vem dele e os olhos de Gunner fecham. Desconectando a ligação, ele olha para Ryker.

—Parece que o Tiny está falando com o VP dos Devil's.

A raiva me coloca no lugar enquanto eu olho Tiny. O pé de Ryker voa para fora, chutando-o nas costelas.

—Porra!

—Eu não disse nada a eles, merda! — Tiny solta suspiros entre suspiros desesperado por ar.

Gunner entrega o telefone para Ryker.

—Vasculhe isso. Veja quantas vezes ele falou com esses idiotas. E por quanto tempo. — Abaixando, ele agarra Tiny pelo colarinho e o puxa para seus pés. Eu dou um passo à frente e seguro seus braços atrás de suas costas enquanto Gunner o revista, puxando três armas diferentes de seus coldres.

Ryker toca a tela, procurando pelo histórico de chamadas, seu rosto escurecendo a cada toque. Seus olhos se movem para Tiny.

—Explique.

—Foda-se. — Ele cospe, ódio brilhando em seus olhos.

Ryker levanta o telefone, sua mandíbula apertada.

—Diz aqui que você teve uma conversa de sete minutos com o próprio Deed na noite em que Tease e Laynie saíram da estrada.

Tiny não diz nada.

Ryker continua.

—Também diz aqui que você falou com ele novamente, por onze minutos desta vez, na manhã do nosso pequeno piquenique. No mesmo dia, esses filhos da puta invadiram e mataram Mouse.

Ele tenta recuar, mas eu seguro seus braços com força. Gunner pega o telefone de Ryker e se vira para enfrentar Tiny.

—Então, esses babacas estão a caminho daqui agora?

Ele olha para todos nós enquanto ele cospe no chão.

Gunner dá um breve aceno de cabeça e chega atrás dele, puxando sua arma. Os olhos de Tiny estão bem abertos, mas ele não

diz nada. Gunner levanta a arma, apontando para o rosto de Tiny. Ele olha para mim e sacode os olhos para o lado, indicando que preciso me afastar. Largo os braços de Tiny e me movo para ficar atrás de Gunner.

Gunner estreita os olhos, ódio gravemente em suas feições.

—Acho que não temos tempo para colocar isso em votação. — Então ele puxa o gatilho.

Virando-se para mim, ele enfia a arma de volta no bolso.

—Coloque-o na casa para que ele possa queimar com seu amigo Deed, e vamos dar o fora para nossas mulheres.

***

Laynie

Suspirando, eu toco a tela, aceitando o telefonema da minha mãe.

—Oi mãe.

Sua voz é tranquila quando ela responde.

—*Oi, Laynie*. — Surpresa com o desconforto em sua voz, eu espero. —*Estou feliz que você respondeu*.

—Você está bem, mãe? — A preocupação se insinua em minha mente enquanto a escuto respirar fundo.

—*Me desculpe, Laynie.* — Suas palavras me inundam, choque congelando minha língua. —*Eu tenho feito alguns pensamentos*

desde que eu falei com o seu jovem... — Ela respira fundo. —*Ele estava certo, sabe? O que ele disse. Eu sabia que ele estava certo. Eu simplesmente não podia aceitar.* — Sua voz se enche de lágrimas. — *Você e eu costumávamos a ser tão próximas, querida. E eu arruinei isso*.

Lágrimas enchem meus olhos enquanto ouço sua confissão.

—Não mãe. Você não estragou tudo. — Eu sorrio. —Você pode ter esmagado um pouco, mas você não estragou tudo.

Ela solta uma risada através das lágrimas.

—*Eu vou trabalhar em não ser tão superprotetora, ok? Eu só... depois do acidente, acho que comecei a me concentrar em você para ajudar a esquecer sobre a morte de Garrett. Mas eu quase perdi você também, Laynie. Houve um tempo em que não sabíamos se você ia conseguir. Foi aterrorizante.*

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Às vezes esqueço que, embora tivesse perdido a visão e meu irmão no acidente, meus pais haviam perdido um filho. Ouvi-la admitir a dor, me faz perceber o quão egoísta meu pensamento tem sido.

—Eu te amo, mãe.

Ela soluça no telefone.

—*Oh, baby, eu também te amo.*

Minha mãe e eu ficamos no telefone por mais vinte minutos, e quando finalmente desligamos, meu coração parece mais leve do que há anos. As coisas estão finalmente dando certo com minha mãe, e meu pai e eu sempre fomos sólidos. Ele é maravilhoso, mas

evita o confronto a todo custo. Eu sei que ele me ama, mas ele nunca fica na minha cara. Quanto a Daniel, ainda preciso consertar as coisas com ele, mas pelo menos estamos conversando.

Ouvindo a chave na fechadura, eu me sento, esperando que Travis entre. Embora ele não quisesse me dizer para onde estava indo, eu sabia. Foi no peso de sua voz e nos telefonemas sussurrados, para não mencionar o fato de que ele se foi há tanto tempo.

—Oi. — Ele parece exausto.

Eu sorrio e seguro meus braços, fazendo sinal para ele vir até mim.

—Oi querido.

O sofá mergulha quando ele se senta, me puxando para cima de seu colo e envolvendo seus braços em volta de mim com força. Pressionando seus lábios no topo da minha cabeça, ele apenas me segura. Ele cheira a sabão em pó.

—Você foi embora por um tempo. — Eu sussurro.

Ele balança a cabeça, lábios ainda pressionados no meu cabelo.

—Voltei algumas horas atrás. Parei no meu lugar para tomar um banho primeiro.

Eu não digo nada e apenas aperto-o com força.

—Porra. Estou tão feliz por estar em casa, Laynie.

Meu coração aperta e minha barriga vibra. Apertando-o ainda mais apertado, eu sussurro.

—Fico feliz em saber disso, querido.

Nós nos sentamos em silêncio, abraçados, e apenas ouvindo a nossa respiração. Finalmente, não aguento mais.

—Você está bem, Travis?

Ele balança a cabeça, seus lábios torcendo no meu cabelo enquanto ele faz.

—Não.

Eu me viro, colocando minhas mãos em suas bochechas e pressiono meus lábios nos dele.

—Conte-me.

Ele balança a cabeça novamente.

—Eu não posso. Se você não sabe de nada, não pode se meter em nenhum problema.

Engolindo em seco, eu aceno. Eu sabia que era ruim.

—Eu sei que você foi atrás dos Devil's.

Ele congela.

—Como você sabe disso?

—Do jeito que você está agindo. O telefone sussurrado chamando o último par de dias, e o fato de você ter por tanto tempo. — Eu varro meus lábios em sua bochecha. —Você não precisa me dizer nada sobre, mas pode desabafar comigo.

Suspirando, ele me pega e me coloca de volta no sofá antes de ele ficar de pé. Eu posso ouvi-lo andando de um lado para o outro na minha frente enquanto ele fala.

—Porra. Aquela merda que fizemos... enquanto eu estava fora... foi muito ruim, Laynie. Como podemos viver com nós mesmos depois dessa merda?

Forçando meu rosto a permanecer inexpressivo, mantenho-o apontado para frente enquanto respondo a ele.

—Está acabado?

Ele bufa.

—Oh, acabou. — Ele volta a andar de um lado para o outro. — Você acredita em um olho por olho, Laynie? Retribuição?

Mordendo meu lábio, penso na pergunta dele. Penso em Mouse, Sarah e no bebê que ela está carregando. Então eu penso sobre como aqueles homens tinham chegado àquela área de piquenique, abriram fogo contra nós e foram embora sem que os policiais pudessem fazer nada sobre isso. Apertando meus punhos, eu fixei meu maxilar e respondo.

—Absolutamente.

O ar corre de seus pulmões e ele se ajoelha na minha frente, colocando as mãos nos meus joelhos.

—Só quando eu estava começando a acreditar que eu não era um monstro...

Passando meus dedos pelo cabelo dele, aponto meus olhos para o rosto dele e sussurro.

—Monstros não sentem remorso. Monstros são pessoas como esses homens, que vêm e roubam uma vida preciosa, depois

seguem em frente como se nada tivesse acontecido. Você não é um monstro, Travis. Você é humano.

Os dedos dele percorrem minhas bochechas.

—Você me faz querer acreditar nisso.

Eu sorrio baixinho.

—Você deve. É verdade.

Ele suspira.

—Laynie, meu mundo é fodido. Eu não sou um motoqueiro de conto de fadas de um de seus livros, e eu não vivo em um mundo de conto de fadas. É real e é muito perigoso.

Sorrindo, eu aceno.

—Sair da estrada me deu pistas sobre isso. Ser baleada confirmou isso.

—Jesus. — Ele murmura.

Mordendo de volta um sorriso, eu suspiro.

—Eu sei que não é como meus livros, Travis. Eu sei que é perigoso. Mas você quer saber uma coisa? Eu não me importo. Desde que eu conheci você, minha vida passou de solitária e escura para excitante e cheia de cor. Eu fiz novos amigos e tive mais aventuras do que qualquer heroína em meus livros. — Eu sorrio. —O melhor de tudo, eu tenho você. Você é o primeiro homem a olhar para além da minha cegueira e me tratar como um ser humano normal. O primeiro homem a me fazer *sentir* especial. — Enfocando meu rosto em sua mão, continuo. —Quem se importa

se é perigoso? Não tenho medo de viver esta vida com você. Tenho mais medo de viver sem você.

Ele fica parado por um momento antes de colocar a cabeça no meu colo.

—Porra, eu te amo. — Ele sussurra.

—Eu também te amo, querido.

Epílogo

Laynie

SE PASSOU três meses desde aquele dia terrível em que o Mouse foi arrancado de todos nós. Desde então, não passou uma noite em que Travis não tenha dormido na minha cama. Não importava o que cada um de nós estivesse tendo naquele dia, no final da noite, nos arrastamos para a cama juntos, adormecendo nos braços um do outro e acordando todas as manhãs em um emaranhado de braços e pernas e cabelos despenteados.

Hoje nós tornamos oficial. Travis tinha empacotado as poucas coisas que possuía e as levou para o meu apartamento. Eu já havia tropeçado em suas enormes botas de motoqueiro, quase caído no banheiro depois que ele deixou o assento levantado, e coloquei minha mão em uma pequena poça de líquido misterioso que ele deixou no balcão. Parece que viver juntos para valer vai levar algum tempo para se acostumar.

Ouvindo a água desligar no chuveiro, eu enrolo meu cabelo uma última vez e me certifico de me posicionar no que eu posso apenas dizer que é uma posição sexy. Assim que Travis entrou no chuveiro, eu corri para o armário e tirei meus sapatos de salto alto favoritos e tirei minhas roupas, deixando apenas minha calcinha fio

dental rendada. Eu então encontrei o corte de couro dele e o puxei para cima. Agora, estou de pé na porta do quarto, com a mão apoiada no quadril, enquanto espero meu homem sair do chuveiro.

Eu o ouço entrar e escuto o sussurro de uma toalha correndo em sua pele molhada, depois sua profunda inspiração.

—Jesus, — ele sussurra.

Sorrindo, eu coloco meu dedo dentro da abertura para o corte que eu estou usando e lentamente caminho entre meus seios e abaixo da minha barriga, escorregando-a apenas dentro da minha calcinha.

—Pare. — Ele ordena em uma voz profunda e rouca. Eu paro, puxando meu lábio inferior entre os dentes. Eu ouço seus passos quando ele se aproxima de mim. —Não se mexa.

O som de seus joelhos batendo no chão na minha frente me tira o fôlego. Meu sorriso desaparece quando meu coração dispara. A incerteza começa a surgir enquanto espero que ele faça alguma coisa, diga alguma coisa... me toque.

Sua respiração sai em fluxos irregulares.

—Porra, Laynie. Você me deixa louco. — Minha barriga vibra ao som de sua voz estrangulada. —Você é a mulher mais bonita que eu já vi. — Seus dedos deslizam dentro do corte e arrastam lentamente até a minha barriga. —Você não tem a menor ideia do quão incrível você é. — ele sussurra.

Afastando o corte lentamente, a outra mão desliza para dentro. Ele cobre meus seios com as duas mãos, rolando meus mamilos entre o dedo e o polegar. O calor se acumula baixo na minha barriga. Eu posso sentir a umidade entre as minhas pernas encharcando minha calcinha.

Eu posso sentir o seu hálito quente no meu monte através da renda da minha calcinha pouco antes de sentir o toque firme de sua língua através das minhas dobras. Prazer surge através de mim, quase me deixando de joelhos. Sua língua empurra minha calcinha mais uma vez e arrasta lentamente meu clitóris.

Estendo a mão e seguro seu cabelo com os dedos enquanto ele lambe minha boceta inchado e continua a enrolar meus mamilos com seus dedos mágicos. Eu choramingo em protesto quando ele se afasta, apenas gritando de choque quando suas mãos vão entre as minhas pernas, rasgando a tira fina de tecido que cobre minha entrada molhada, deixando-a pendurada inutilmente na minha cintura.

—Essas eram as minhas calcinhas mais sexys!

—Eu vou te comprar mais. — Ele rosna, e então sua boca está em mim. Levantando minha perna, ele a coloca sobre o ombro enquanto sua boca suga meu clitóris . Eu jogo minha cabeça para trás e agarro a moldura da porta com as duas mãos para me equilibrar.

Continuando a me foder com a boca, ele alcança e aperta meu mamilo mais uma vez, causando a mais bela dor que eu já

conheci. Eu balanço meus quadris contra seu rosto barbado, meu orgasmo crescendo forte e rápido. Quando seu dedo mergulha dentro de mim, eu grito quando o prazer me domina, meu corpo tremendo com a minha libertação.

Quando meus gritos param e meu corpo relaxa, Travis se levanta e toma minha boca em um beijo duro e faminto. Moldando meu corpo ao dele, permito que seu beijo me leve para um lugar onde só há ele e eu, para sempre. O amor por ele incha no meu coração enquanto minha língua se enrosca com a dele.

Ele se afasta e puxa o que sobrou da minha calcinha pelas minhas pernas. Quando eu levanto o meu pé para remover meus sapatos, ele agarra meu pulso e rosna.

—Mantenha-os.

Arqueando uma sobrancelha, eu sorrio e sigo para a cama onde ele está me levando pela mão.

—Sim senhor.

Posicionando meu corpo onde ele quer, ele coloca a mão entre minhas omoplatas e empurra minha parte superior do corpo para baixo na cama, minha bunda para o alto no ar. Gemendo, ele desliza o dedo pelas minhas costas e pela minha bunda até que ele varre através da minha umidade para circular o meu clitóris sensível. Eu grito, calor construindo mais uma vez quando ele dá um aperto firme.

—Este não é o momento para você ser uma espertinha, Laynie.

Ofegante, eu rolo meus quadris, desesperada por ele me tocar novamente.

—É tudo o que sei ser.

Minha respiração fica presa na minha garganta e minha pele lateja no meu novo jeito favorito quando a mão dele desce com um tapa forte no globo da minha bunda.

—Vamos ver se podemos te ensinar a ser um pouco legal.

—Eu não sou legal. — Eu sussurro, ecoando suas palavras de muito tempo atrás.

Eu ouço uma risada suave e, em seguida, outra bofetada, fazendo minha boceta apertar em antecipação.

—Não. Você não é. Você é uma espertinha. — Seus dedos encontram meu clitóris mais uma vez, e eu fecho meus olhos, gemendo enquanto ele os circunda, trazendo outro orgasmo perto da superfície.

Assim como estou prestes a gozar, ele os afasta. Choramingando, levanto a cabeça para me virar e implorar quando ele me penetra por trás, dirigindo-se ao máximo. Nossos gemidos mútuos de prazer ecoam pelo quarto.

Travis continua a dirigir em mim, nossas respirações pesadas e o som da nossa pele batendo juntos os únicos sons que eu posso ouvir. Ele se sente tão bem dentro de mim. Tão certo. Quando sua mão desce sobre mim mais uma vez, minha boceta aperta em torno dele, segurando-o no lugar.

—Jesus, querida. — Diz ele com os dentes cerrados. —Ver a minha marca rosa na sua bunda me deixa louco.

Descendo e recuando entre nós, eu gentilmente pego suas bolas e as rolo na minha mão, ganhando um suspiro agudo.

—Cale a boca e foda-me, Travis.

Ele nem se incomoda com uma resposta. Virando-me de costas, ele se acomoda entre as minhas pernas e reclama minha boca ao mesmo tempo em que ele se empurra para dentro de mim. Rolando meus quadris junto com os dele, eu choro mais uma vez quando a minha liberação toma conta do meu corpo. Sentindo seu pau inchar e ouvindo seu gemido, eu aperto minha boceta firme enquanto Travis goza comigo.

Quando o prazer desaparece e nossos corpos param de tremer, nossos beijos vão de frenéticos a doces. Travis se afasta e empurra meu cabelo para trás da minha testa suada.

—Amo você, amor.

Sorrindo brilhantemente, eu sussurro de volta,

—Amo você também. — Descansando minha cabeça em seu ombro, eu dou-lhe um aperto e fecho meus olhos. Assim como o sono começa a tomar conta, sua voz calma me traz de volta ao presente.

—Minha vida é tão diferente com você. — Ele coloca um beijo no topo da minha cabeça. —É quase perfeita.

—Quase?

Ele balança a cabeça contra o topo da minha cabeça.

—Você pode ir a um lugar comigo?

—Qualquer lugar.



***

TEASE

Chegando ao cemitério, estaciono minha moto ao longo da estrada estreita e tiro minha perna. Estendendo a mão, agarro a mão de Laynie e a ajudo ao chão. Eu vejo quando ela sacode o cabelo depois de tirar o capacete, um caroço se formando no meu pescoço. Minha mente corre por qualquer desculpa para não fazer isso. Eu não *quero* fazer isso, mas Laynie está certa, se eu tiver alguma chance de viver uma vida feliz, eu preciso me livrar do veneno em minha alma.

Ela estende a mão e coloca a mão na minha bochecha.

—Ei. Você pode fazer isso, querido. Diga a ela o que você precisa dizer.

Eu olho para longe, incapaz de lidar com o amor brilhando em seus olhos cegos.

—Isso é inútil. A cadela está morta.

Ela aperta minha bochecha, me virando para encará-la novamente.

—Não é. Ela está morta, Travis, mas você não. Você é o único que vive com o ódio e a raiva. — Ela sorri com um sorriso triste. — Perdão é uma escolha. É uma escolha que você não tem que fazer se não quiser, mas vou lhe dizer agora... perdão realmente é

divino. Ele lhe dará o poder de finalmente deixar de lado toda a mágoa, a amargura e a raiva que o corroem há anos. O perdão é uma maneira de recuperar esse poder, para que você possa seguir em frente e finalmente viver sua vida com a verdadeira paz.

Eu não posso tirar meus olhos dela enquanto ela fala, o amor que sinto por ela fazer meu coração inchar.

—Como você ficou tão inteligente?

Ela sorri.

—Oh, eu sou o pacote total, *baby*. Graça, cérebro e beleza. — Ela pisca. —Eu também sou muito flexível.

Envolvendo meus braços ao redor dela, eu comecei a rir. Essa mulher é tudo para mim. Eu sei que nunca vou ter as palavras para dizer a ela exatamente o que ela fez por mim, e o quanto ela significa para mim, mas eu quero passar cada momento a fazendo sentir isso. Abraçando-a perto, eu escovo meus lábios contra sua têmpora e sussurro.

—Te amo, *baby*.

—Eu também te amo, Travis. — Ela sussurra de volta.

Recuando devagar, pego a mão dela e me movo em direção à área onde me disseram que minha mãe estava enterrada. Depois de cavar um pouco, Reaper conseguira descobrir o que acontecera com minha mãe e Rick. Minha mãe morreu menos de um ano depois de eu ter fugido. Ela foi encontrada em uma banheira cheia de água com sangue, com os pulsos cortados e contusões por todo o

corpo. Seu braço estava quebrado e havia um grande corte no lado de sua cabeça.

Rick foi condenado à prisão perpétua por seu assassinato. Ele tentou fazer parecer um suicídio, mas as lesões óbvias em seu corpo não deixaram nenhuma dúvida sobre o que realmente aconteceu. Ele passou seis anos na cadeia antes que outro detento o pegasse com uma faca caseira. Eu queria que ele ainda estivesse vivo para que eu pudesse cuidar do filho da puta eu mesmo.

Eu estou escaneando os números em cada túmulo quando o nome dela chama minha atenção.

—Deborah Hale. — Meu coração aperta quando vejo que quem quer que tenha providenciado seu enterro a enterrou com o nome de meu pai e não o de Rick. É assim que deve ser.

Eu paro e solto a mão de Laynie. Ela fica para trás e espera em silêncio enquanto eu traço meus dedos levemente sobre as letras de seu nome. Eu penso nas memórias que tenho desde que meu pai morreu. Minha mãe era tão bonita e divertida. Lembro-me dela cantando na cozinha enquanto ela nos assava biscoitos de chocolate e dançava ao redor da sala quando sua música favorita veio no rádio. Lembro-me de ela enxugar minha testa com um pano de papel quando eu estava com febre e se arrastando para a cama comigo quando tive um pesadelo.

Depois que meu pai morreu, ela mudou. Eu me lembro do olhar distante em seu rosto quando Rick me bateu, e do cheiro de álcool obsoleto que parecia segui-la em todos os lugares que ela

ia. Eu me lembro das noites que passei com cólicas abdominais porque eles foram para a cama sem fazer a ceia e os muitos dias que eu tive que usar roupas sujas porque minha mãe tinha esquecido de lavar roupa. Mas então penso nas outras memórias. As brigas que ela costumava ter com Rick, e os gritos que eu ouvia quando ela implorava para ele parar de bater nela. Lembro-me dos olhos negros e do olhar de derrota que ela usava todos os dias quando finalmente se arrastava para fora da cama.

E depois penso naquele dia na delegacia. Ela nem sequer olhou para mim naquele dia. Agachado na frente da lápide da minha mãe, coloco minha mão em cima e fecho os olhos com força. Minha mãe finalmente fez algo para me salvar naquele dia. Ela não tinha como saber a merda que eu passaria no abrigo. Ela me deixou ir porque ela sabia que eu não estava seguro em sua casa.

Uma lágrima escapa do meu olho e rola lentamente pelo meu rosto enquanto me lembro das lágrimas que eu a vi chorar naquela sala de interrogatório da polícia. Ela estava me libertando. Minha mãe estava tão envolvida e presa naquela casa quanto eu, mas finalmente conseguira me libertar.

A compreensão flui através de mim, o amor que eu sentia por minha mãe queimando mais forte do que em mais de vinte anos. Virando, pego o pequeno buquê de flores que Laynie está segurando e sustento-as gentilmente contra sua pedra. Eu estendo

a mão e corro meus dedos pelo nome dela mais uma vez e sussurro através do cascalho em minha voz.

—Obrigado.

Eu olho para o nome dela por outro momento, pensando em todos aqueles anos que perdi, odiando minha mãe antes de finalmente me levantar e me virar para Laynie. Indo nela, beijo sua testa e a abraço.

—Isso foi graças a *você.* — Eu sussurro.

Aparecendo na ponta dos pés, ela dá um beijo suave na minha bochecha.

—Como você se sente?

Envolvendo meus braços ao redor dela, eu a puxo para fora de seus pés e sussurro em seu ouvido.

—Livre.

***

Jase

Eu vejo sua bunda balançar e saltar ao ritmo da música, meu pau endurece e pressiona firmemente contra o zíper do meu jeans. Eu não posso tirar meus malditos olhos dela. Eu tinha notado Ellen meses atrás, quando ela era uma das enfermeiras do hospital onde meu amigo Smokey tinha ido morrer. Ela tem uma bunda linda, mas ver suas pernas longas e sua bunda apertada naquela pequena saia preta faz meu coração pular uma batida.

—Nem pense nisso, cara.

Eu olho para Reaper e sorrio.

—Pensar sobre o que?

Ele bufa, balançando a cabeça.

—Charlie te pediu para você ficar longe dessa cadela. É só uma mulher. Escolha uma diferente.

Eu volto meus olhos para a pista de dança e vejo Ellen girar seus quadris e rir junto com suas amigas. Charlie tinha me dito para ficar longe dela mais de uma vez, e até agora eu tinha escutado, mas vendo-a dançar, a cabeça jogada para trás com risos, eu não tenho certeza se posso fazer mais isso. Por meses tive vislumbres dela, e todas as vezes, eu flertava e ela ria, mas na maioria das vezes eu mantive distância. Não mais. *Desculpe, Charlie.*

—Vamos lá, Jase. Olhe para aquelas outras cadelas. Seja um parceiro decente, sim.

Ele levanta as sobrancelhas.

—Eu não sou o parceiro de ninguém. Eu posso encontrar cadelas sozinho.

Eu dou de ombros e lanço minhas mãos para cima.

—Sua perda, irmão.

Deixando o Reaper sozinho, eu abro meu caminho através da multidão de corpos dançando e me aproximo do grupo de senhoras para aparecer por trás de Ellen. As mulheres em seu círculo trocam olhares de surpresa, mas ninguém diz uma palavra enquanto deslizo minhas mãos em sua cintura estreita e danço atrás dela.

No minuto em que minhas mãos tocam seu corpo, ela gira ao redor, fixando-me com um olhar irritado. Uma vez que ela percebe quem é, o brilho desaparece e a incerteza toma conta. Levantando minhas sobrancelhas, dou-lhe meu sorriso mais sexy. Isso nunca falha.

Sorrindo levemente, ela balança a cabeça e se inclina para frente, gritando sobre a música.

—O que você está fazendo?

Eu agarro seus quadris uma vez mais, e a arrasto em mim, pressionando seu corpo contra o meu. Usando a música alta como uma desculpa para me inclinar para ela, eu grito de volta.

—Bem, eu *estou* dançando com você.

Puxando para trás, ela coloca as mãos no meu peito e me empurra suavemente.

—Eu não acho que seja uma boa ideia, Jase.

Que porra é essa?

—Por que não?

Mordendo o lábio, ela olha nos meus olhos e balança a cabeça mais uma vez.

—Simplesmente não é.

Meu peito afunda quando ela se vira e sai da pista de dança sem olhar para trás. Estou chocado. Isso nunca aconteceu antes. Não para mim, de qualquer maneira. Eu olho para as três senhoras com quem Ellen estava dançando. Todas as três ainda

estão dançando, mas estão de olho em mim. Uma delas balança a cabeça, dando-me um leve encolher de ombros.

Franzindo a testa, eu me viro e acordo quando Ellen se aproxima dos banheiros. *É isso? Apenas, não ? Eu não penso assim*. Evitando os corpos balançando, derramando bebidas, e as mãos agarradas de uma mulher muito bêbada, eu volto para a multidão mais uma vez e encosto na parede do lado de fora do banheiro feminino. Espero quase cinco minutos antes que Ellen volte.

É mais silencioso aqui, então não preciso gritar.

—Como você sabe?

Ela grita de surpresa e congela, os olhos arregalados nos meus.

—O que?

Eu dou um passo à frente.

—Como você sabe que não é uma boa ideia?

Ela me olha por um momento, como um cervo preso nos faróis. Então ela se recupera. Revirando os olhos, ela ri.

—Foi apenas uma dança, Jase.

Dou mais um passo à frente, aproximando-me de seu espaço no corredor estreito.

—Exatamente. Foi apenas uma dança. Como isso pode ser uma má ideia?

Pressionando suas costas contra a parede, sua risada caindo quando ela mordisca o lábio, seus olhos nunca deixando os meus.

—Jase... — Seus ombros caem, e ela solta um suspiro pesado. —Olha... você é um cara legal, mas...

Colocando minha mão na parede acima de sua cabeça, eu me inclino para frente e reencontro seus olhos com os meus.

—Foi apenas uma dança, Elle.

Se levantando, ela me dá um olhar desafiador.

—Mesmo.

Rindo, eu aceno com a cabeça, mas sussurro.

—Foda-se não.

Seus olhos se arregalam e ela empurra a parede, fazendo-me dar um passo para trás.

—É por isso. Eu não sou essa garota, Jase. Eu não faço uma noite só. Eu já ouvi tudo sobre você, Jase Mathews...

—Ah, então você estava perguntando sobre mim.

Ela estreita os olhos e balança a cabeça.

—Não. Mas já ouvi o suficiente para saber algumas coisas e mais do que o suficiente para saber que certamente não sou o que você está procurando.

O sorriso cai do meu rosto quando o aborrecimento se infiltra.

—E o que exatamente você acha que estou procurando?

Ela sacode a cabeça.

—Não eu. — Na nota final, ela se vira e vai embora.

Eu assisto em confusão quando ela desaparece de volta na multidão. *Que porra acabou de acontecer?* Eu nunca fui pego assim

antes. *As mulheres me amam. Eu sou o Jase filho da puta Mathews.*

Eu saio do corredor assim que Ellen e suas amigas estão saindo do bar. Pouco antes de sair, ela se vira e nossos olhos se encontram. Mesmo do outro lado da sala, posso ver sua hesitação antes que ela se vire e saia. *Ah sim... ela é exatamente o que eu estou procurando. Ela só não sabe ainda.*